

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2020**
Nº 62 - JAN/MAR



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 62

NATAL, JANEIRO/MARÇO - 2020

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: Aécio Emerenciano

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.62
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 62, Jan/Mar.2020

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS

CENTENÁRIO DE UM POTIGUAR - Diogenes da Cunha Lima.....	11
SERTÃO, SERTÕES: O SINGULAR E O PLURAL EM OSWALDO LAMARTINE - Vicente Serejo.....	13
OSWALDO, UM HOMEM DE FÉ - Padre João Medeiros Filho .	23
HONRAS A OSWALDO LAMARTINE - Daladier Pessoa Cunha Lima.....	28
ALUÍZIO ALVES E A TRIBUNA DO NORTE: COMEMORAMOS, SIM! - Lívio Oliveira	30
TRIBUNA DO NORTE & ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDE DE LETRAS: UMA VELHA PARCERIA. Thiago Gonzaga	34
UM NARCISISTA MALIGNO NO “CÁRCERE PRIVADO”, DE MARGARIDA PATRIOTA - Nelson Patriota.....	40
TERCETO POÉTICO - Jurandyr Navarro	43
DIVA CUNHA E A ARTE DE TRANSFORMAR RESINA EM POESIA - Maria Marcela Freire & Valdenides Cabral de Araújo Dias.....	51
O INTERNACIONALISTA GILBERTO AMADO Enéas Athanázio	64
ZILA JORNALISTA - Gustavo Sobral & Juliana Bulhões Alberto Dantas.....	68

LIGEIRA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DESTINO DA CASA DE JORGE FERNANDES - Ivan Lira de Carvalho.....	75
POLYCARPO FEITOSA E A ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS - Manoel Onofre Jr.....	84
NÍSIA FLORESTA: FEMINISTA QUANDO NEM SE FALAVA SOBRE ISSO NO BRASIL (II) - Leonam Lucas Nogueira Cunha.....	87
UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES: NAVE DA PALAVRA - Carlos Roberto de Miranda Gomes	94
COMO SE FAZ UM SANTO? (II) - Cônego José Mário de Medeiros	105
ARTES POPULARES PRESENTES NO MUSEU DO SERTÃO - Benedito Vasconcelos Mendes.....	118
NOS ESCOMBROS DO REIS MAGOS SURGE A BASE PARA CONSTRUIR A VELHA NOVA NATAL - Cassiano Arruda Câmara.....	121
MILTON HATOUM: JAMAIS ESCREVERIA UM ROMANCE PARA ENALTECER UM GOVERNO AUTORITÁRIO.....	
Thiago Jefferson Galdino.....	126

CONTOS E CRÔNICAS

QUANDO A LUZ DOS OLHOS MEUS - Iaperi Araujo.....	137
O BARCO DA CASA SANTA - Humberto Hermenegildo....	140
SENHORA MORTE - Clauder Arcanjo.....	143
FÚRIA E SANGUE - Edson Soares	147
A NOITE VESTE LILÁS - Rui Lopes	154

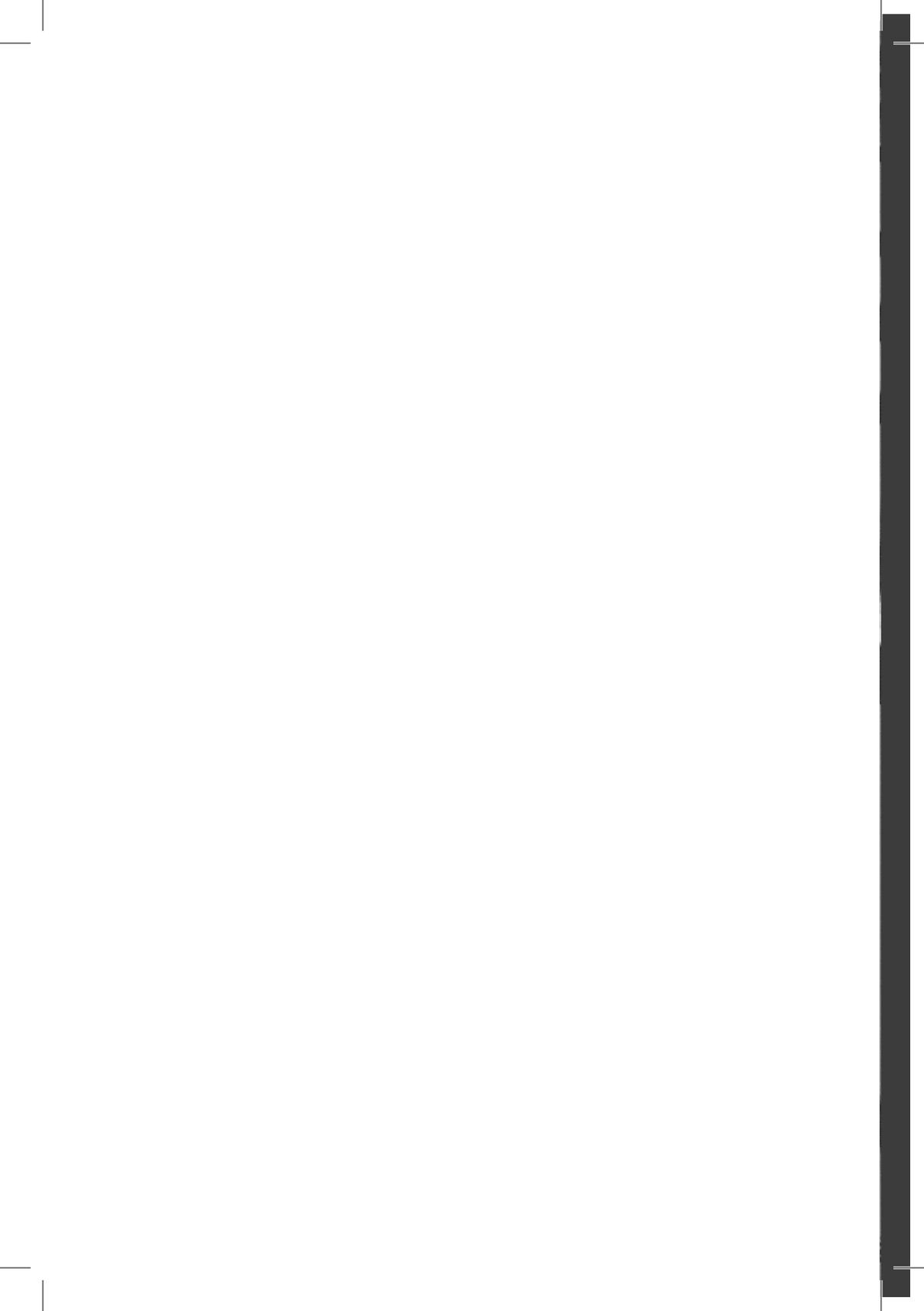
FAZENDA HORIZONTE - Tereza Custódio	157
CRÔNICAS DA FLORESTA NEGRA (01) - Antonio Nahud....	160
PERSEGUIÇÃO - Francisco Sobreira	166

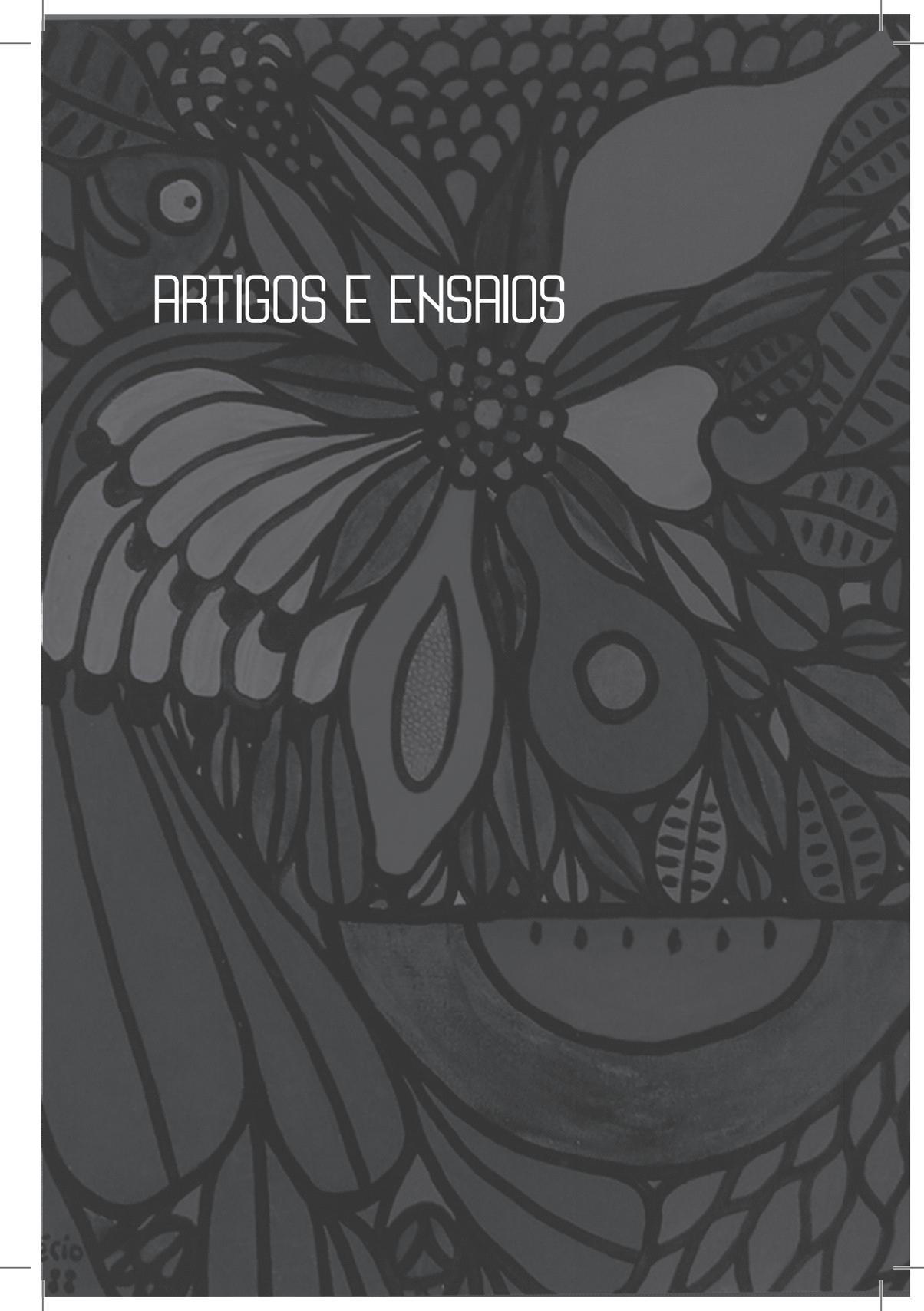
HUMOR NOSSO DE CADA DIA

MEMÓRIA POPULAR IV - Valério Mesquita	171
---	-----

POEMAS

TRÊS POEMAS DE JARBAS MARTINS	181
QUATRO SONETOS DAS QUATRO ESTAÇÕES	
Roberto Lima	184
O SUSSURRO DO OUTRO EM SI - Elder Heronildes	188
BRUMA - Chumbo Pinheiro	190





ARTIGOS E ENSAIOS



CENTENÁRIO DE UM POTIGUAR

Diogenes da Cunha Lima

José Mauro de Vasconcelos (1920 – 1984), escritor de crescente prestígio literário, embora nascido no Rio de Janeiro, foi um natalense por formação e sentimento. Veio para cá ainda menino e aqui viveu sua juventude aventureira e linda.

Na verdade, a vida desse *potiguar* superou, em intensidade e emoção, toda a sua ficção. Por falta de vocação, abandonou o curso de medicina. Foi treinador de boxe, pescador no mar, professor de curso primário, modelo no Museu de Belas Artes, artista plástico e ator. No Estado do Rio, sobreviveu como carregador de banana. E em São Paulo, como garçon de boate.

Os seus romances têm forte sabor autobiográfico. Em “Meu Pé de Laranja Lima”, o narrador é Zezé. É a história de um *menino que um dia descobriu a dor*. Esse mesmo Zé está no livro “Doidão”, nadando, adolescente, no Rio Potengi. O autor mudou-se como Chicão em “Barro Blanco” das salinas de Macau. “Confissões de Frei Abóbora” narra o adulto buscando um sentido para a vida. O papa-jerimum, asilado no Rio, repete Nei Leando de Castro: “Sou um / dos que não chama de abóbora / o jerimum”.

No exterior, José Mauro é mais traduzido que Clarice Lispector e Machado de Assis. No Oriente, as traduções também se sucedem, notadamente na China, Japão, Vietnã, Coreia do Sul, Turquia.

Há alguns anos, Sanderson Negreiros contou-me, surpreso, que aqui estava uma delegação vietnamita que viera conhecer a cidade e o rio de José Mauro de Vasconcelos.

Natal ganhou a sua presença decorrente da pobreza dos pais.

Aqui, viveu sob os cuidados do seu tio médico, Ricardo Paes Barreto.

Desde cedo, foi reconhecido como exímio nadador. Escandalizou moradores de Areia Preta por nadar pelado. Para evitar tubarões, nadava em alto-mar ao lado de canoa possivelmente salvadora. Em competição nacional, tirou o primeiro lugar, nado livre, partindo do cais da Tavares de Lira ao Refoles.

Conseguiu vaga em um navio de carga para o Rio de Janeiro. Lá, notada a sua beleza física, foi indicado como modelo. Posava para ganhar algum dinheiro de dondocas artísticas. Dizia-se que ele prestava a elas também serviços emocionais.

Aconteceu que Bruno Giorgi, o escultor genial, foi contratado pelo Ministro Gustavo Capanema para fazer as imagens do Monumento à Juventude Brasileira no prédio do antigo MEC. José Mauro virou estátua, obra-prima em bronze à frente de jovem também encantadora. Mário Schonberg, inspirado em um notável crítico alemão, declarou que a imagem desse homem representa o que há de juvenil, sadio, feliz, transpira um sentimento de dignidade, uma figura ao mesmo tempo viril e sensual, mas saudável e otimista.

Uma exaltação à vida foi o exercício de viver e de escrever de José Mauro de Vasconcelos.

A Academia Norte-rio-grandense de Letras vai promover celebração da sua memória, revisitando, inclusive, obras fundamentais, tais como: “Rosinha, minha canoa” (1962), “O Palácio Japonês” (1969) e “Vamos Aquecer o Sol” (1974), perfeitamente confessional. Zé Mauro, o natalense vive.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



SERTÃO, SERTÕES

O SINGULAR E O PLURAL EM OSWALDO LAMARTINE*

Vicente Serejo

Há um sertão territorial e físico que para uns é um lugar, comum e igual, feito da terra, da flora e da fauna. E há um sertão plural, que cada um vivente carrega como invenção particular, fundado nas sensações, vivido e reinventado nas experiências e afeições mais íntimas. São os sertões multiplicados, reais, cósmicos e mágicos.

Um é o sertão fisiográfico, substantivado pela fisiografia que descreve os aspectos reais e fenômenos naturais, feito do saber da ciência que estuda a natureza da região como acervo material e científico. O outro é o sertão humano e antropológico que tem no homem o centro do seu universo, fixando a grandeza de sua presença na busca de compreendê-la e compreender-se, como invenção e reinvenção de si mesmo.

O sertão da terra, da flora e da fauna que o homem observa e com o qual aprende desde tempos velhos, das entradas e bandeiras, viajantes e povoadores. E o outro sertão, produto cultural do homem, centro gravitacional do território, usina do fazer, vivendo no seu chão, com plantas e bichos, inventando e reinventando os traços e tratos culturais.

O primeiro é a região que a ciência chama bioma da caatinga. O segundo é o mundo habitado pelo homem que nele fundou uma civilização com o plantio da vida, da arte e da ciência na conquista da sobrevivência.

O primeiro é o sertão singular. O segundo é o sertão plural.

A unicidade que marca o sertão singular e o faz parecer igual no olhar e singularizado pelas leis científicas do saber-saber, não o



torna culturalmente mais determinante. O outro, o sertão plural, tem na pluralidade inventada e reinventada pelo

homem a magnitude com a qual esse homem fundou um processo civilizatório. Nele, nasceu o Homem Sertanejo e, no seu rastro atávico, a Civilização da Seca.

É este sertão dos sertões, amalgamado no saber-saber e no saber-fazer, esse sertão de experiências feito, no dizer de Camões, o grande território cultural e literário de Oswaldo Lamartine. Fecundado no mais belo conjunto de observações e registros que flagra a ciência e a completa para que não seja apenas um rigoroso arrazoado científico.

A arqueologia das ideias

No Rio Grande do Norte, do ponto de vista da geografia física, o sertão tem uma rica arqueologia de ideias formada por quatro leituras fundadoras que praticamente constituem seu saber ancestral: Phelippe Guerra, Theóphilo Guerra, Eloy de Souza e Joaquim Inácio de Carvalho, para citar os principais. Uma ancestralidade erguida nas três primeiras décadas do século vinte, alguns textos hoje com mais de um século. Desde os primeiros artigos e discursos de Phelippe Guerra e do então deputado federal Eloy de Souza, na primeira década, à visão prospectiva dos ensaios de Joaquim Inácio de Carvalho no seu olhar pioneiro sobre a riqueza dos vales úmidos e o armazenamento de água como forma indispensável para enfrentar a estiagem e conviver com a seca.

Para eles, - e foram modernos, ao contrário do que se possa pensar - a seca já não se limitava ao fenômeno natural ou meteorológico inevitável e irreversível. A seca é a falta de água, o que pode ser suprimido com açudagem planejada, barragens, irrigação e uso racional dos vales secos e úmidos, para citar as preocupações mais conhecidas.

Essa arqueologia da seca, como ideia e pensamento, parece muito bem condensada no longo e rico prefácio de Câmara Cascu-



do para ‘O Calvário das Secas’, de Eloy de Souza, datado de outubro de 1938, que reúne discursos, conferências e artigos em torno dos mesmos temas dos irmãos Phelippe e Theóphilo Guerra, e Joaquim Inácio de Carvalho. São eles que fazem a primeira sementeira das ideias da açudagem, irrigação, preservação dos solos, da flora, da fauna, do algodão. É no seu ‘O Calvário da Seca’ que Eloy cita o livro de Joanny Bouchardet - ‘O Problema do Norte’, Minas, 1938 - e que conheceu pessoalmente, autor que discutiu quase que pioneiramente ‘o grande canal do Norte’, levando as águas do São Francisco até a bacia do Jaguaribe, com canais secundários entre a Bahia e o Ceará, banhando o Rio Grande do Norte.

Onde fica o sertão? Onde começam suas terras? Como é possível vê-lo na sua geografia? Descrevê-lo como território? Como surge e de que é feito o sertão aonde nasceu o homem da civilização da seca, com seus matos e seus bichos, seu céu que o inverno e seu inferno que é a seca?

Do ponto de vista fisiográfico e descrito com as tintas da literariedade, o sertão nasce assim, na bela descrição de Gustavo Barroso, em ‘Terra do Sol’, livro de que assinou com o pseudônimo de João do Norte, em 1912, e tinha apenas 34 anos:

- Quem das praias do Ceará demanda o interior das terras, nota que todo o terreno sobe, muito sensivelmente, da orilha do Atlântico para o sertão. E quando se avistar uma argila vermelha ao invés da alva areia dos tabuleiros que margeiam a costa e o olhar não mais vir o cajueiro e o cauçu, nem as crespas moitas viçosas de murici, guajiru, guabiraba e murta oferecer seus frutos ao descaso dos transeuntes; quando o pau branco se esgalhar entre cerrados de rompe-gibão, troncos altos de catandubas elegantes, e ao olhar se estenderem vastas caatingas de juremas raquíticas, ensombrando touceiras de coroas-de-frade; quando cortarem o terreno largas lajes de granito e xistos argilosos, quartzitados, se esbarrondarem lenta e silenciosamente se transformando em mármore, - aí começa o sertão.



A Escola

O sertão mais sertão, o sertão plural, foi a escola de Oswaldo Lamartine. A escola superior, feita do saber-fazer, certamente maior do que aquela outra na qual estudou, de papel e lápis, mas já sabendo de tudo. Se o rapaz, lá em Minas, aprendeu a fisiografia das terras e dos lajedos, das plantas e dos animais, já levava no bisaco de menino sertanejo tudo que aprendera no mato, com os bichos, o homem, o sol, a lua, às estrelas, vivido que fora, desde os cueiros, na dimensão cósmica e magistral do sertão monumental.

Sertão que Oswaldo Lamartine descreve assim:

— Faz de conta que você está espiando o mapa do Rio Grande do Norte muito lá de cima. E quando dá as costas para o mar e se interna de terra adentro, vai deixando para trás o chão arenoso do litoral e passa a pisar o terreno mais barrento do Agreste. Adiante, no rumo Leste-Oeste, os caminhos principiam a se enladeirair. São os contrafortes da Chapada da Borborema mais conhecida como Serra do Doutor. Depois do Riacho do Maxixe, nas quebradas da serra, a estrada vai descendo no rumo do Seridó. Ali os invernos são escassos e irregulares. Nos anos bons costuma principiar em dezembro e se espichar por quatro ou cinco meses...

A Escola do Sertão teve cinco grandes arquitetos e dela Oswaldo foi um mestre que ampliou a visão em torno do homem como força civilizadora, fixando as técnicas e as artes da sobrevivência no cinzento da caatinga.

Seu primeiro arquiteto foi Eloy de Souza, ao antecipar entre nós os sinais do regionalismo literário que se consolidaria no Romance de 30. O pioneirismo e a importância são revelados pelo professor e crítico literário Francisco das Chagas Pereira, ainda em 1982, edição UFRN, ao reunir numa pequena antologia que chamou de *Textos Regionalistas*, precedido de introdução crítica e anotações depois de cada um deles, registrando o significado de expressões e fatos narrados pelo autor.



Chagas Pereira recorta os textos de cartas e artigos de Eloy, divide em temas, como vaqueiros, saúde, alimentação, trabalho, cangaceiros, amor, caprinos e mezinhas. Pós-graduado em literatura na França e livre dos antolhos acadêmicos então vigentes, o crítico percebe no forte manejo das expressões da oralidade uma forma de ousar e ir além do léxico dicionarizado dos que costumavam escrever sobre o sertão. E afirma:

– Ninguém melhor do que ele soube extrair efeitos estilísticos vigorosos do linguajar regional. A leitura dos seus textos revela exemplar competência no emprego da palavra exata para expressar o detalhe relevante, quando se trata de retratar um mundo...

E acrescenta, fechando a introdução:

– É um estilo-verdade, suavemente fluente, pitorescamente eficaz porque alimentado de vivência amorosamente preservada. Estilo digno de um sertão-mito que tantas páginas inspirou na literatura brasileira.

São dois os conjuntos de cartas de Eloy, fundadoras do estilo epistolar: *Cartas de um Desconhecido*, nas quais adota o pseudônimo Jacintho Canela de Ferro, Fundação José Augusto, Natal, 1969, com seleção, introdução e notas de Raimundo Nonato; e *Cartas de um Sertanejo*, introduzidas e anotadas por Francisco das Chagas Pereira, Senado Federal, Brasília, 1983. Ambas originalmente publicadas em *A República*. A primeira, entre janeiro de 1914 e junho de 1917; a segunda, de fevereiro a abril de 1926.

Pela ordem cronológica, e bem depois de Eloy, veio a série dos artigos de Juvenal Lamartine publicados na *Tribuna do Norte*, entre outubro e dezembro de 1954, e só reunidos no livro em 1965, pela Fundação José Augusto, com o título original preservado de *Velhos Costumes do meu Sertão*. Ali, há mais de sessenta anos, Lamartine já registrava a morte dos traços fundamentais da vida nos sertões do Seridó, ameaçados pelo telégrafo, o rádio, automóvel e o avião.

A vida sertaneja, na Várzea do Assú, e se é possível dizer assim, ganhou de Manuel Rodrigues de Melo *Patriarcas e Carreiros* e *Várzea do Assú*, nos quais legou ao Rio Grande do Norte os mais importantes estudos sobre o homem varzeano. Por isso, foi o convidado por Oswaldo Lamartine para prefaciar o *Vocabulário do Criatório*, a grande ópera do sertão, o tratado informal da Civilização e da Cultura da Seca.

O quinto anotador da vida sertaneja foi o médico e escritor Paulo Bezerra, em cartas abertas, publicadas na Tribuna do Norte. Os seus cinco volumes, entre 2000 e 2018 (o último é póstumo), são o maior e mais extenso conjunto da literatura epistolar da história literária do Rio Grande do Norte. Como registro, é o mais valioso documentário etnográfico do sertão real e vivido, a mistificar-se na memória afetiva do autor vendo fugir o paraíso a tentar refazê-lo com exatidão de informação. E recompondo, com a força do real e do alegórico, sua Combray proustianamente desaparecida.

É esse sertão plural que ainda não estava tão perdido no vale do nunca-mais que Oswaldo trouxe de volta ao retornar de Minas. Guardou o diploma que lhe atestava a técnica, mas nunca precisou dele. Ora, se o sertão está em toda parte, na visão de Guimarães Rosa, para Oswaldo Lamartine só existe porque vive dentro de cada um.

É ele, Oswaldo, quem avisa:

– *Cada vivente tem seu sertão. Para uns são as terras além do horizonte mais distante e para outros o quintal perdido da infância.*

A Escola do Sertão é aquela alegoricamente reconstituída por Câmara Cascudo em *Tradições Populares da Pecuária Nordesteana*, em um dos seus instantes de maior lirismo e que tanto comovia a Oswaldo. Descreve Cascudo, com uma magia encantadora:

– *Brincava-se de fazendeiro, de vaqueiro, repetindo-se no microcosmo infantil o macrocosmo humano. Era o serviço de campo, galopando em cavalo de pau, juntando o gado feito de ossos com aboios*



sinceros e obediência maquinal da manada. Vaquejadas com derrubadas espetaculares. Fazer açudes, com cacos de louça. Juntar água, fazê-la correr, luzindo nos canais de irrigação rasgados à unha. Encanto, sedução, ciúme pela água. Um rio cheio era um deslumbramento.

A Escola do Sertão foi sua grande escola. E deixou claro esse sentimento ao receber a Medalha do Mérito Câmara Cascudo, da Academia Norte-Riograndense de Letras, em 1987. Presta uma homenagem a Câmara Cascudo - com quem reconhece ter aprendido a olhar melhor o sertão - *as coisas do meu mundo que espiava, espiava e não via* - e num gesto simbólico, mas profundamente sincero, põe a medalha no peito de cada um dos professores do sertão. Como se chamasse pelo nome e a disciplina, dizendo assim:

- Daí - pra que negar? - estou de cabeça aos pés, banhado de um sadio e merecido orgulho. Mesmo porque entendo que a recebo também em nome de todos os que me desasnaram de cada coisa: Mestre Pedro Ourives, o seleiro. Mestre Zé Lourenço, o fazedor de barragens. Chico Julião, o caçador de abelhas. Bonato Liberato Dantas, o pescador de açudes. E o rastejador e vaqueiro maior das ribeiras do Camaragibe - Olinto Ignácio.

E acrescenta, pedindo licença aos doutos para poder levar a glória que recebia dos acadêmicos, não só para ele, mas para os seus humildes e anônimos professores da Escola do Sertão, naquela noite solene, ao avisar:

- Por isso sou agradecido, por mim e por eles, a vosmíncês.

O núcleo expressivo do sertão plural, se é possível fixar o desenho e o contorno, reúne Eloy de Souza, Juvenal Lamartine, Manoel Rodrigues de Melo, Oswaldo Lamartine e Paulo Bezerra.



O Escritor

O escritor Oswaldo Lamartine nasce por acaso. Como se esperasse o toque mágico de alguém que percebesse o que vivia escondido naquele homem magro, ensimesmado, fala de sertanejo, com um sertão proustianamente perdido, por isso quase todo pregado nas paredes do seu apartamento, no Rio de Janeiro. Um prisioneiro de livros e papéis velhos que imaginava servirem apenas para matar a saudade do seu paraíso perdido na infância, sertão que antes do primeiro livro já pintava com a tinta da melancolia - o sertão de nunca mais.

Depois de umas férias em Natal, Oswaldo retorna ao Rio levando na sua bagagem os originais do ensaio de Hélio Galvão – *O Mutirão no Nordeste*, que seria publicado com o número 15 da coleção Documentário da Vida Rural, do Serviço de Informação Agrícola (SIA), Rio, 1959, dedicado a Câmara Cascudo, Otto Guerra e Oswaldo Lamartine.

Sua tarefa para o amigo seria entregar os originais ao Dr. José Vieira, diretor do SIA, e fazer a revisão final da prova de impressão. Nas conversas, o diretor percebeu o conhecimento de Oswaldo da caça no sertão. Armas antigas e novas, as velhas Lazarinas, espingardas vindas da Espanha rasgando o silêncio do sertão velho. Os armeiros e rastejadores, as manhas e artimanhas da caça, o cachorro caçador e farejador, as armadilhas e tocaias. Assim nasceu *A Caça nos Sertões do Seridó*, número 16 da Coleção SIA, Rio, 1961, homenagem à memória do pai, Juvenal Lamartine de Faria que para ele *muito mais amava o chão do Seridó*.

Como estudioso, queria saber a história de todas as coisas que vivera desde a infância na Fazenda Ingá, Acari, e depois em Lagoa Nova, em Riachuelo. Caçava as palavras, ditos, manias, técnicas e materiais com a obstinação de um bom caçador de Jandaíras. Cuidadoso e apurado queria saber a origem e o sentido de cada coisa. Sabia seguir a trilha do saber-fazer para o saber-saber, da boca do ouvir-dizer para a letra-lida, da prosa descontraída nos alpendres das fazendas, rastros da presença humana marcados no chão.



Era um homem cósmico. Sabia do sol e da sombra, da lua e do sereno, da vida das plantas e da tristeza dos bichos. Não cercava seu sertão com arame farpado, mas com alvas e macias alças de algodão mocó, de fibra longa, que via seu pai plantar e colher nas terras da Fazenda Lagoa Nova, um mundo de dez mil hectares que ia da rodagem, hoje BR federal, até as paredes do céu, como gostava de dizer da imensidão.

Mas, do sertão vasto e sem dono, de sua vastidão sem fim, guardava num quadro, com a letra do próprio Cascudo, o primeiro aviso do sertão de nunca mais:

O arame deu ao vaqueiro, pela primeira vez, a impressão dominadora da posse alheia, a imagem do limite.

Quando escreve sobre o açude, *o parado morto mar da infância*, aquele mesmo do soneto de Zila Mamede, e que tanto admirava, comparou o quebrar-da-barra ao Dia da Criação, num lirismo feito do leite da ternura humana, na bela expressão de Shakespeare.

—Espia-se a água se derramando líquida e horizontal pela terra adentro a perder de vista. As represas esgueiram-se em margens contorcidas e embastadas, onde touceiras de capim-de-planta ou o montante de hastes arroxeadas debruçam-se na lodosa lama. O verde das vazantes emoldura o açude no cinzento dos chãos. Do silêncio dos descampados vem o marulhar das marolas que morrem nos rastos. Curimatãs em cardumes comem e vadeam nas águas beirinhas nas horas frias do quebrar-da-barra ou ao morrer do dia. Nuvens de marrecas caem dos céus. Pato verdadeiro, putrião e paturi grasnam em coral com coaxar dos sapos que abraçados se multiplicam em infindáveis desovas geométricas. Gritos de socó martelam espaçadamente os silêncios. O mergulhão risca em rasante vôo o espelho líquido das águas. Garças em branco-noivo fazem alvura na lama. É o arremedar, naqueles mundos, do começo do mundo.

Mas também era heráldico, tocado pelo desassombro das coragens forjadas no calor do sertão sem medo, feito na monumenta-

lidade da vida e da luta ancestrais. A sua descrição da faca, a arma branca, comum no sertão, no corte firme e afiado do destemor, tem os traços das almas bravias:

– Ela também quer dizer respeito, filha que era da espada, contada e cantada nas Escrituras Sagradas. Diferente das armas de pólvora, tem a lealdade do corpo-a-corpo, o olho no olho, e o alcance de um braço.

No sertão velho, era o anjo da guarda de cada um.

Senhoras e Senhores

A hora vai tarde. O tempo urge nas velhas ampulhetas na hora rupestre, e ruge como um bicho brabo. Repito as palavras de admiração e encantamento que pronunciei aqui na noite de 14 de novembro de 2001, há 18 anos, quando, em nome desta Academia, saudei a chegada de Oswaldo Lamartine, aquele homem amoroso com as mulheres e com os livros, a esta velha Casa de Manuel Rodrigues de Melo:

Olhem bem para ele.

Não é um homem comum.

Nele vive o sentimento das velhas baronias.

A grandeza trágica da resistência,

A solidão monástica da vida.

Porque ele é o último

Príncipe do Reinado do Sertão de Nunca Mais.

Muito obrigado a todos.

*palestra proferida na ANRL, a 14 de novembro de 2019

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de *Cena Urbana*, *Cartas da Redinha* e *Canção da Noite Lilás*.



OSWALDO, UM HOMEM DE FÉ

Padre João Medeiros Filho

Poder-se-ia colocar nos lábios de Oswaldo Lamartine de Faria a expressão latina do poeta Horácio: *Exegi monumentum aere perennius* (Ode III). O que escreveu, disse e plantou o torna perene e sempre atual. Hoje, muitos abordam o etnógrafo, o sertanista, o pesquisador, o apontador de nossos costumes e tradições. Vários discorreram sobre ele em artigos, dissertações e teses acadêmicas. Poucos, no entanto, escreveram sobre o homem de fé, devoto de Maria Santíssima, orante silencioso e oculto, prosador com Jesus e a Compadecida, no estilo ariano, não o da raça, nem do signo zodiacal ou da corrente teológica, e sim do escritor paraibano, de quem fora amigo, desde a tenra infância.

Na década de oitenta, no Rio de Janeiro, nossos caminhos se cruzaram. Aquele senhor, atormentado com a morte da filha, desabafou: *Seu vigário, preciso de uma missa para a minha filha que renunciou à vida. Alguns colegas seus não aceitam celebrar. Mas, acredito que Deus é o senhor da diversidade e o pai da liberdade.* Com estas palavras nasceu uma forte amizade, que nos fazia conversar pessoalmente ou por telefone, durante mais de vinte anos, quase diariamente, sobre literatura, o sertão, a vida e, sobretudo, Deus. O que me dissera Oswaldo naquele momento, fez-me lembrar o antropólogo Teilhard de Chardin: *A essência do catolicismo é encontrar Deus em todas as diferenças.*

À medida que nossa amizade se aprofundava, percebia em Lamartine a sede de Deus, a fome do Infinito e a nostalgia do Sagrado. E senti fortemente esta marca de sua personalidade, quando me convidou para ser seu parceiro no livro “Seridó – Século XIX, fazendas & livros”. Dissera-me, de forma peremptória: *Quero que nesse trabalho se fale também da busca de Deus e das coisas do céu, e você se fez padre para isso.*

Tal qual Simone Weil, meu saudoso amigo, vivia na *Attente de Dieu* (na espreita de Deus), inquieto à espera da graça, da qual sentia necessidade para se aconchegar no colo da paz.

Oswaldo era para mim como Santo Agostinho, na inquietação mística, na contemplação divina do belo da natureza, na ânsia pela liberdade interior. Liberdade essa, plena de sentido e devotamento, que o levou a convencer monsenhor Expedito Sobral de Medeiros, de quem era confidente, a soltar todos os passarinhos de seu viveiro, argumentando que *Deus criou tudo para o prazer da liberdade*. Não suportava gaiolas, sobretudo aquelas das religiões que pretendem aprisionar Deus. *Não, de modo algum, Seu vigário, ninguém encurrala Deus*, afirmou Paulo Balá, seu primo, amigo e sucessor na Academia Norte-rio-grandense de Letras – ANRL.

Oswaldo era um místico. Para ele, a religião é a grande poesia do ser e do viver. Deus faz-se presente no grande templo da natureza e no coração humano. Não há limites para a prece e para o amor. Assim pensava meu ilustre amigo. Deus é invisível. Aliás, Exupéry proclama em *O Pequeno Príncipe* que *o Essencial é invisível aos olhos*. Se Deus é o autor da discrição, do mesmo modo devem ser seus filhos. Compreendi os gestos de Lamartine, enquanto esperava o sacristão da Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens (no Rio de Janeiro) fechar as portas do templo, pois queria ficar a sós, de joelhos, mãos postas, ouvindo o grande silêncio de Deus. Assim era a sua oração. Como Cura d’Ars ficava calado diante do sacrário. Não repetia palavras, pois tinha consciência de que Deus conhece o nosso íntimo. Ele é um Pai-Mãe, fonte de mansidão e doçura, encanto da alma, origem de toda paz e felicidade.

Reservado, isolado até, o ilustre escritor tornou-se também pesquisador da misericórdia divina e da Virgem Mãe. Incentivava-me a escrever sobre Maria Santíssima, *o mais belo sorriso divino*, como assim a denominava. Devoto do escapulário de Nossa Senhora do Carmo, pedia-me sempre mais um, pois mesmo *infiel e pecador, cairei um dia em seus braços de Mãe*.



Sua liturgia voltava-se para o amor à natureza e às flores que encontramos em toda parte. Mas, o que tem a ver religião com flores? Muito, pois a religiosidade é também flor e poesia. E o cristianismo é exatamente o poema divino, declamado ao longo dos séculos em versos de amor, de vida e de paz. As flores são expressão de ternura. E o que é a mística senão o sentir e inundar-se desse afeto divino? Assim era a religião sentida e vivida por Oswaldo, redescobrimo diariamente o que expressou Heidegger: *O Infinito se esconde no finito*. Sim, Ele habita na mortalidade da vida e isso nos faz religiosos. O cristão extasia-se com os encantos do Infinito, lembrando os versos: *Vou embora, vou morar no infinito e virar constelação*. A vida passou e veio a *moça caetana* levar Oswaldo Lamartine de Faria.

Sedento do Eterno, na incansável busca da paz, na saudade incontida daquilo que não se pode encontrar sobre a face da terra, quis abreviar a trajetória de sua existência – para ele dolorosa e demorada demais (quase nove décadas) – pois queria encontrar a Virgem Maria e contemplar o seu sorriso divino. Assim entendi o seu gesto extremo.

Oswaldo, no seu amor profundo à terra, sobretudo ao solo de sua alma, procurava explorar as regiões profundas do seu ser, afastando a poeira das convenções e futilidades dos caminhos, para pensar as coisas divinas. Na sua religião não havia muito lugar para os ritos, pois encobrem o Mistério que sacia o coração do homem. O escritor regionalista, de frases curtas e precisas, palavras exatas e densas, não se sentia bem diante de arremedos do Sagrado e de discursos vazios sobre o Divino. Não tolerava os desvios. Era impaciente com o tempo, porque ele é o retardo do Eterno. O Príncipe do Sertão, segundo a expressão inspirada e cunhada por Vicente Serejo, seu dileto amigo, sentia desconforto com o mundo, para ele um cemitério da alegria e o templo da nostalgia indelével e indefinível da felicidade perdida. A face pensativa, o semblante por vezes sisudo e certa tristeza estampada no rosto de Lamartine retratavam muito bem o que escreveu William Blake: E

[havia] *lápides frias espalhadas, sacerdotes em vestes roxas as vigiavam e com o hissope os risos e as alegrias espantavam*. E isso o tornava descontente do viver.

Mas, indubitavelmente Oswaldo era um homem de fé, liberto das formas e teorias teológicas, das regras litúrgicas, do cerco dos templos e igrejas. Seu coração era o santuário, onde rezava e chorava, suplicava e agradecia silente a harmonia da natureza, como o Evangelho de Deus, a bela epifania do Sagrado. Era, na essência, um filósofo que descobriu outras maneiras de revelação divina. *Nos traços dos filhos, encontro o rosto do Pai*, assim pensava.

O habitante do Acauã, o Príncipe do Sertão faz ecoar em nossa memória o que escreveu o teólogo e pedagogo Rubem Alves: *Quem pensa e fala demais em Deus, é porque não o está respirando*. A fala repetida indica ausência. Pensamento semelhante encontra-se em Alberto Caieiro, quando assim exclama: *Pensar em Deus é desobedecer a Deus. Porque Deus não quis que o conhecêssemos, por isso se não nos mostrou*. Na verdade, quem tem Deus dentro de si, não precisa estar falando dele. Os outros perceberão a sua presença.

Como o sertanejo é o homem da esperança e esta é uma virtude teologal, Oswaldo vivia essa característica e dinâmica. Como pessoa sensível e ouvinte da voz da natureza, declamava o profeta Isaías (passagem que sabia de cor): *Que o deserto e a terra sedenta se alegrem, que os cerrados se regozijem, se transformem em flores e se cubram de lírios* (Is 35, 1-7). Encantava-se ainda com outro versículo do mesmo autor: *E as espadas serão transformadas em arado e as lanças em tesouras de podar* (Is 2, 2-3). Em verdade, o poeta-profeta estava inebriado da esperança e quem dela se embriaga, plenifica-se de Deus. E dizia meu amigo num tom de desabafo: *Ah! se os que determinam e fazem os assentamentos pensassem e agissem assim*.

Para Oswaldo, Deus é liberdade. Sentia-se um prisioneiro na vida terrena. Acredito que na eternidade desfrute da beleza que não viu, do amor pleno que não encontrou, da paz que aqui não conquistou. E do céu confirmará que a reverência pela vida é a



forma mais alta de oração. Hoje, haveria de nos dizer que Deus é um pássaro encantado e invisível, no entanto, ouve-se o seu canto!

Lamartine foi um homem de profunda oração. Reza-se primeiramente contemplando a beleza das criaturas, pois ela é sem dúvida a sombra de Deus! Meu amigo foi um fiel da liturgia do silêncio, um cristão de poucas palavras, mas de grandes e fecundos gestos, adorador de Deus muito presente no altar de suas terras ou de seus livros, no ostensório do seu coração!

PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO é Sacerdote católico. Mestre e doutor em Teologia e Comunicação. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do Conselho Estadual de Educação. Professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



HONRAS A OSWALDO LAMARTINE

Daladier Pessoa Cunha Lima

Convidado pela Academia Norte-Rio-Grandense de Letras para integrar Mesa Redonda em honras a Oswaldo Lamartine de Faria, na passagem do seu centésimo aniversário de nascimento, comecei minhas palavras assim: “Agradeço o convite, mas, devo dizer, sou o de menor conhecimento sobre a vida e a obra do homenageado, entre os integrantes da mesa, porém, afirmo que não é pequena minha admiração por quem foi o maior estudioso da “alma íntima” do sertão do nunca mais. Oswaldo Lamartine nasceu em 19 de novembro de 1919, em Natal-RN, e faleceu em 28 de março de 2007, na mesma cidade. “Sou sobejo da seca de 19”, disse o próprio Oswaldo, em conversa com o saudoso e grande escritor Sanderson Negreiros. Nessa conversa, que resultou em texto publicado no jornal O Poti (1966), Lamartine afirma que dois motivos o levaram para o estudo do sertão: primeiro, por ouvir muitas histórias e estórias, do seu pai, Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956), sertanejo autêntico, acerca da vida no sertão; segundo, a aproximação com Câmara Cascudo, “que me incentivou, sugeriu estudos, emprestou-me livros e pediu-me informações”.

E a família Lamartine, de onde provém? No livro O Rio Grande do Norte no Senado da República, de José Augusto Bezerra de Medeiros (1884-1971), consta que Juvenal Lamartine de Faria era filho do Coronel Clementino Monteiro de Faria e de D. Paulina Umbelina dos Passos Monteiro. Então, por que Juvenal Lamartine? O próprio autor responde: “Tiveram em vista homenagear dois grandes poetas de renome universal: Juvenal, o satírico, e Lamartine, o lírico francês, cujos versos ainda hoje nos deixam cheios de ternura e de encantamento”. Ali, Em Serra Negra-RN, de um casal seridoense da gema, surgia o clá Lamartine, tão repleto de nomes que engrandecem o cenário humano do Rio Grande do Norte.



Juvenal Lamartine de Faria graduou-se na Faculdade de Direito do Recife, em 1897, sendo o melhor aluno e o orador da sua turma. Foi agropecuarista, político – deputado, senador, governador – e escritor, tendo exercido as funções de presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Oswaldo Lamartine, nos 21 livros que escreveu e publicou, comprova ser um expoente nacional nos estudos da vida e da cultura sertanejas, conforme disse a notável escritora Raquel de Queiroz: “Acho que, no Brasil, ninguém entende mais de sertão e de Nordeste do que Oswaldo Lamartine”. Quando o escritor potiguar a ajudou na formulação do romance *Memorial de Maria Moura*, confessou: “... senti-me como um garimpeiro que descobre uma mina”. Mas não é somente o conteúdo dos livros do escritor; resalte-se também o seu estilo, sucinto e direto, no qual não se perde uma só palavra, e, ao mesmo tempo, é sonoro, ritmado e até poético. Na Apresentação do livro *Sertões do Seridó* (1980), de Oswaldo Lamartine, o erudito escritor Francisco das Chagas Pereira assim escreveu: “... nenhum dialetólogo conseguiria retratar com igual perfeição a linguagem sertaneja, como se encontra na obra de Oswaldo Lamartine, transparente, diáfana, perfeita expressão de conteúdos existencialmente capturados.”

Resta-nos prestar honras ao legado oswaldiano, e relembrar a frase do poeta francês Alphonse Lamartine (1790-1869): “Admiramos o mundo através do que amamos”.

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é escritor, professor e médico. Ex-Reitor da UFRN. Atual reitor da UNI-RN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor do livro “Retratos da vida”.



ALUÍZIO ALVES E A TRIBUNA DO NORTE:

COMEMOREMOS, SIM!

Lívio Oliveira

Aluízio Alves foi uma das figuras mais impressionantes e polêmicas que já existiram neste nosso Estado, infelizmente ainda retardatário, neste Nordeste ensolarado e sofrido, neste país enigmático e hoje embrutecido. E foi um dos homens públicos mais inteligentes que tivemos. Era extremamente bem informado, antenado, sabia valorizar as coisas da cultura e da educação, tanto que produziu ou fomentou alguns momentos importantes nessas áreas no Estado, tendo dado incentivos a lançamentos literários memoráveis e tomado outras diversas iniciativas no campo dos saberes humanos, uma delas a de realizar a campanha de alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire, com a presença no Estado do grande e insuperável educador de renome mundial.

Por duas vezes tive a satisfação (e a ousadia) de conversar com o saudoso político. A primeira delas foi numa solenidade na OAB/RN, em que fiquei sentado ao seu lado, desfrutando de comentários discretos, respeitosos, deliciosos, sobre a efeméride e as personalidades presentes. A outra foi no Alto da Candelária, onde ficava a sede do PMDB/RN (não sei se ainda permanece lá). Fui levado, nessa segunda oportunidade, por meu amigo querido, também mestre dileto, à época Secretário da Ação Social, Luiz Eduardo Carneiro Costa. Destaque-se: Luiz Eduardo é um dos personagens mais ricos (no melhor sentido da palavra) do cenário político potiguar, tendo exercido com dignidade, competência e raro espírito público cargos e funções importantíssimos, num leque insuperável (repito sempre que o Rio Grande do Norte deve ainda muito a Luiz, deve um reconhecimento maior).



A última conversa com A.A. (acredito que nos idos de 2005) durou certamente umas duas horas, que logo passaram, frente ao enorme prazer intelectual provocado. O que mais me impressionou, de fato, tanto na primeira quanto na segunda daquelas duas conversas, foi a agilidade mental e a memória profunda do decano homem público e o respeito com que tratava os interlocutores; inclusive este que ora escreve, muito mais jovem e, imensamente menos experiente do que aquele ícone da vida pública potiguar.

Na conversa que aconteceu no Alto da Candelária, tive a oportunidade de ouvir coisas muito interessantes sobre a história de Aluízio, contadas por ele mesmo. Numa delas, explicou-nos como eventualmente substituía o jornalista e político udenista implacável Carlos Lacerda – revezando com José Sarney, que se tornaria, décadas depois, Presidente da República – na redação da sua coluna pessoal na Tribuna da Imprensa. Relatou-nos, a mim e a Luiz Eduardo, que muitas vezes tinha que dar também uma “penteada” (acho que é essa a expressão que usava no jargão jornalístico) no texto de Lacerda, para conter o excesso de bílis escura, de agressividade.

Falou, também, que ultrapassados muitos anos da crise de 1954 (que culminou com o suicídio de Vargas, de quem Lacerda era adversário feroz) passara a reconhecer – com muita força e convicção – o valor daquele homem público (Getúlio) para o Brasil. Inclusive, mencionou o fato de que, durante o evento do “empastelamento” da Tribuna da Imprensa, logo após o suicídio de Vargas, entrou – praticamente sozinho – no prédio daquele importante jornal comandado por Lacerda, sem que fosse agredido por ninguém.

Aluízio mencionou, ainda, o episódio da doença súbita de Tancredo Neves e citou o fato de que, naquela altura, um certo ex-governador de Minas entrou bêbado e agressivo no Hospital de Base de Brasília – onde Tancredo estava internado – e proferiu, em alto e bom som, palavras de baixo calão contra até a última

geração da família Sarney. E que foi Aluízio a pessoa que o conteve. Em continuidade, Aluízio nos falou, exatamente no contexto desse famigerado acontecimento acima narrado, que detestava bebidas alcoólicas, chegando mesmo a deixar de saborear uma certa sobremesa que adorava (creme de Cassis com Papaya) quando descobriu que havia ali alguma quantidade de álcool (a dose de licor).

Dentre outros assuntos, Aluízio também mencionou a ideia – até certo ponto polêmica – de que o voto do analfabeto não deveria permanecer liberado pela Constituição. E estabeleceu uma verdadeira e longa tese acerca do assunto, o que não daria para expor aqui. Confesso que ainda reflito sobre o assunto até hoje.

O tempo tem muito a nos dizer sobre Aluízio Alves, personagem de reconhecidíssima capacidade política, intelectual, humana. Inclusive, é fato que os jornalistas desta terra devem muito a Aluízio, que teve participação decisiva para a fundação da primeira Faculdade de Jornalismo daqui. Sem falar que a *Tribuna do Norte* (que neste ano completa 70 anos de fundação) é uma verdadeira escola e mesmo o templo da palavra escrita de muitos importantes homens do jornalismo e das letras de todas as ordens. Vale lembrar, somente a título de informação que me compete, que aqui escrevem uns dez (ou mais) membros da Academia Norte-rio-grandense de Letras, presidida pelo incansável, resiliente e carismático Diógenes da Cunha Lima, e que o próprio A.A. foi membro da nossa Academia, na cadeira hoje ocupada pelo seu sucessor imediato, Ivan Maciel de Andrade (um confrade que dá muito orgulho de ter, que honra e dá nobreza à Academia).

Como não sou jornalista e nem historiador, fico por aqui, nesse relato simples e ligeiro acerca de coisas que vi e ouvi, na minha renovada perplexidade, na vibração mental diante da inteligência superior daquele homem com voz rouca e firme e que, há algumas décadas, comandou um governo verdadeiramente revolucionário no RN. Lembro que o seu centenário virá no ano que vem e, assim como temos – por dever e por prazer – que comemo-



rar os 70 anos da Tribuna do Norte neste 2020 (excelente, muito louvável a iniciativa de Diógenes da Cunha Lima no que respeita à homenagem que será prestada pela ANRL), teremos que estar preparados para uma grande festa de comemoração e de comemoração de todas as obras de Aluizio Alves, dessa feita no vindouro e vizinho ano de 2021.

LÍVIO OLIVEIRA é poeta, escritor e Procurador Federal. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “O Teorema da Feira” e vários outros livros.



TRIBUNA DO NORTE & ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS:

UMA VELHA PARCERIA.

Thiago Gonzaga

O escritor Woden Madruga registrou recentemente interessante crônica nas páginas da Tribuna do Norte, sobre a relação deste jornal, que está completando 70 anos, com a Academia Norte-rio-grandense de Letras. Aproveitamos a oportunidade, com o início das comemorações, para reforçar o que o mestre Woden Madruga relatou. Como bem afirma o experiente jornalista, que escreve há mais de 60 anos no jornal, e também é membro da ANRL.

A relação é antiga, ao longo dos anos, foram vários os colaboradores, muitos que escreveram no jornal mais tradicional do Estado. Não bastasse seu fundador, o político e escritor, Aluizio Alves ter sido membro da instituição fundada por Câmara Cascudo, vários outros acadêmicos fizeram parte do quadro de profissionais daquele órgão de imprensa ou colaboraram com artigos e crônicas para o mesmo.

Abaixo citamos alguns:

O ex-governador Juvenal Lamartine, que muito ajudou Aluizio, também colaborou com artigos de sua autoria, inclusive a série “Velhos Costumes do Meu Sertão”, depois enfeitados em livro. Da mesma maneira, Hélio Galvão e suas “Cartas da Praia”.

Outros colaboradores, da primeira hora, podem ser citados: Rômulo Wanderley, autor da “Nota da Manhã”, crônica sobre assuntos da ordem do dia; Lenine Pinto, Newton Navarro, Dorian Gray Caldas, Paulo de Tarso Correia de Melo, que manteve, por algum tempo, juntamente com Moacy Cirne, a coluna “O Mundo e Nós”; Enélio Petrovich, Meira Pires, Esmeraldo Siqueira e, por último, Paulo Bezerra, este, quase sempre, através da coluna de Woden Madruga.



Profissionalmente, tiveram destacada atuação na “Tribuna”, além de Woden, como redatores e/ou repórteres, outros nomes que vieram a integrar a ANRL: Sanderson Negreiros, Luís Carlos Guimarães (copidesque), Ticiano Duarte, Cassiano Arruda Câmara, João Batista Machado, Nelson Patriota e Dorian Jorge Freire. Manoel Onofre Jr. atuou, durante um ano (1967), quando ainda era estudante de Direito, como repórter, depois tornou-se colaborador, com a série de crônicas, “Histórias do Meu Povo”.

Atualmente vários acadêmicos, escrevem artigos e/ou têm colunas fixas na Tribuna do Norte:

Diógenes da Cunha Lima, atual e mais longo Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, estando há mais de trinta anos à frente da instituição, escreve todos os domingos.

Claudio Emerenciano, Cassiano Arruda Câmara, Daladier Pessoa Cunha Lima, Ivan Maciel de Andrade, Lívio Oliveira (que recentemente também escreveu sobre a Tribuna do Norte, Aluizio Alves e a ANRL), Padre João Medeiros Filho, Valério Mesquita, Vicente Serejo, são outros colunistas colaboradores. Também contribuíram, uma vez ou outra, Verissimo de Melo, Iaperi Araújo, Ivan Lira de Carvalho e Humberto Hermenegildo de Araújo.

Além destes, devemos relembrar Jurandyr Navarro, que escreveu no período final do governo de Monsenhor Walfredo Gurgel; João Wilson Mendes Melo, José de Anchieta Ferreira, Gumerindo Saraiva, Nilo Pereira, Otto Guerra e outros mais antigos.

Woden Madruga, é uma das figuras icônicas da Tribuna do Norte, um dos maiores nomes da crônica jornalística norte-rio-grandense, tem mais de 60 anos de jornalismo e mais de cinquenta apenas nas páginas da TN. Começou em 1964, e escreveu, durante anos, diariamente uma coluna, Jornal de WM, página 2; recentemente, passou a escrever somente aos domingos, sempre abordando temas como literatura, memórias, cotidiano e política.

Intelectual, cronista e grande leitor, Woden Madruga está por dentro do que acontece no meio cultural e político. O primeiro Jornal de WM foi publicado no dia 15 de março de 1964 e tinha ao seu lado colunistas de peso como Berilo Wanderley, Sanderson Negreiros e Newton Navarro.

Woden Madruga, nasceu em Natal, estudou Direito na antiga Faculdade de Direito de Natal, começou a escrever na Tribuna do Norte ainda muito jovem. Foi presidente da Fundação José Augusto por três vezes, onde teve uma passagem marcante, e é professor aposentado do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O veterano cronista publicou um livro, “Na Gaveta do Tempo” (8 Editora, 2016), com a colaboração de sua filha, escritora Beatriz Madruga, e de alguns amigos próximos, como Sanderson Negreiros, Alex Nascimento, Marize Castro, Volontê dentre outros. O livro reúne textos selecionados de sua coluna no jornal, com registro de fatos cotidianos, numa prosa ágil e leve, repassada de humor e muita ironia. Além de conter também alguns textos para prefácios e orelhas de livros que ele fez ao longo da sua carreira.

Em 2016 Woden Madruga foi homenageado pelo jornalista Mário Ivo no livro “Sexo, Estômago e Memória: uma noite com Alex Nascimento e Woden Madruga”, fruto de uma conversa dos dois escritores potiguares, na casa de Alex, publicada na Revista Preá, à época editada por Mário Ivo. Revista e ampliada, essa entrevista virou livro. Woden foi homenageado também, pelo escritor e membro da Academia Norte-rio-grandense de Cordel - ALINC -, Mané Beradeiro (Francisco Martins), com o cordel, “Um Bode Chamado Woden”, uma metáfora folclórica que descreve a sua trajetória dentro do jornalismo no Estado. Ainda em 2016, foi eleito para a cadeira nº 35 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que teve como último ocupante um grande jornalista amigo dele, Ticiano Duarte.



Woden Madruga é um dos que fazem parte da história da Tribuna do Norte e da própria história do jornalismo norte-rio-grandense.

O fundador da Tribuna do Norte, Aluizio Alves (1921-2006) é natural de Angicos (RN), advogado, sobretudo, político, jornalista e escritor, inclusive publicou vários livros, como por exemplo, “Angicos”, “A Verdade Que Não é Secreta”, “Sem Ódio e sem Medo”. Tornou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Maceió, voltou-se às atividades jornalísticas após a graduação: primeiro nos jornais A Razão e A República, ambos em Natal, tendo se dirigido em 1949 ao Rio de Janeiro onde foi redator-chefe da Tribuna da Imprensa, que pertencia a Carlos Lacerda. De volta ao Rio Grande do Norte, fundou e dirigiu a Tribuna do Norte. Aluizio Alves foi o 40.º Governador do Rio Grande do Norte, além de Deputado Federal, Ministro da Administração na Presidência de José Sarney e Ministro da Integração Regional na presidência de Itamar Franco. Aluizio Alves ocupou a cadeira 17 da ANRL.

O jornalista, deputado estadual, senador, prefeito de Natal e Parnamirim, Agnelo Alves (1932-2015), teve uma carreira muito parecida com a do irmão Aluizio, no jornalismo, na política, e nas letras, sendo também eleito para a ANRL (cadeira 4). Agnelo Alves possuiu uma coluna semanal na TN com o título, “Agnelo Alves, o repórter” e marcou fase também com a coluna, que se tornaria livro, “Carta ao Humano”.

O grande poeta e ficcionista Luís Carlos Guimarães (1934-2001), Juiz de Direito e professor de Ciência Política, da UFRN, ocupante da cadeira 37 da ANRL, atuou no jornal como copidesque, trabalho editorial que um redator ou revisor faz, corrigindo e aperfeiçoando o texto de outrem.

O jornalista, cronista e poeta Sanderson Negreiros, (1939-2017), considerado um dos mais importantes escritores do Rio Grande do Norte, foi redator e colunista da Tribuna do Norte e

membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupante da cadeira 40. Formou-se em Direito, atuou não apenas como jornalista, mas também como auditor do Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte e professor de “Cultura Brasileira”. Sanderson também foi presidente da Fundação José Augusto.

O novacruzense Cassiano Arruda Câmara (que voltou recentemente às páginas do jornal com sua tradicional coluna), além das suas crônicas, que durante anos foram diárias, passando por diversos periódicos, já escreveu os livros “Um Repórter na Roda Viva: do Tipo Móvel ao Notebook”, lançado em 2002 para comemorar 30 anos de sua coluna “Roda Viva”; “Hotel de Trânsito”, publicado em 2009, para contar histórias da ditadura, quando o jornalista foi preso juntamente com o então prefeito de Natal, Agnelo Alves. Cassiano ocupa a cadeira 04 da ANRL.

Como já dissemos, o escritor e Desembargador aposentado Manoel Onofre Jr., ocupante da cadeira 05 da ANRL, atuou, durante um ano (1967), quando ainda era estudante de Direito, como repórter da Tribuna do Norte, cumprindo pauta diária, depois tornou-se colaborador. Uma curiosidade, é que ele foi convidado a trabalhar no jornal, por Woden Madruga, à época, redator-chefe. Onofre Jr. abandonou o jornalismo porque fez concurso para o cargo de Juiz de Direito, foi aprovado, e assumiu as funções de titular da Comarca de São Bento do Norte. Ele voltaria a escrever, como colaborador, assiduamente, na TN Revista, 1974, editada pelo dramaturgo, Racine Santos, (que está concorrendo atualmente a uma vaga na ANRL), e no Caderno de Domingo da TN, 1987-88.

O jornalista, escritor, poeta e crítico literário Nelson Patriota, ocupante da cadeira 08 da ANRL, trabalhou na Tribuna do Norte no período de 1988 a 1994, onde ocupou as funções de editor nacional/internacional, copidesque, editor do Segundo Caderno e subeditor, vindo a assumir a editoria geral, algumas vezes. O fato de editar o Segundo Caderno deu a ele oportunidade de



trabalhar com jornalismo cultural e de se definir por essa editoria. Nessa época, criou uma coluna, intitulada “Sinopse”, que ocupava a metade inferior da página dois do Segundo Caderno. “Sinopse” era uma coluna de livros e assuntos afins. Isso lhe permitia divulgar lançamentos, mas também fazer crítica literária, experiência, aliás, que havia iniciado anos antes no jornal A República, através da editoria da página “Literatura” e, depois, o “Contexto”. Além disso, a capa do Segundo Caderno era um ótimo espaço para entrevistas com escritores, artistas e intelectuais.

Nelson Patriota seguiu uma trajetória coerente de jornalista cultural iniciada em A República, passando por outros órgãos, além da Tribuna do Norte: RN Econômico, Diário de Natal e O Galo, e prosseguindo, novamente, na Tribuna do Norte, através da coluna que assinou, a partir de janeiro de 2008, na página Quadrantes, aos domingos, que deixou, em 2015, para se dedicar integralmente à literatura.

Também atuaram, profissionalmente, na redação da Tribuna do Norte, outros jornalistas, que vieram a integrar a ANRL, como João Batista Machado (cadeira 32), experiente repórter e comentarista político; Dorian Jorge Freire (1933-2005), (cadeira 20), editor e colunista, ex-redator de prestigiosos jornais paulistas. Uma curiosidade: o poeta e escritor, que também é membro da ANRL, Jarbas Martins, ainda na adolescência, antes de cursar a Faculdade de Direito, trabalhou na parte burocrática do jornal.

Como percebe-se, há uma relação muito próxima da Tribuna do Norte com a Academia Norte-rio-grandense de Letras, que se entrelaça, justamente com a própria história do jornalismo cultural e da literatura produzida no Estado.

THIAGO GONZAGA é escritor. Mestre em estudos da linguagem (UFRN). Autor de “Presença do Negro na Literatura Potiguar”, “Os Grãos – Ensaios Sobre Literatura Potiguar Contemporânea” e outros livros.

UM NARCISISTA MALIGNO NO “CÁRCERE PRIVADO”, DE MARGARIDA PATRIOTA

Nelson Patriota

A literatura e a ciência podem chegar a formulações coincidentes sobre certos fenômenos partindo de bases diferentes. “Cárcere Privado” (7letras, Rio de Janeiro, RJ, 2019), o novo romance da brasileira Margarida Patriota, alude, em seu núcleo existencial, à relação entre duas mulheres cuja evolução descamba, daí a pouco, para um clima doentio no qual o desfecho mais trágico encontra guarida.

A pressão tóxica que uma personagem exerce sobre uma outra encontra uma descrição pormenorizada no livro do médico natalense Kurt Mendonça intitulado “Guia de Sobrevivência para vítimas de narcisistas malignos” (Casa do Escritor, Natal, RN, 2019). “Narcisista maligno” vem a ser, dentre outras definições formuladas por Mendonça, alguém que exerce uma pressão tóxica, doentia, sobre uma outra pessoa, levando-a ao desespero. Qualquer semelhança com assédio ou bullying faz sentido.

Entre o diagnóstico descrito com minúcias por Mendonça e o cerne do romance de Margarida, com sua trama desenrolada dentro de um apartamento funcional da capital federal, uma distância considerável se espraia, até porque a escritora brasileira está motivada exclusivamente pela urdidura do seu romance em primeira pessoa singular, não em explorar as possíveis tipologias ou medidas profiláticas elencadas pelo doutor Mendonça. A propósito, trata-se de obras lançadas no mesmo ano, e pode-se deduzir que a escritora brasileira não chegou a manusear o livro de Mendonça no curso da escritura do seu livro, ou vice-versa.

Mas a certeza de que por trás das motivações da narradora se encontra um narcisista maligno (ou melhor, uma certa Mara Dália) que, a pouco e pouco, intoxica-a com um assédio que tende



a extrapolar os limites de tolerável, é uma das impressões mais duradouras de “Cárcere Privado”. Essa tensão é justamente o pano de fundo que magnetiza o enredo do romance, pois em sua primeira linha a autora relata os detalhes da operação que imobilizaram sua contendora. É um procedimento ousado, quando o habitual será construir parte da história até o desenlace da imobilização. Mas nenhum leitor se queixará do viés que Margarida Patriota imprime ao processo narrativo, que se mantém vivo e desafiador. Assim, até onde levará o conflito narradora-narcisista torna-se, no curso da leitura, a pergunta-chave. É com este elemento típico de um moderno *thriller* que a autora dá tom e ritmo a sua narrativa.

Uma solidão líquida (para lembrar aqui o mundo líquido de Zygmunt Bauman) marca a rotina da narradora, enquanto tradutora profissional, em seu solitário trabalho entre dicionários e compêndios de gramáticas diversas. Seu espaço social ora se expande ora se contrai dentro e no entorno do apartamento. Nesse espaço circulam personagens que, por motivos os mais diversos, parecem desenvolver um interesse repentino pela vida da narradora, como se esboçassem tentativas de conter um trágico desfecho em curso. Dentre esses, um espião da ABIN especialista em escuta e sua namorada bisbilhoteira, um coreano e sua mãe que não fala uma só palavra em português, um misterioso personagem de nome Vinhadalhos, conselheiro de carreira, que parece estar sempre dando uma festinha no seu apartamento. Até mesmo sua diarista Diva parece exercer uma pressão dissuasiva sobre os intentos da narradora. As lembranças de uma tia carioca, com quem a narradora conviveu na infância, na Barata Ribeira, em Copacabana, também parecem ter algo a lhe dizer. Apesar disso, nada a levará a desistir de seus planos de vingança contra sua narcisista tóxica, nem medir completamente as consequências de seus atos. O clima de suspense a que aludimos acima não é acidental, trata-se, de fato, de algo que precisa ser executado num prazo exíguo de tempo, ou seja, o tempo que o marido da narradora e funcionário do IBGE ficará ausente de casa em viagem de trabalho num fim de semana.

Alternando encontros e visitas inesperados, retrospectos da relação com Mara Dália, participações em eventos culturais em instituições da cidade, conversas com o porteiro do prédio onde mora enquanto fuma licitamente na área aberta do condomínio, negociações com editores, a autora vai expandindo o enredo de seu livro para além do meramente previsível. De fato, Margarida Patriota inscreve seu “Cárcere Privado” entre os bons lançamentos literários de 2019, ao lado de “Torto Arado”, de Itamar Vieira Lima, “Essa Gente”, de Chico Buarque de Holanda, “Clarice,” de Benjamin Moser, entre outros. À guisa de arremate, uma citação da autora que, de certo modo, explica o curso sinuoso que toma sua história: “Somos móveis dotados de compartimentos secretos que nem o fabricante conhece”. Cabe ao leitor avaliar o quanto essa afirmação tem de verdadeiro.

NELSON PATRIOTA é poeta, escritor, crítico literário e jornalista, autor de “Tribulações de um Homem Chamado Silêncio” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



TERCETO POÉTICO

Jurandyr Navarro

Páginas de literatura insinuam que o ato criador é exibido, por alguns autores, tal um fato racionalmente explicável. Para outros, trata-se de um mistério insondável que tem sua percepção no recôndito do espírito humano!

Poetisa das maiores da nação brasileira, Auta de Souza deveria ter o seu nome mais divulgado na sua terra natal.

Inobstante ter sido aplaudida, há um século, pela crítica literária nacional, somente alguns projetam a sua grandeza estelar.

Arrebatada da vida, ainda bem jovem, acometida por doença insidiosa, a autora do “Horto” recebeu, bem cedo, o merecido aplauso de letrados da então Cidade Maravilhosa.

Em relação ao seu dom poético escreveram Henrique Castriano, seu irmão, Olavo Bilac e outros, dentre os quais, Jackson de Figuerêdo, este, um dos líderes católicos da época, e renomado intelectual.

O livro deste último, intitulado “Auta de Souza”, editado em 1924, foi reeditado, ultimamente, pelo “Sebo Vermelho” de Abimael Silva, editor em Natal, de importantes obras de nossas Letras e Ciências em geral.

Este livro, de reconhecido valor, por ter sido escrito por autor de aplaudido saber, teve suas Orelhas, redigidas pelo intelectual de nossas plagas, Vicente Serejo. Elas retratam, em alto relevo, a imagem histórica da mística poetisa, revelando, qual erudito Prefácio, a grandiosidade de sua elevada alma, na esfera da imaginação criadora.

Tal obra, referente à consagrada mulher de nossas letras, é das mais ricas no seu conteúdo literário, sendo merecedora de sua



difusão nos espaços das instituições culturais e nos cursos superiores de graduação em Letras.

A nossa homenagem, à saudosa macaibense, lembrando a tristeza de uma alma, debulhada em lágrimas, no seu

“JARDIM DAS OLIVEIRAS”

“Pobre Jesus: Como em sonho via:
Em cada sombra a traição de Judas,
Em cada estrela os olhos de Maria”

Perpassada de tristeza a sua poesia. Tangido por sua harpa, o seu canto elegíaco ressoava igualmente à canção do seu irmão – poeta, Oscar Wilder: *“Deliberei vestir-me de tristeza, como um rei se veste de púrpura (...) sei que me esperam lágrimas nas pétalas de uma rosa”*.

AGONIA DO CORAÇÃO

Auta de Souza

Estrelas fulgem da noite em meio
Lembrando círios louros a arder...
E eu tenho treva dentro do seio
Astros! Velai-vos, que em vou morrer!

Ao longe cantam. São almas puras
Cantando a hora do adormecer...
E o eco triste sobe às alturas...
Moças! Não cantem, que eu vou morrer.

As mães embalam o berço amigo,
Doce esperança de seu viver...
E eu vou sozinha para o jazigo...
Chorai, crianças que eu vou morrer!



Pássaros tremem no ninho santo
Pedindo a graça do alvorecer...
Enquanto eu parto desfeita em pranto...
Aves suspirem, que eu vou morrer...

Se lá do campo cheio de rosas
Vem um perfume de entontecer...
Meu Deus! Que mágoas tão dolorosas...
Flores! Fechai-vos que eu vou morrer!

ZILA MAMEDE

Originária de Nova Palmeira (PB), notabilizou-se por associar a inspiração poética com outras atividades cognitivas de ordem pragmática.

Além de versejar, diplomou-se em Contabilidade, depois em Biblioteconomia. Fez curso nos Estados Unidos, em Organização de Bibliotecas, aplicando esses ensinamentos, organizando e implantando as mais importantes salas de nossas leituras no seu tempo: na UFRN, na FJA, em Bibliotecas outras.

Em intermezzo às suas poesias realizou gigantesca pesquisa com a feitura dos alentados volumes dos “50 Anos da Vida de Câmara Cascudo”, fantástica memorização.

Considerando pouco, tal façanha, direcionou outra similar, anotando toda a obra do poeta João Cabral de Melo Neto e o que foi escrito sobre ele.

Na arte poética moderna Zila Mamede engrandeceu, também, o seu nome admirado e festejado por venerandos da literatura poética.

De sua produção literária, alguns: “Exercício da Palavra”; “Rosa de Pedra”; “Navegos”; “A Herança”; “O Arado”; “Salinas”.



Pertenceu ao egrégio Conselho Estadual de Cultura. Prestou serviços de natureza técnica ao Instituto Nacional do Livro e fez estágio na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Em tudo que fazia implantava o selo da responsabilidade.

Foi uma cristã fervorosa. Um dia pensou em ser Freira. Com a idade avançando, socializou mais a sua vida. Todavia, sempre cultuou uma inspiração elevada, desprezando o tipo pagão da Pítia do Oráculo de Delfos que, em busca da inspiração procurava a fonte Castália para molhar os lábios, a fim de ditar os seus presságios.

Zila sempre teve a preocupação com o labor intelectual.

A responsabilidade ditava a conduta de sua vida solitária, em parte, mas amante dos livros, a cultura de uns pares, e a memória dos povos, através da escrita.

Tal comportamento enchia o vazio da solidão e preparava os sonhos do amanhã.

Igualava-se, de algum modo circunstancial, à vida de Madame Rolland, uma das mulheres mártires da Revolução Francesa, que declarou ser republicana por sentimento, e que dissera:

“Passei a juventude no seio das belas artes, alimentada pelos encantos do estudo, sem conhecer outra superioridade que não fosse o mérito, outra grandeza que não a virtude”.

Qual falena, que atraída pelas chamas, incendeia suas asas, Zila gostava do Mar – o causador da sua morte prematura.

O seu corpo exangue, pálido e esguio foi arrastado pela correnteza das águas de Netuno; boiando, qual o de Ofélia shakespeana, com os cabelos amarfanhados e de rosas cobertos; e tal a meiga Ofélia, inconscientemente, entoando estrofes de antigas árias...



A poetisa Zila Mamede amante dos sonhos praiheiros e dos passeios ao luar, nos verões da Areia Preta, foi uma das nossas inteligências mais lúcidas.

CANÇÃO DO AFOGADO

Zila Mamede

“Nos olhos de cera
Dois pingos de vida,
Nas marcas de vida
A noite pisou.
A face tranquila
Honrada de sombras
- são restos de estrelas
Que o céu apagou.
Os dedos lilases
Não pedem mais sol;
E os lábios desfeitos
Perderam seus gestos,
Calaram seus sonhos
Que a morte levou.
Cabelos de musgos
Lavados de espumas
Caminha o afogado
Que o mar conquistou.”

Parecia vislumbrar, nesta canção, o final trágico da sua vida, no litoral natalense, por ela sempre visitado.



PALMIRA WANDERLEY

Em plena adolescência, uma fada cingiu-lhe a fronte rosada e a loira cabeleira, com uma grinalda de flores.

Com o passar dos dias, Tristão de Ataíde reconheceu nela: “O maior poeta feminino do Nordeste”.

Aplaudida também foi ela pelo “Príncipe dos poetas”, Olavo Bilac.

O seu hino “Roseira Brava”, editado no Recife, em 1929, recebeu o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Foi sua consagração literária.

Projetou-se, outrossim, na imprensa, tendo sido colaboradora de jornais, em Natal, dentre os quais “A República”; “Tribuna do Norte”; “A Ordem”; “Diário de Natal”. No Rio: “A Imprensa”. São Paulo: “Revista Feminina e Moderna”; na Bahia: “Revista Paladina do Lar”. Fortaleza (CE): Revista “Estrela”. Em todos revelou sua inteligência, na prosa e poesia.

Em Natal, das poetisas, a sua Prosa é a mais abundante. O seu escrito, de 1925, “De Joelhos”, é um verdadeiro poema em prosa.

Para a minha pessoa, inigualável!

Múltiplas nas atividades na esfera da cultura. Foi oradora, palestrante, declamadora. Dedicou-se, também, ao teatro, sendo autora de algumas peças.

Foi ela um dos sócios fundadores da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, indicada pelo seu idealizador Luís da Câmara Cascudo.

O espírito sensível ao encanto da Arte, foi atraído, desde cedo, pela ardente chama da Fé, iluminadora chama de sua inspiração poética.

Católica fervorosa que foi, a vida inteira, espargia, afetos,



entusiasmo e cordialidade, afável e dotada pelo sentimento altruístico, dando conselhos de esperança, animando aos iniciantes a abraçarem um ideal nobre. Da esperança sempre falava, a bela virtude teológica .

Teve ela uma existência repleta de simplicidade, ornamento maior do seu espírito católico.

Conheci-a pessoalmente, devido a amizade de nossas famílias. Com ela muito aprendi. Lembro-me do incentivo a mim, por ela dado, em continuar escrevendo em jornais!

- Da Revista “Nós do RN”, edição 2017, lê-se:

“A sonetista Palmyra Wanderley, ao mergulhar no sertão, conseguiu que sua arte poética atingisse em cheio a sua realização ao focar os “motivos locais” - flor de urtiga, pitangueira, pau d’arco, mangueira, mandacaru. Mas, principalmente, com “Palma da Ressurreição”, soneto inspirado na história da planta sertaneja “pé de papagaio” que, parecendo folha seca no verão, ressurgiu verde à chegada das chuvas.

O soneto é uma maravilha, na técnica de composição, aquele tipo do soneto clássico, perfeita a forma de expressão e bem acabado pela beleza do último verso, a chamada “chave de ouro” dos verdadeiros poetas parnasianos.

Com “Roseira Brava” (1929), Palmyra dedicou toda sua segunda parte com poemas à fauna e à flora da região, especialmente de Extremoz e São Gonçalo do Amarante. Outro destaque para Pitangueira, que flora quando “termina agosto”, com sua com “um travo doce amargo”, com aquele “sabor de saudade amargo e doce”.



NO CAMPO SANTO

(À Memória de Padre Monte)

Palmyra Wanderley

Aqui repousa o sacerdote angélico
De consciência pura e alma serena...
Aqui sossega o sábio no evangélico,
Tão grande em sepultura tão pequena.

Aqui descansa o padre humilde, o célico,
O manso e bom. Pastor de doce avena ...
Aflorava em seu riso triste e mélico,
A indiferença à sedução terrena.

Da vida amarga espinhos dissipava
Jardineiro das almas procurava
De perfume celeste embebê-las...

Mãe desolada, enxuga o pranto aflito
Que o teu filho, nas dobras do Infinito,
Foi celebrar a missa das estrelas.

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a Antologia do Padre Monte. Ex-presidente da Fundação José Augusto, ex-presidente do IHGRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



DIVA CUNHA E A ARTE DE TRANSFORMAR RESINA EM POESIA

*Maria Marcela Freire &
Valdenides Cabral de Araújo Dias*

Resinando

O que lemos a seguir trata-se de uma breve análise do fazer e do feito poético da poetisa potiguar Diva Cunha, em alguns poemas de seu livro, *Resina*, publicado em setembro de 2009. A nossa análise se desenvolve à luz da temática feminina e suas especificidades dentro da Literatura Brasileira, recortando-se, dentro desta, a literatura potiguar, a partir de alguns pensamentos sobre erotismo. Com isto, tentamos desvendar e entender melhor o motivo condutor de sua poesia, tão bem descrito por Gurgel (2001), em *Informação da Literatura Potiguar*:

Se é necessário eger um leitmotiv para a sua poesia este será, certamente o da perplexidade da menina de formação católica diante do tentador espetáculo da vida. O seu desafio: optar sem remorso entre o ascetismo de uma vida burguesa e descolorida e a sensualidade do dia-a-dia cá fora, com o correspondente risco.” (GURGEL, 2001, p.141)

É importante que conheçamos alguns dados biográficos da escritora, uma vez que é pouco conhecida do público leitor. Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo nasceu em Natal - RN, no dia 10 de dezembro de 1947. É formada em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e pós-graduada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Nesta a “dona de um agudo senso crítico” como bem foi descrita por Gurgel, defendeu a dissertação *Dom Sebastião: a metáfora da espera*. Foi professora de Literatura Portuguesa do curso de Letras da UFRN e de Literatura do Rio Grande do Norte na Universidade Potiguar (UnP).

Diva Cunha estreou no mundo das grandes letras poéticas com o livro *Canto de página* (1986). Em seguida, publicou *A palavra Estampada* (1993), *Coração de Lata* (1996); *Armadilha de Vidro* (2005) e após quatro anos de espera, apresentou-nos *Resina* (2009). Além disso, também publicou, em parceria com Cons-tância Duarte, os livros: *Iniciação à Poesia do Rio Grande do Norte* (1999); *Literatura Feminina do Rio Grande do Norte: De Nísia Floresta a Zila Mamede* (2000) e *Literatura do Rio Grande do Norte: Antologia* (2001). E em uma de suas últimas parcerias, com Marize Castro, publicou *Rio Grande do Sol* (2007). Foi homenageada junto à poetisa portuguesa Maria Tereza Horta em setembro de 2009 no 13º Seminário Nacional Mulher & Literatura e no 4º Seminário Internacional Mulher e Literatura.

A autora faz parte do rol da produção literária feminina potiguar e o faz com muita proficiência, desprendimento e paixão. Os temas abordados em sua poesia são quase sempre a própria poesia, isto é, a metalinguagem como recurso enfático do labor da escrita e suas implicações, a chamada reflexões sobre a criação poética, a metapoética. Além disso, é notório o cotidiano em seus versos e gritante é a voluptuosidade, o erótico e, na maioria das vezes sutil, o ser e o sentir-se mulher em sua poesia extremamente resina. Conhecendo a sua obra podemos pensar, jogando ludicamente com seu nome, que há uma diva na Literatura do Rio Grande do Norte.



Diva Cunha e a poesia-resina

Resina, do dicionário Aurélio¹, “secreção viscosa que exsuda do caule e de outros órgãos de certas plantas, e que contém substâncias odoríferas, anti-sépticas, etc.; as quais cicatrizam rapidamente qualquer ferida em tais órgãos, assumindo aspecto vítreo”. Em entrevista concedida a Sérgio Vilar, dono do Blogger Diário do Tempo², Diva Cunha respondeu à pergunta: “Por que *Resina*, o nome de seu mais recente trabalho?” Ela sinteticamente respondeu que tirava o nome de seus livros das poesias: “Resina traz algo de seiva. E poesia é seiva; destila o que temos de melhor”, concluiu a poeta. Pois é, justo o que ela pratica na sua poesia: um ato de resinagem. Extrai a essência pura da palavra para compor a sua essência poética.

Resina é, resumidamente, o que o sangue é para o ser: elemento constitutivo e renovador de vida. Diva Cunha toma a resina-poesia como aromatizante da vida, como algo capaz de cicatrizá-la, mas não cristalizá-la. Talvez, fazendo-a assumir forma de prisma que refrata e reflete luz, mundividência. Vemos em *Resina*, a revelação do ser desejanter, porém sutil, suave; do ser crítico, angustiado e extremamente existencial; do ser feminino, do ser erótico e poético traduzido em escrita.

É uma poesia que surpreende. Assim como sua conterrânea, Marize Castro, prioriza a concisão, a objetividade. Rápida e também mortal, metaforicamente falando, há algo também entre essas duas poetisas contemporâneas que nos chama bastante a atenção: o erotismo revelador, pois, conforme Zahidê Muzart³ (2009):

1 <http://www.dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em 06/09/14

2 <http://sergiovilar.blogspot.com/2009/09/entrevista-com-diva-cunha.html>. Acesso em 06/09/2014.

3 O texto foi escrito para compor a orelha do livro *Resina*, de Diva Cunha. A professora Zahidê tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira (História das escritoras no século XIX, Literatura e Mulher, feminismo e literatura, Simbolismo em Santa Catarina, Cruz e Sousa). Participa da coordenação do Instituto de Estudos de Gênero - IEG/UFSC e de duas editorias da Revista Estudos Feministas.

A poesia de Diva Cunha é um canto erótico sem peias, sem disfarces, sem inútil timidez. Audacioso e livre. Canta o prazer de viver e de amar. Mas ao lado do erotismo, há um lado cruel e doloroso de sentimentos e desejos exacerbados que enfrentam a solidão e a dor. E, ao mesmo tempo, numa certa dicção que se pode chamar de feminina, aflora a todo momento pequenos nadas de mulher. (CUNHA, 2009)

A poesia de Diva Cunha é exata. Quanto fala, cala. Essa poesia medida fala tão suavemente de algo que nos é inerente, mas que ainda tão cheio de dedos, de pudor. Vejamos isso no poema seta e alvo a seguir:

Teu sexo
haste em que sou flor (CUNHA,
2009, p.221)

Para “combater” a palavra-tapa, a palavra-tabu, somente materializando o sexo feminino, isto é, o órgão feminino por meio de uma delicada flor, cuja haste, que aqui entendemos ser o órgão sexual masculino, ao penetrá-la, a eleva e a faz desabrochar; eclodir de uma latência, eliminar aromas e sumos, resinar antecipadamente à morte que culmina em vida.

Delicada, corajosa, sutil e fértil, acrescentaria também o adjetivo, ousada, sem as arestas possíveis que limitariam o seu fazer poético, para definir a ela e a sua surpreendente poesia, como bem assinala Ivan Junqueira⁴, na orelha do livro:

4 Crítico literário e ensaísta brasileiro, falecido em 3 de julho de 2014.



Esta poesia reúne tudo que se deve exigir de um poeta: concisão vocabular, domínio da língua e da metalinguagem poética, limpeza de fatura e aquela surpresa sem a qual, como nos ensina Poe, nenhum poema merece ser considerado como tal.” (CUNHA, 2009)

Constatamos como exemplo de concisão vocabular, ousadia e surpresa o poema a seguir:

Onde pousar a borboleta louca
desta boca? (CUNHA, 2009, p. 225)

Ora flor, ora borboleta, ora boca. E assim, o órgão sexual feminino mais uma vez é elevado ao estado de fertilidade, fecundidade e transformação. Fértil e fecundo em perpetuar a vida e a palavra; fértil e fecundo no sentido de dar cor, suavidade e leveza a ambas. Mas por que a indagação “onde pousar”? Talvez essa indagação seja substituída por onde me experimentar, o que observar, descrever; experimentar linguisticamente a vida? Fisicamente as várias maneiras de amar?

Volúvel? Louca? Libidinosa? Não e sim. Apenas um eu lírico que deseja amar e desfrutar plenamente dos prazeres e dos dias que só o amor é capaz de oferecer. Temos, pois, a borboleta como símbolo da liberdade e da metamorfose, signo da identidade feminina e a boca como ponte comunicativa e expressiva entre o pensamento e a palavra do homem, enquanto ser.

Nos versos a seguir, a expressão de um labor poético, como válvula de escape, uma maneira de se satisfazer por meio da escrita, não deixando de sugerir e levar o leitor a refletir acerca das ambigüidades e do valor sugestivo das palavras:

Passam navios a minha porta
agitados por ondas azuis de impaciência

saio aflita e arranho as paredes
com inexata doçura da ciência

de que fazer versos é o melhor
exercício para o meu cio (CUNHA,
2009, p.159)

Podemos trocar o substantivo plural “versos” pelo substantivo singular “sexo” no texto acima e a oração não sofrerá nenhum dano linguístico, muito menos expressivo. Mas isto só comunicaria o óbvio e a poesia não é feita de compreensões óbvias. A poesia se utiliza das coisas óbvias, para nos causar impacto e surpresa em algo que supostamente já vimos ou ouvimos, pensamos ou materializamos, pois, de acordo com Moisés

diante do dado novo, só o olhar poético – a *poien*, o olhar que já encaminha o fazer – será capaz de apreender a novidade que aí se esconde; o olhar guiado pela *techné* utilitarista fará apenas incorporar mais um tijolo ao edifício, distorcendo e enquadrando a novidade. (MOISÉS, 2007, p.22)

Neste caso, a opção pela palavra “versos” no plural e não pela palavra “sexo”, como sugerido, no singular, ocorre pela mesma razão que move o poeta a compor versos, a materializar a poesia em palavras selecionadas para sobrepor-se ao óbvio e fazer com que o leitor ou ouvinte enxergue e/ou ouça com olhos e ouvidos de no-



vidade, de sedução, de prazer. Assim podemos pensar que a poesia de Diva Cunha, em específico no poema anterior, segue mais ou menos a linha de pensamento Barthes, ao nos dizer que:

a linguagem é redistribuída. Ora, essa redistribuição se faz sempre por corte. Duas margens são traçadas: uma margem sensata, conforme, plagiária (trata-se de copiar a língua em seu estado canônico, tal como foi fixada pela escola, pelo uso correto, pela literatura, pela cultura), e *uma outra margem, móvel*, vazia (apta a tomar não importa quais contornos) que nunca é mais do que o lugar de seu efeito: lá onde se entrevê a morte da linguagem. Estas duas margens, *o compromisso que elas encenam*, são necessárias. Nem a cultura nem a sua destruição são eróticas; é a fenda entre uma e outra que se torna erótica. O prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente *romanesco*, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza. (BARTHES, 1987, p. 12)

Fazer versos, assim, dentro dessa margem dupla de que fala Barthes, é como fazer sexo: neste contexto é tomado como um exercício, no caso em questão, o exercício da palavra escrita, exercício de linguagem. Exercício esse que fornece a liberação também de endorfinas, a sensação de prazer. Labor poético singular, urgente, cuidadoso e exigente que busca satisfazer a libido que corre



à solta na veia do eu lírico do poema acima; o tesão pela palavra ainda não vinda, bem selecionada e empregada; pela palavra que incita e excita, que penetra nosso coração, nossa mente e nos adormece, enquanto leitores, com suas múltiplas significações, palavra que causa múltiplos orgasmos, palavra-prazer.

A mesma maneira de enxergar e sentir a poesia e o fazer poético, enquanto ato de prazer, ainda retomando Barthes para explicar melhor os versos que se seguem: “O escritor de prazer (e seu leitor) aceita a letra; [...] está obcecado por ela, como o estão todos aqueles que amam a linguagem (não a fala), todos os logófilos, escritores, epistológrafos, lingüistas” (BARTHES, 1987, 36). Por essa razão barthesiana, percebemos que o eu lírico, através de processos sinestésicos, mata seu desejo e se masturba e se contorce escrevendo e lendo poesias, ou seja, expõe ao leitor um prazer inscrito numa escrita de prazer.

Corpo: solo sagrado, “Casa de um Deus”, como a própria poeta denomina. Enigma a ser desvendado. Interna e externamente desenvolve e envolve no outrem, raízes profundas de sensações que abarcam todos os sentidos, como bem se expressa Octavio Paz (1993) para explicar o alcance do significado do termo erotismo:

O erotismo é uma forma de conhecimento, um conhecimento do corpo. Do nosso corpo, do corpo do outro, um conhecimento adquirido através do corpo. Nosso corpo tornar-se um objeto erótico quando queremos agradar aos outros. É o desejo dos outros que põe em movimento o nosso conhecimento. As religiões ascéticas que combatem o erotismo, não o lavam. Então todos os sentidos se embotam: o tato, a sensibilidade sinestésica, o olfato.” (PAZ, 1993, p.185)



Tal pensamento de Paz se faz eco na poesia de Diva Cunha, como podemos observar no poema “O Corpo do Homem”, cuja comparação com o mar revolto assemelha-se aos movimentos sensuais na hora da cópula:

O corpo do homem
cresce sobre o meu
onda sem paz
que o braço do oceano
leva e traz (CUNHA, 2009, p.132)

E no corpo do outro, a procura desesperada pelo extasiante fim só é encerrada quando a união das almas se dá com um objetivo: a entrega do que no outro não lhe falta, mas que lhe ultrapassa:

Procuro em teu corpo
não o que me falta
mas me ultrapasse

asa que me lance
no exato círculo
do vôo

viagem sem fim
de ti para mim (CUNHA, 2009,
p.124)

E assim, na agonia do sentir, corpos exsudam poesia. Corpos de linguagem, corpos em movimento criador, corpos a deflorarem o mistério de ser em plenitude. Observemos como isso acontece nos poemas que seguem:



As camisas úmidas de poesia
moldam o corpo
a carne cresce em silêncio
flor carnívora
entre ela e a palavra
um sumo forte escorre (CUNHA,
2009, p.93)

Chega de assepsia
no poema
troca-se o rigor
pela hemorragia
da pena (CUNHA, 2009, p.206)

No segundo poema, que germes patogênicos seriam esses, capazes de macular a essência da poesia no ato de sua consumação? A forma, o rigor, a severidade, a rigidez, a precisão? A poesia necessita correr solta. Não deve haver entraves entre o criador e a criatura. Assim como não deve haver medo de morrer de certas mortes, como sugere o próximo poema:

Morrer
Como quem dobra
A esquina da vida
Sem olhar:
Vou ali morrer
Não volto já
(p.257)



Morrer aí, nesse contexto, é viver. É fazer jus à frase em latim do poeta Horácio: *Carpe diem*, ou em outras palavras “colha o dia” ou “aproveite o momento”. Não olhar para os lados, muito menos para trás. É ir, sem pressa de chegar e até mesmo, de voltar. É não ter medo de fechar os olhos e de repente, descobrir-se num outro lugar, de um jeito outro, pensando diferente do que costumava pensar. É morrer sem medo de viver.

No poema que segue, a poetisa tocará em outro ponto crucial do erotismo: o desejo feminino que, muitas vezes, é reprimido por toda a sociedade:

A minha avó
não sabe
a culpa que lhe cabe
eu ser assim
um bicho
com outro bicho
atrás de mim

a minha avó
não sabe
o preço do desejo preso
em cambraias estampadas (CUNHA,
2009, p.268)

O poema nos leva a questionar a natureza desse bicho mulher encarcerado em convenções culturais, sociais, morais e históricas anteriores ao tempo do eu lírico. Vontade desmedida de subverter, de ir a contrapelo da ordem estabelecida? A sociedade, com seus puritanismos, repressões desmedidas, deveria bem saber o preço do desejo preso: neuroses, psicoses, inibições, frustrações,



histerias, doenças relacionadas à sexualidade humana, doenças da alma. O eu lírico relacionou bem a sociedade arcaica em que sempre vivemos à personagem da avó.

O medo não envenena apenas o dia, mas também a alma. Paralisa. Engessa pensamentos. Mas ele também pode ser benéfico em certos momentos do nosso dia-a-dia. Para tanto, a poeta se faz humana e humaniza o outro, o seu leitor, por meio de seu medo:

Como apaziguar as sombras
Subtrair o medo que envenena o dia?
(p.27)

A poesia interrogativa e inquietante de Cunha entrelaça-se ao cotidiano sombrio que circunda. Inevitavelmente aflora a partir do pavor, da impotência diante do caos cotidiano. Esse caos leva o eu lírico a duvidar de sua identidade: “No futuro /serei o que não sei” (p.63). E quem o saberá, a poeta? O eu lírico? Talvez se continuarmos a ler o outro em poesia, a ler ou enxergar o outro com o olhar de poesia consigamos chegar bem mais perto desse Deus/homem e dessa mulher em estado de satisfação. Enquanto essa busca se perpetua, a resina poética de Diva Cunha nos alivia, de certa forma, das dores e incertezas do mundo. Após tecermos as primeiras leituras acerca da nossa Diva potiguar, percebemos que a feminilidade, a sensualidade, o olhar observador e crítico, assim como uma dose certa de erotismo, conspiram a favor de uma poesia enxuta, sintética e repleta de verdades existenciais, de questionamentos morais.

Encontramos a poeta “da pá virada/ a da vida torta”. Aquela que escolheu ser outra, ser bicho diferente da avó que não sabia o “preço do desejo preso”, da tia que “guardava entre as pernas uma flor que ninguém desfolhava”, da irmã, da filha que até hoje espera na varanda de seus castelos, os príncipes desencantarem a elas.



E apesar de ser assim, ser-mulher diferente, continua feminina, preocupada com coisas miúdas e preferindo ser mulher miúda e trapaceira, matutina, às vezes “pássaro noturno”, cheia de bocas e de “sumo forte”. A poetisa ainda prefere ser aquela que só imita e dialoga com os grandes, aquela que quando Deus lhe fala “apura os ouvidos”, aquela que também uiva para a lua, aquela que amarra os cachorros loucos à sua cama só para virar dama, aquela que reclama da justeza do cárcere de uma velha calça jeans. Diva Cunha optou, em Resina, construir um eu lírico erótico e poético traduzido na escrita.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CUNHA, Diva. *Resina*. Natal: Una, 2009.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia é Utopia. Sobre a função social da poesia e do poeta*. São Paulo: Escrituras, 2007.

PAZ, Octavio. *A Dupla Chama: Amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

SANTOS, Tarcísio Gurgel dos. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

MARIA MARCELA FREIRE é poeta, escritora e pesquisadora. Professora da Rede Estadual de Ensino e ativista cultural na cidade de Currais Novos.

VALDENIDES CABRAL DE ARAÚJO DIAS é poeta, escritora e pesquisadora. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Autora de “O Retórico Silêncio”, “Pulsar” e outros livros.

O INTERNACIONALISTA GILBERTO AMADO

Enéas Athanázio

Não deixa de ser curioso que um patriota como Gilberto Amado (1887/1969) tenha se especializado em Direito Internacional Público, disciplina em que se tornou autoridade. Uso a palavra patriota, tal como ele preferia, porque considerava “o nacionalismo a forma zangada de patriotismo, a modalidade crispada do amor à pátria.” Semântica à parte, poucos brasileiros amaram mais este país.

Em 1987, por ocasião do centenário de nascimento do escritor, dois eventos de magnitude aconteceram para festejar a data, um no Brasil e outro em Genebra, embora pouco ou nada divulgados. Em Brasília, no Palácio Itamaraty, realizou-se sessão solene, no dia 21 de julho, presidida pelo então presidente da República, José Sarney, ocasião em que se manifestaram o próprio presidente, Roberto de Oliveira Campos, José Sette Câmara e Rodrigo Amado, discorrendo todos a respeito do homenageado e sua obra. Outra sessão solene, esta de repercussão mundial, teve lugar no “Palais des Nations”, na Comissão de Direito Internacional da ONU, em Genebra, no dia 16 de junho. Nessa ocasião, proferiu importante palestra o professor Antônio Augusto Cançado Trindade, Consultor Jurídico do Itamaraty, originalmente em inglês. Todos os trabalhos foram mais tarde reunidos em pequeno volume pela José Olympio Editora (Rio – 1987 – 86 págs.). Acrescentou-se a ele a célebre “Oração aos jovens diplomatas”, proferida por Gilberto em 1955. Como tantas outras publicações, o livro mereceu completo silêncio.

Gilberto Amado ainda não encontrou o biógrafo que mereceria. Não teve a boa sorte de um Monteiro Lobato que foi retratado de corpo inteiro pelo incansável Edgard Cavalheiro, autor de uma das melhores biografias de nossas letras. Todos os livros sobre o sergipano – e podem ser contados nos dedos das mãos – são



incompletos e fracionários, silenciando quase sempre a respeito da **fase internacional** de sua vida, que vai do ingresso no Itamaraty até o falecimento, e sobre a qual pouco se sabe. Ainda está por ser realizado um levantamento exaustivo de sua atuação nesse campo (1934 a 1969).

Na palestra acima referida, no entanto, o Prof. Cançado Trindade, deu início ao desvendamento desse período tão rico da vida de Gilberto, embora não surgisse quem desse continuidade ao estudo, o que é uma pena. Em sua palestra, sob o título de “A contribuição de Gilberto Amado aos trabalhos da Comissão de Direito Internacional das Nações Unidas”, sempre fundamentada em sólidas fontes, traça um panorama geral da atuação do nosso representante e suas numerosas intervenções, fixando seus pontos de vista a respeito dos mais palpitantes temas internacionais da época. Lembra ele, com muita propriedade, que os assuntos internacionalistas não eram alheios a Gilberto desde seus tempos de parlamentar, ainda na República Velha. Espírito universalista e curioso de todos os saberes, ele já se dedicava, desde então, às leituras de Direito Internacional. “Deputado pelo Estado de Sergipe; na Câmara Federal, integrou, como presidente, a Comissão de Diplomacia e Tratados, e como relator, a Comissão de Finanças, onde emitiu pareceres sobre assuntos tais como as posições do Brasil com relação ao Pan-Americanismo e à Liga das Nações” – escreveu (p. 63). (Creio que aí há um pequeno equívoco: todas as manifestações de Gilberto que encontrei, falando como presidente da referida Comissão, foram feitos no Senado e não na Câmara). E de fato, rápido passeio sobre os anais de sua atuação no Parlamento revela a preocupação com temas como o Brasil na guerra, as relações Brasil-Argentina, o projeto “Estados Unidos da Europa”, a imigração portuguesa, o orçamento do Ministério das Relações Exteriores, enfatizando sua fé na Liga das Nações, o armistício que pôs fim à guerra na Europa, entre outros, sobre os quais se manifestou em discursos. Parecia intuir, com anos de antecedência, que estava vocacionado a ser um expoente de nossa diplomacia.

Prosseguindo em sua exposição, Cançado Trindade mostra que o embaixador brasileiro era adepto de um **desenvolvimento progressivo** e da **codificação** do Direito Internacional Público, assumindo sempre uma postura pragmática e que levasse em conta, tanto quanto possível, a **prática** dos Estados. Pensava e agia como um pragmático, não como um teórico, ainda que conhecendo muito bem a teoria. Um realista, buscando sempre o factível. “Não podia associar-se à escola de internacionalistas idealistas que se julgava competente para ditar aos Estados quais eram seus interesses vitais” – resumiu o autor (p. 67).

Dentre os múltiplos assuntos discutidos, Gilberto Amado interveio nos debates relacionados ao direito do mar, ao mar territorial, ao conceito de agressão, à arbitragem, às organizações internacionais, ao reconhecimento de novos Estados, à inclusão do indivíduo como sujeito de Direito Internacional, relações diplomáticas e consulares, jurisdição penal internacional, nacionalidade e apatridia, responsabilidades dos Estados, rios internacionais, cláusula de nação-mais-favorecida, ao **ius cogens** e outros tantos. Quanto ao mar territorial, opunha-se à sua extensão arbitrária pelos Estados, além de doze milhas, em face da prevalência das práticas internacionais; quanto ao indivíduo como sujeito, revelava-se aberto à sua aceitação, idéia embrionária na época; quanto ao **status** das organizações internacionais para celebrar acordos, era receptivo à idéia. Defendia a aceitação do “princípio da predominância do universal sobre o particular para reconhecer o **ius cogens** como uma realidade que está diante de todos os Estados no direito internacional contemporâneo” (p. 76). Havia, afirmava, “progresso na institucionalização do Direito Internacional, o qual, entretanto, continuava sem meios de coerção paralelos aos do direito interno” (idem).

Como afirma o autor, “o levantamento acima revela que Gilberto Amado estava, de fato, engajado na consideração e no tratamento de praticamente todos os grandes temas do direito internacional de sua época” (p. 79). Com efeito, seu nome se liga



de forma inarredável à história da própria Comissão de Direito Internacional da ONU. Como seu membro, foi eleito por unanimidade relator, em 1949, na primeira sessão, e depois reeleito sem interrupção até sua morte, em 1969. Acredito que seja um caso único na vida daquela instituição. Como tributo à sua memória, foram instituídas, com aplausos de todas as delegações, as **Gilberto Amado Memorial Lectures**, ocasião em que se proferiam palestras anuais a seu respeito e de sua obra. Duas importantes fontes para o conhecimento desse período da vida de Gilberto Amado são citadas pelo palestrante: “Repertório da Prática Brasileira de Direito Internacional Público” e “Anuário da Comissão de Direito Internacional (1949/1968)”, ambas da maior credibilidade, além de outras, nacionais e estrangeiras.

Em sua palestra, o embaixador Sette Câmara informou que guardava, com o maior cuidado, centenas de cartas recebidas de Gilberto Amado e que, pelo que me consta, nunca foram dadas a público. São, sem dúvida, documentos da maior importância e que deveriam ser publicados. Recordo, ainda, muitas passagens curiosas de sua convivência com o sergipano.

Vamos esperar que surja o quanto antes o grande biógrafo de Gilberto Amado. A passagem inclemente do tempo tornará cada vez mais difícil a indispensável tarefa.

ENÉAS ATHANÁZIO é escritor e Promotor de Justiça aposentado. Reside em Balneário Cambúriu (SC). Autor de “O Azul da Montanha” e vários outros livros – contos, ensaios, crônicas, etc. Sócio correspondente da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

ZILA JORNALISTA

Gustavo Sobral & Juliana Bulhões Alberto Dantas

Ainda não havia a técnica do lide nos jornais brasileiros quando Zila Mamede começou a escrever para os jornais. O artigo e a crônica já tinham o seu espaço, e imperavam a reportagem e a notícia.

Zila Mamede praticou um jornalismo híbrido, que poderia ser nota, reportagem, crônica e artigo. Ela exerceu um jornalismo com a sua marca pessoal, sua visão sobre o mundo e um olhar atuante e participativo no dia a dia da cidade.

As mulheres assumiam cada vez mais espaço nas redações, atuando, entre outras funções, como repórteres, redatoras, pauteiras e revisoras. No entanto, segundo Rachel de Queiroz, que escrevia para a imprensa desde os anos 1920, havia restrições à atuação das mulheres no dia a dia da cobertura do jornal, o que não as impediu de tratarem de assuntos antes restritos ao universo masculino, como a política.

O jornalismo pareceu uma opção declarada por Zila nos anos 1950, em Natal. Zila, aos 21 anos, se torna colunista interina, cronista e repórter bissexta na *Tribuna do Norte*, posteriormente redatora do *Diário de Natal* e correspondente internacional do jornal carioca *O Globo* para a cobertura, na Europa, do Congresso Mundial da Juventude Operária Católica.

Além disso, colaborou com os suplementos literários de jornais do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Zila estava integrada ao grupo poético pernambucano de Mauro Mota, Ledo Ivo, Carlos Pena Filho, entre outros.

Não espanta que tenha frequentado, em 1953, nos meses de novembro e dezembro, um curso de jornalismo oferecido pela Universidade de Recife em parceria com a Associação de Imprensa



de Pernambuco — ainda não havia faculdade de jornalismo em Natal, que só seria implantada em 1962.

Em 1957, passou a trabalhar como redatora no *Diário de Natal*, registrada como jornalista profissional admitida na Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa.

Uma pesquisa nas edições do jornal *Tribuna do Norte* dos anos de 1950 a 1952 recupera a colaboração de Zila ao jornal no ano de 1952:

Colaborações de Zila Mamede ao jornal *Tribuna do Norte*, ano 1952

<i>Data</i>	<i>Seção/classificação</i>	<i>Título</i>
<i>Sexta-feira, 04 de janeiro de 1952</i>	Tribuna Social	Eu li Phoenix
<i>Quinta-feira, 10 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Sábado, 12 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Domingo, 13 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Quarta-feira, 16 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Quinta-feira, 17 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Sexta-feira, 18 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Sábado, 19 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Domingo, 20 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Terça-feira, 22 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos



<i>Quarta-feira, 23 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Quinta-feira 24 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Sexta-feira, 25 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Sábado, 26 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Domingo, 27 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Terça-feira, 29 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Quinta-feira, 31 de janeiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Sexta-feira, 01 de fevereiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Sábado, 02 de fevereiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Domingo, 03 de fevereiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Terça-feira, 05 de fevereiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Quarta-feira, 06 de fevereiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Quinta-feira, 07 de fevereiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Sexta-feira, 08 de fevereiro de 1952</i>	Revista da Cidade	Notas com títulos diversos
<i>Quinta-feira, 13 de março de 1952</i>	Seção: diversos	O menino da auto-lotação



<i>Quinta-feira, 27 de março de 1952</i>	Seção: diversos	Natal na manhã de domingo
<i>Quarta-feira, 16 de abril de 1952</i>	Reportagem	1º Centenário do Compositor brasileiro Henrique Oswald
<i>Terça-feira, 25 de novembro de 1952</i>	Aspectos da Cidade	O quarteirão branco
<i>Domingo 30 de novembro de 1952</i>	Aspectos da Cidade	Miramonte, o castelo
<i>Domingo, 07 de dezembro de 1952</i>	Aspectos da Cidade	Festival Beethoviano
<i>Domingo, 14 de dezembro de 1952</i>	Aspectos da Cidade	Posto de salvamento

Fonte: Autoria própria

A *Tribuna do Norte*, jornal fundado em 1950 por Aluísio Alves, circulava com doze páginas. Havia como seções fixas a *Tribuna Social* e a *Revista da Cidade*.

Tribuna Social era uma coluna que contemplava horóscopo, aniversários, nascimentos, falecimentos, etc. Havia ainda quadrinhos, curiosidade, pensamentos, conselhos, humor e poesia.

Na *Tribuna Social*, Zila colabora com um único texto em prosa, “Eu li Phoenix”. Phoenix era a revista do Teatro de Amadores de Natal.

Na *Revista da Cidade*, aparecerá como colaboradora sob o pseudônimo de Maiana. Zila substituiu temporariamente o titular da coluna, Rômulo Wanderley. A experiência foi breve, entre 10 de janeiro e 8 de fevereiro de 1952.

Revista da Cidade era uma coluna híbrida em que figuravam uma crônica ou artigo e notas diversas. Não era uma coluna diária,

tampouco tinha um dia fixo na semana para aparecer. Funcionava também como coluna social.

Zila torna Revista da Cidade um espaço plural, amplia o repertório para a seara cultural, comenta os filmes em cartaz, reclama da falta de linhas telefônicas na cidade e, assim, subverte o tom brando da coluna social, embora continue a anunciar os expedientes de praxe: nascimentos, batizados, casamentos, mortes e viagens.

Entravam na pauta os *fait-divers*, como a visita do médico industrial Tarcísio Maia à redação do jornal; desmentidos: o poeta e vaqueiro norte-rio-grandense José Praxedes não fora assassinado; fofocas: contaram que uma certa poetisa da nova geração...; e até fantasia de carnaval: Aureliano de Medeiros vai se fantasiar de Urubu Malandro.

Além da coluna, Zila publicava seus poemas no jornal. No dia 2 de fevereiro a coluna não aparece assinada. Será ainda Maiana? Provavelmente, pois na edição seguinte continua a temática exposta e Maiana volta a assinar.

Zila/Maiana segue até o dia 8 de fevereiro de 1952 e parte sem se despedir. No seu lugar, assume o Príncipe Ibis. Zila reaparecerá posteriormente com duas colaborações esparsas, uma reportagem, e na coluna Aspectos da Cidade.

As colaborações esparsas se assemelham às suas contribuições para a coluna Aspectos da Cidade, que consistiam praticamente em um texto curto entre a crônica e o artigo. Um deles, publicado na edição do dia 13 de março de 1952, “O menino da auto-lotação”, revela o tom e o estilo que imprimiu aos textos:

Era um calor danado. Apanhei o primeiro transporte que apareceu, um auto-lotação que faz a linha Ribeira-Alecrim, daqueles que correm tanto, fazem um cem número de zigue-zagues,



“voam tão baixo”, por assim dizer que a gente fica tonta. Felizmente ainda havia um lugar de verdade. Às vezes estão absolutamente superlotados e o motorista ainda grita – “cabe mais um”. Bem, mas não estou querendo falar do serviço de auto-lotações, sobre o que, aliás, muito teria a dizer. Refiro-me ao menino trocador desse auto-locação...

Já a reportagem, assinada e publicada em abril de 1952, “1º Centenário do Compositor brasileiro Henrique Oswald”, narra a festa realizada no Instituto de Música do Rio Grande do Norte em homenagem ao compositor Henrique Oswald, bem ao estilo que se praticava nas reportagens, sem nada que importe destacar.

A contribuição de Zila Mamede ao jornalismo e a sua faceta como jornalista ainda merecem um estudo aprofundado. Aliás, o jornalismo no Rio Grande do Norte carece ainda de estudos que registrem aspectos de sua prática e que se debrucem sobre os textos jornalísticos publicados.

Este trabalho é fruto e resultado do interesse dos autores pelo jornalismo do Rio Grande do Norte, ao qual já trouxeram uma contribuição com o livro *Memórias do Jornalismo no Rio Grande do Norte* (Caravela Cultural, 2018).

Além disso, Sobral é também um dos organizadores da primeira antologia de cronistas da cidade do Natal, *Cinco cronistas da cidade* (Edufrn, 2017), e tem trabalhos diversos publicados acerca de jornalistas e cronistas. Todo o material está disponível para download gratuitamente no site pessoal do autor (www.gustavosobral.com.br).

GUSTAVO SOBRAL é jornalista, escritor, publicou e organizou diversos livros, dentre os quais “As Memórias Alheias” e “Os Fundadores”.

JULIANA BULHÕES ALBERTO DANTAS é Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília, e-mail: julianabulhoes.ad@gmail.com.





LIGEIRA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DESTINO DA CASA DE JORGE FERNANDES

Ivan Lira de Carvalho

A nota zumbiu da página digital com a força de uma denúncia que não poderia ficar sem acatamento. O clima favorecia a admissão do libelo, traduzido em tons crus próprios de quem faz vigília estética (e poética, para rimar com ética) do que resta do patrimônio urbanístico do velho centro da Cidade do Natal. Está lá, no perfil do Facebook⁵ titularizado pelo escritor Alexandre Gurgel, com todos os pontos e vírgulas: “Natal, ah Natal... // O que resta da casa -- Rua Vigário Bartolomeu, antiga Rua da Palha --, daquele que modernizou a poesia potiguar em 1927, com o seu ‘Caderno de Poemas’, o primeiro poeta modernista do RN, o grande, o grandíssimo, o gênio da raça Jorge Fernandes, aquele que Mário de Andrade conheceu na Redinha, na casa de Barôncio Guerra, e se encantou por seus revolucionários versos. // Abandonada, esquecida, quase em escombros, persiste, resiste e teima em se manter em pé, numa ode ao ‘magestic’ Jorge Fernandes. // Deveria ser transformada, obrigatoriamente, no Memorial Jorge Fernandes. // ‘Natal não consagra, nem desconsagra ninguém’. Palavras do sempre sábio Cascudo, que apresentou Jorge a Mário. Natal, ah Natal...”. A foto que acolita a legenda é um sopapo que não pode deixar inerte quem tem o mínimo de zelo pela memória e pela história deste e de qualquer lugar...! Caí em campo. “Esta casa atualmente é propriedade de alguém da família Fernandes?”. Melhor até que tivesse dito: “Estes escombros são propriedade de alguém da família Fernandes?”. A resposta veio rápida, trazida pelo próprio denunciante: “...parece-me que sim. Soube que a dívida relacionada ao IPTU é bem alta.”.

5 ¹<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2125668354189602&set=p.2125668354189602&type=3&sfns=mo>.

Hum... a questão tributária pode estar empurrando telhas e paredes para o chão, usando o aríete do tempo, foi o que matei. A partir dali passei a sonhar com a viabilidade de estimular o interesse da municipalidade em uma negociação que diminuísse o acervo de dívidas fiscais impagas e de quebra ainda encaminhasse o que restava da história, em argamassa, tijolos e portas quebradiças para o restauro e a ressignificação de algo realmente caro ao contexto literário e cultural da urbe. *Dreams... dreams...* Mas, quem somos nós sem eles?

Levei o caso ao Conselho Estadual de Cultura, que, à unanimidade, estimulou o levantamento da situação do bem. Armei-me da genealogia intuitiva, cruzei famílias e lembrei dos parentes de Jorge Fernandes que poderiam contribuir com a empreitada. Avultou a figura de Fernando Fernandes, sobrinho-neto do dito cujo. Por onde andar? É Secretário Municipal de Cultura, lembrou alguém. No esteio, o Conselheiro Alex Medeiros – que, como jornalista, tem agenda telefônica multidisciplinar e quase intergaláctica – localizou o homem do Algarve para dentro, arrancando-lhe a promessa de que breve estaria de volta a Natal e daria notícias. Vieram. Nada sabia de mais concreto, mas indicou a professora Maria Célia Ribeiro como neta de Jorge e por isso mesmo passível de ter melhores elementos.

No paralelo fiz pesquisa de campo. No trajo de investigador de polícia de priscas eras dei uns bordejos pela Rua Vigário Bartolomeu. Venci o lixo que se acumulava na calçada, forcei as portas, espiei pelas gretas. Um desastre iminente! Só o frontão, no aguardo de uma chuva mais fornida e com substância eólica para reduzir-se a pó definitivamente. Assuntei a vizinhança. O imóvel agora pertencia a um “investidor” em velhas casas das adjacências. Será que eu tinha interesse em comprar aquilo, para botar um café... um sebo... uma coisa assim? O raciocínio do confinante era razoável, só não contava ele com a minha insuficiência financeira cumulada com a rigorosa inabilidade para negócios. Mas a curiosidade sempre foi maior que tudo isso. Identifiquei uma plaquinha na parede,



com um número de telefone. É do dono, disse-me um pastoreador de carros, adicionando: “Vem aqui todo sábado. Venha o senhor também para conversar com ele”, ordenou o mesmo autônomo, já antevendo meter-se no negócio para faturar uma corretagem. Esquivei-me de compromissos, deixando suspense no ar. O medo maior era que descobrissem ser eu do Conselho de Cultura e pusessem abaixo o que restava da casa, “antes que tombem”, frase trivial no empresariado imobiliário mais bronco.

Sem o número da casa ficava difícil averiguar nos cadastros prefeiturais a situação jurídica do bem. Danou-se! Restou-me palmilhar pelas trilhas genealógicas e procurar a Professora Célia Ribeiro, que conheço desde o tempo em que ingressei na Universidade, sendo ela Pró-Reitora de Assuntos Acadêmicos. Acolheu-me com emoção, lembrando da vivência com o seu avô, a quem chama terna e saudosamente de “vovozinho”. Relatou a sua estreiteza com ele, a frequência infantil à sua residência, mas no contexto soltou o dado que não poderia passar despercebido: a casa da sua lembrança tinha uma porta e uma janela; a dos escombros denunciados tem duas janelas e uma porta. Acendeu-me a luz da desconfiança de que os prédios eram díspares.

Continuei pedindo socorro. Mário Ivo Cavalcanti, que tem assento junto ao meu no Conselho de Cultura, lembrou ter feito uma matéria sobre Jorge Fernandes para a Tribuna do Norte, onde exerceu o ofício de jornalista há tempos. Recordou que nas fontes que à época pesquisou encontrou fotos da casa, inclusive nos escritos de Lenine Pinto, além de uma publicação feita pela editora RN Econômico ao ensejo do centenário do nascimento de Jorge, com a singularidade de encadernação *portrait*. Paulo de Tarso Correia de Melo, presente, ratificou o formato do livro e prometeu mostrá-lo com brevidade, junto com tudo de Jorge (e sobre ele) que tem na sua biblioteca.

Lívio Oliveira, juntamente com Humberto Hermenegildo (um dos mais acreditados estudiosos da obra de Jorge Fernandes⁶),

6 Ver, por exemplo, ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Velhos escritos de Jorge Fernandes**. Natal: Offset, 2008.

crepitarão a dúvida tantas vezes aqui mencionada, aludindo à contradita de pessoas que estudam o modernista, acerca da veracidade de ser a morada aquela retratada no Facebook.

Dei-me à investigação mais apurada, nos limites que um imperito pode chegar. Olhei com afinco a iconografia do livro “Jorge Fernandes – O viajante do tempo modernista: Obra completa”, organizado por Maria Lúcia de Amorim Garcia⁷. Lá está uma fotografia de página inteira com o frontão da casa atribuída a Jorge Fernandes: uma porta – altíssima – aberta em duas folhas, sendo a metade destas ocupada por uma persiana que facilita a ventilação e um óculo quadrado de vidro, permitindo a iluminação solar. Mais para cima, uma “bandeira” dupla, fixa, ampliando o ingresso da luz do sol. A janela tem a mesma configuração. Ambas as aberturas adornadas por uma moldura de cimento (gesso ou similar), com beirais em sequência, tanto em cima como em baixo. Completando as molduras, duas figuras geométricas e simétricas em cada uma das aberturas. Na plaquinha padrão de identificação o número não dá para ser lido; mas a volumetria da peça serve para estabelecer um comparativo com o todo do frontão, que não deve medir mais que quatro ou cinco metros de frente.

Já a outra, por ora tomada como paradigmática, tem quase o dobro de terreno frontal e conta uma porta com duas janelas, todas igualmente espichadas para o alto. Mas a constituição dessas entradas é diferente da lindeira: duas folhas, com persianas bem mais curtas do que as da vizinha, e dois óculos em cada lado, além de “bandeiras” de três partes iguais em vidro. As molduras de cada uma das aberturas da casa são encimadas por uma figura em baixo relevo, latitudinal e bem mais estreita do que as da outra residência.

Se ali ele morou, ali não nasceu. Registra Anna Maria Cascu do Barreto, no preâmbulo ao já mencionado livro de Maria Lúcia

7 GARCIA, Maria Lúcia de Amorim. **Jorge Fernandes – O viajante do tempo modernista: Obra completa**. Natal: RN Econômico, 2009. p. 24.



de Amorim Garcia⁸, que Jorge Fernandes veio ao mundo “em 22-08-1887 na Rua Stº Antônio, bem próximo ao centro da Cidade do Natal”, informação reafirmada pela própria autora do compêndio, assim: “Em uma das mais antigas e estreitas ruas do bairro, Cidade Alta, existiu um casarão de tradição secular situado na rua Santo Antônio, nº 665, local onde, em 22 de agosto de 1887, nasceu o maior poeta moderno da Literatura Norte-rio-grandense.”. No imóvel em apreço, que olha para a lateral do Memorial Câmara Cascudo, existe atualmente um prédio de sete andares, onde já funcionou o Hotel Jaraguá e atualmente alberga duas secretarias municipais.

Voltemos à casa da Rua Vigário Bartolomeu, onde residiu Jorge até morrer, a 17 de julho de 1953. Qual o número? Necas de aparecer. Câmara Cascudo⁹ reforça o nascimento do homem na Rua Santo Antonio e a morte “na Vigário Bartolomeu, antiga Rua da Palha, em julho de 1953”. E o número que é bom, nadica!

Até a verve de Lenine Pinto¹⁰ parecia querer brincar com a minha curiosidade numérico-imobiliária, ao escrever para o memorial feito pela família Fernandes ao ensejo do centenário de nascimento de Jorge, começando assim: “Rua Vigário Bartolomeu não lembro o número, nem é preciso, pois não seria uma casa mas um ninho, o único habitat possível para o poeta Jorge Fernandes”, em descrição do que ocorreu na célebre entrevista que consagrou o encontro dos dois. Podia não ter importância para ele, mas para mim tinha, digo agora em diversão com os meus insucessos investigativos.

E o mistério do número da casa continua...

Vou a Maria Lúcia de Amorim Garcia¹¹, que dá uma panorâmica dos dias finais do seu biografado, já doente “e, como apresentava melhora considerável, retornou à pequena casa na rua

8 Obra citada, p. 12.

9 CASCUDO, Luís da Câmara. **Gente Viva**. Recife: UFPE, 1970. p. 64.

10 PINTO, Lenine de Barros. (Sem organizador declarado) **Jorge Fernandes – Centenário**. Natal: RN Econômico, 1987. p. 21.

11 Obra citada, p. 65.

Vigário Bartolomeu, onde morou durante muitos anos até os últimos momentos de vida”. Bem mais adiante, quando a palavra é passada a um bisneto de Jorge, Henrique Medeiros¹², o numeral vem à tona, a propósito da narrativa da amizade do bisavô com um garoto então com nove anos de idade, amigo da família, “que sempre ia visitar o Poeta Jorge, era bem recebido e lá ficavam a conversar na casa da Rua Vigário Bartolomeu, 605.”. Aí tá certo! O adjutório vem do já citado Lenine Pinto¹³, na antológica entrevista publicada no Diário de Pernambuco: “Natal, novembro - Vigário Bartolomeu 605. Nesta casa, sem mistérios, mora Jorge Fernandes, com cerca de 70 anos¹⁴, magro, rosto comprido, óculos, cabeça longa e olhos de menino triste...”.

Para fechar o firo, só faltava um documento, para acolitar de juridicidade a discussão. Chegou! Pelas mãos de Maria Célia Ribeiro tive acesso ao contrato de promessa de compra e venda da tão decantada casa, em ajuste celebrado pelos descendentes de Jorge Fernandes, a maioria deles representados pela filha e procuradora Sarah Fernandes da Rocha, lavrado a 04 de setembro de 1986, figurando do outro lado do trato a empresa L. M. Soares Trigueiro.

Cristão (ou pagão...) haverá que não saiba quem foi Jorge Fernandes, razão de toda essa peregrinação para salvar-lhe a casa ou o que restou dela, para fins de restauro. Por haver esse risco (o do desconhecimento ou da pouca ciência sobre o vate), basta dizer que a sua poesia solta, aqui e acolá meio atravessada ao picaresco, encantou o maior estandarte do movimento modernista de 1922, Mário de Andrade, que tomou ciência do que ele produzia através de carta lavrada pelo amigo comum aos dois, Luis da Câmara Cascudo, idos de 1925. Até aí a poesia do homem era esparsa, salpicada em jornais ou em anotações privadas. Adiante é que vem

12 Obra citada, p. 349

13 PINTO, Lenine. Entrevista com o poeta Jorge Fernandes, percussor do movimento modernista brasileiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27 nov. 1949.

14 O repórter engana-se quanto à idade do entrevistado. Ocorrida a entrevista em novembro de 1949, Jorge tinha 62 anos.



o “Livro de Poemas”, de 1927, impresso por favores do Coronel Cascudo (o pai de Luis...), conforme lembra Francisco das Chagas Pereira¹⁵. Lá em 1928, quando Mário rasgou o país em um aprendizado bisonho de turista, deu de cara com Jorge na cena potiguar, de carne e dente e nariz pra frente, pois de início imaginou que fosse uma blague cascudiana (hoje em dia um *fake*), conforme listou em várias cartas, as quais mereceram, já neste século, o recorte de Humberto Hermenegildo¹⁶, em trechos assim: “Quem é esse Jorge Fernandes, heim? A apresentação de você está engraçadíssima”. E o tal Jorge Fernandes me deixou com água no bico. É bom mesmo”. Adiante, outra carta reportada por Humberto Hermenegildo¹⁷: “Nem mandou me contar se o tal poeta ‘remanescente dos poetas que morreram talvez na guerra contra o Paraguai’ é verdadeiro de carne e osso ou ficção de você”.

A qualidade ousada da poesia de Jorge Fernandes obtinha afirmação sem a necessidade de abrir guerra contra os parnasianos ou maneadores de outros métodos metrificados, como registra Guimercindo Saraiva¹⁸: “Muito reservado, circunspecto e prudente, jamais Jorge Fernandes menosprezou os parnasianos, respeitand-os, em cuja família encontravam-se os irmãos Nascimento, Roque e Sebastião Fernandes, cada qual com a grandiosidade da Musa, inspirando estro, rima, fogo e desejo em suas passagens literárias”.

Retornando à morada posta à antiga Rua da Palha, atual Rua Vigário Bartolomeu, onde viveu quase toda a sua existência Jorge Fernandes, tinha por número o 605. Foi vendida a 04 de setembro de 1986, consoante está na cláusula primeira do instrumento formal: “O objeto do presente contrato é a venda, pelos herdeiros de Jorge Fernandes de Oliveira... do imóvel situado à Rua Vigá-

15 PEREIRA, Francisco das Chagas. **Leitura de Jorge Fernandes**. Natal: Nordeste Gráfica/Fundação José Augusto, 1985, p. 9.

16 ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Velhos escritos de Jorge Fernandes**. Natal: Offset, 2008. p. 20.

17 ob. op. cit., p. 20.

rio Bartolomeu, 605...” Logo, não coincide com o pardieiro que desencadeou a busca relatada neste texto. Em verdade, foi posto abaixo há alguns anos, dando lugar a um pequeno edifício de utilização híbrida e estética questionável (pelo menos para mim...).

Fim da casa do poeta modernista. Talvez dela só restem as lembranças que a igualam àquela que foi cantada por um igual modernista, Manoel Bandeira¹⁹, no poema “A última canção do beco”:

“Vão demolir esta casa.
Mas meu quarto vai ficar.
Não como forma imperfeita
Neste mundo de aparências:
Vai ficar na eternidade,
Com seus livros, com seus quadros,
Intacto, suspenso no ar!”
Pode ser. Pode ser...

REFERÊNCIAS:

1. ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Velhos escritos de Jorge Fernandes**. Natal: Offset, 2008.
2. BANDEIRA, Manoel. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
3. CASCUDO, Luís da Câmara. **Gente Viva**. Recife: UFPE, 1970.
4. GARCIA, Maria Lúcia de Amorim. **Jorge Fernandes – O viajante do tempo modernista: Obra completa**. Natal: RN Econômico, 2009.
5. PEREIRA, Francisco das Chagas. **Leitura de Jorge Fernandes**. Natal: Nordeste Gráfica/Fundação José Augusto, 1985.



6. PINTO, Lenine de Barros. (Sem organizador declarado) **Jorge Fernandes – Centenário**. Natal: RN Econômico, 1987.
7. -----. Entrevista com o poeta Jorge Fernandes, percussor do movimento modernista brasileiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, 27 nov. 1949.
8. SARAIVA, Gumercindo. **Jorge Fernandes um século depois**. Natal: Clima, 1987.

IVAN LIRA DE CARVALHO é escritor, professor e Juiz Federal. Membro do Conselho Estadual de Cultura, membro, recém eleito, da Academia Norte-rio-grandense de Letras e sócio de outras instituições culturais.



POLYCARPO FEITOSA E A ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Manoel Onofre Jr.

Quem se debruçar sobre a história da vida literária, no Rio Grande do Norte, vai deparar-se com alguns fatos inusitados. Por exemplo: um dos nossos maiores escritores - Polycarpo Feitosa (pseudônimo de Antonio José de Melo e Souza) não pertenceu à Academia Norte-rio-grandense de Letras, nem sequer como sócio honorário. Por quê? Nunca se soube o motivo de sua ausência numa instituição, que, pelo menos em tese, reúne a elite intelectual do Estado.

Ficcionista de primeira grandeza, além de poeta, ensaísta e memorialista, Polycarpo Feitosa é um nome que orgulha o nosso Estado. Tinha tudo para ser acadêmico, inclusive *status* social (às vezes isto é levado em conta, lamentavelmente). Disfarçado pelo pseudônimo, Antonio de Souza exerceu altos cargos: Governador do Rio Grande do Norte (dois mandatos), Deputado Estadual, Procurador Geral do Estado, Senador, etc. Note-se que, apesar da sua fama de ermitão, não era avesso à vida literária, pois, entre outras atividades sócio-culturais, fundou e dirigiu, ainda jovem, o Grêmio Polimático, entidade prestigiosa, e foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Quando a ANRL foi fundada, em 1936, Antonio de Souza havia deixado de exercer, no ano anterior, as funções de Secretário Geral do Estado (substituto eventual do Interventor Mário Câmara) e aposentara-se no cargo de Consultor Geral do Estado.

Noticiando a instalação da ANRL, disse o Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro:



“Realizou-se, ontem, em Natal, solenemente, a instalação da Academia Norte-rio-grandense de Letras, fundada sob a orientação da Federação das Academias de Letras do Brasil e auspícios do governador do Rio Grande do Norte.

A Academia compõe-se de 25 cadeiras, sob o patrocínio de nomes ilustres de riograndenses falecidos, e já ocupadas as primeiras vinte por individualidades representativas da intelectualidade do Estado.”

Após enumerar os patronos e acadêmicos destas cadeiras, o jornal adianta:

“Para as cinco restantes cadeiras os acadêmicos serão eleitos dentre os Srs. Aduino Câmara, Eloy de Souza, Januário Cicco, José Augusto, Nestor Lima, Rodolfo Garcia, Matias Maciel, Tobias Monteiro, Valdemar de Almeida e Tavares de Lyra.”

Cinco dos nomes citados, aliás, dos mais eminentes, não foram eleitos: Eloy de Souza, José Augusto, Rodolfo Garcia, Tobias Monteiro e Tavares de Lyra. Estes três últimos tornaram-se sócios honorários.

José Augusto veio a ser eleito, anos depois, quando se aumentou para 30 o número de cadeiras, em 1943. E Eloy de Souza elegeu-se em 1949, sucedendo a Antônio Pinto de Medeiros, que renunciou. Em nenhum momento foi cogitado o nome de Antônio de Souza.

Em 1957 ampliou-se, mais uma vez, o número de cadeiras da ANRL, fixando-se o mesmo em 40, de forma definitiva, conforme o modelo da Academia Francesa. Antonio de Souza falecera dois anos antes, mas ninguém lembrou-se de homenageá-lo como patrono de uma das cadeiras então criadas.

É provável que a exclusão do ilustre escritor, quando da fundação da Academia, tenha tido motivação política.

Como consta da notícia do *Jornal do Comércio*, acima citada, a novel entidade nasceu “sob os auspícios do governador do Estado”, que era, então, Rafael Fernandes. Este disputara a governança



com Mário Câmara, em 1935, numa das campanhas mais conturbadas da história do Estado. Numerosas inimizades resultaram do sectarismo generalizado nessas lutas políticas. Ora, se Antonio de Souza tinha sido um homem da confiança de Mário Câmara...

- o -

Decorridos 64 anos de sua morte, Antonio de Souza está, injustamente, esquecido.

Fala-se muito e muito se escreve sobre ilustres governadores do Estado – Alberto Maranhão, José Augusto, Juvenal Lamartine, Aluízio Alves – mas nunca se diz que Antonio de Souza foi um dos melhores governantes que já tivemos, senão o melhor. Honradez, tino administrativo, conhecimento da problemática socioeconômica do Estado, tudo depõe a seu favor. Mas, não é reconhecido.

No campo da literatura, as homenagens vão, quase sempre, para Câmara Cascudo, Auta de Souza, Jorge Fernandes, Zila Mamede e alguns outros, deixando de lado Polycarpo Feitosa. Dos seus cinco romances, apenas um – “Gizinha” – foi reeditado, e o seu único livro de contos permanece em primeira edição. Felizmente, o editor Cleudivan Janio, da CJA Edições, prometeu agora relançá-los.

Não sei de grande logradouro, tampouco de instituição que tenha o nome do eminente patricio. Estudo biográfico em profundidade – nenhum! Em 2016 tracei o seu perfil, em breves pinceladas, editado num volume, tipo *pocket book*, pela 8 Editora, na prestigiosa Coleção Presença. Ampliando agora esse trabalho juntei valiosos subsídios, muitos destes coletados com a ajuda do escritor Thiago Gonzaga, e escrevi o livro “Antonio de Souza. (Polycarpo Feitosa) - Uma Biografia”, cujo lançamento está previsto para o próximo mês de abril.

MANOEL ONOFRE JR. é desembargador aposentado e escritor. Autor de “Chão dos Simples”, “O Caçador de Jandaíras”, “Ficcionistas Potiguanos” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.



NÍSIA FLORESTA:

FEMINISTA QUANDO NEM SE FALAVA SOBRE ISSO NO BRASIL
(II)

Leonam Lucas Nogueira Cunha

ASPECTOS POLÍTICOS DA VIDA DE NÍSIA FLORESTA

A partir de entonces registran las lides de la educadora y pionera en la defensa de los ideales de educación y derechos de la mujer, la visión progresista expresada en novelas, ensayos, poesías y epístolas de viajes, hoy incorporados con éxito en la historia del pensamiento de Brasil. (Rizolete Fernandes, 2017, en “Tejedoras”)

No que tange ao debate feminista, “Nísia Floresta identifica na herança cultural portuguesa a origem do preconceito no Brasil e ridiculariza a idéia dominante da superioridade masculina” (DUARTE, 2003). Ela entende que mulheres e homens são diferentes quanto a aspectos físicos, mas são iguais em alma. Claramente é um ponto de vista religioso, uma vez que tece sua argumentação baseada no conceito de “alma”, que é questionável sob diversos pontos de vista, mas transcende à ideia cristã dominante da época que relega à mulher o lugar de outro, de segundo, um lugar de absoluto jugo em relação ao homem.

Nísia começa a compreender a influência sociocultural na questão da diferenciação entre os papéis dos homens e das mulheres e entre seus status sociais; e identifica o papel fundamental da

educação e das circunstâncias práticas do meio em que se vive na construção das desigualdades.

Nísia Floresta introduz uma série de denúncias à desigualdade na educação brasileira, e, ademais, utiliza-se de dados oficiais. Por meio deles, aferia-se que, em 1852, 55.500 alunos frequentavam as escolas públicas e, desse montante, apenas 8.443 eram mulheres.

Como tinha por meta a formação e mudança de consciências, seus escritos demandavam o câmbio do quadro social da época. A partir de então, Nísia passa a atuar na esfera educativa, haja vista acreditar no poder de transformação social da educação e na sua importância para a tomada de consciência das mulheres em relação à hierarquização social entre os gêneros, e do espaço de inferioridade ao qual as mulheres eram destinadas.

Em “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, Nísia Floresta denuncia a dominação da mulher, que favorece ainda mais o império masculino, subtraindo à mulher o espaço público, e destinando-lhe a casa, o lar – o âmbito privado. Leia-se:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens (FLORESTA, 1989).

Em relação a esse livro, como já foi referido anteriormente neste trabalho, Nísia utiliza como fundamento de sua escrita o texto de Mary Wollstonecraft, mas faz-lhe uma adaptação: compreende as ideias sobre igualdade que surgiam naquele momento em outro espaço geográfico e aplica-as para entender o Brasil, pro-



duzindo uma obra que reflete sobre o contexto brasileiro e não abre mão da própria experiência vivida pela autora, como é uso de muitas outras feministas.

Este estudo foi subtítulo por “Feminista quando nem se falava sobre isso no Brasil”, e tocante a isso DUARTE (1997) bem argumenta que “se Mary Wollstonecraft foi a primeira na Grã-Bretanha a defender os direitos da mulher; no cenário nacional [brasileiro] coube a Nísia Floresta o privilégio de praticamente deflagrar a formação de uma consciência feminista”.

Como uma mulher de formação iluminista e liberal, Nísia Floresta assumiu diversas outras posições claramente influenciadas pelos seus ideais. A questão do nacionalismo, da defesa do índio, da abolição da escravatura, da emancipação feminina atravessou todo o percurso de sua escrita e verdadeiramente dá destaque à figura de Nísia e a localiza como pensadora à frente de seu tempo.

A respeito da questão negra, Nísia, por exemplo, manifestou-se contra a escravidão em “Opúsculo Humanitário”, e a classifica como a maior vergonha dos povos cristãos. Além disso, manifesta também sua preocupação enquanto educadora com a mácula que esses costumes escravagistas imprimiriam sobre a formação das futuras gerações. E que de fato veio a cabo, basta que se observe como a questão racial é vista ainda hoje no Brasil e como, enquanto corpo social, se nos afigura a imagem de uma sociedade incutidamente racista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da contribuição de Nísia Floresta para o pensamento feminista brasileiro do século XIX é indubitavelmente incalculável. Além de escritora, Nísia posicionou-se ativa e politicamente, acreditando na consolidação da práxis educativa, e na transformação da sociedade por meio da educação de todos os sujeitos.



É certo que, para os parâmetros atuais, podem-se fazer críticas à obra de Nísia Floresta Brasileira Augusta, mas também é certo que, no momento histórico e no espaço geográfico em que viveu, nossa feminista foi uma mulher que rompeu os ditames sociais vigentes e quebrou fortes barreiras patriarcais para proclamar sua emancipação, dedicar-se ao que gostaria de dedicar-se (mesmo que fosse considerado trabalho masculino), e atuar em prol de tudo aquilo em que acreditava.

Num contexto histórico-social em que à mulher não era oferecida a educação formal, em que a educação feminina reduzia-se às tarefas domésticas e manuais, em que a mulher era encarcerada na jaula lar-maternidade, em que a mulher não tinha nenhuma participação política, a figura de Nísia Floresta – educadora, escritora, poeta, republicana, indianista, abolicionista – é uma incrível aparição.

Tendo em vista sua grandiosidade, é um tanto incompreensível que Nísia Floresta ainda não tenha nem metade do reconhecimento que mereceria. Estranharia a todos e todas se esse processo de invisibilização das mulheres não fosse tão conhecido. Simone de Beauvoir (2016) escreve: “Se a História revela-nos tão pequeno número de gênios femininos é porque a sociedade as priva de quaisquer meios de expressão”; e aqui se faz uma complementação: e se as mulheres, não obstante toda privação a que são submetidas, logram feitos dignos do adjetivo genial, seus feitos são invisibilizados e seu nome vai sendo apagado ao longo da história.

Stendhal oferece uma contundente dedução: “Todos os gênios que nascem mulheres estão perdidos para a felicidade do público; desde que o acaso lhes dê os meios de se revelarem, vós as vereis desenvolver os mais difíceis talentos”. Nísia, pela sorte de haver nascido em família de boas condições econômicas, pôde ter acesso a uma educação diferenciada. No entanto, isso não diminui seu valor, uma vez que a divisão genereficada das sociedades patriarcais é tão forte que não permite que a maioria das mulheres de famílias mais ricas possa destacar-se e fugir dos destinos que lhe são imputados.



Ademais, pode-se apontar o caráter liberal e positivista de seus escritos. Por essas afinidades, como já se viu, manteve contato com o filósofo francês Auguste Comte. Mesmo que seja muito interessante a construção dessa amizade, tendo em vista Nísia ser mulher, brasileira, proveniente do “terceiro mundo”, pode-se anotar, como o faz Simone de Beauvoir no primeiro tomo de “O segundo sexo”, que Comte esperava da mulher uma postura sempre altruísta que lhe impunha e exigia, ou seja, reduz a mulher a uma característica e passa a definir, segundo isso, o que seria a feminilidade.

Nísia incorre mais ou menos neste pensamento ao postular uma fórmula para o comportamento feminino, um “modelo de donzela”. Evidencia-se isso por exemplo em trecho de um de seus livros de poesia: “Armas há poderosas, que a mulher/ **Deve** empregar com ânimo bastante:/ São a **doce bondade**, a **paciência**,/ **A modesta ternura**, a **fé constante**” (Grifos meus). O verbo “dever” impõe uma conduta; e a respeito das virtudes que Nísia crê imprescindíveis à mulher, encontram-se elementos moralizadores feminizados, como doçura, benevolência, parcimônia, modéstia, sensibilidade, inabalável religiosidade.

No que toca aos aspectos religiosos, em “Opúsculo Humanitário”, Nísia assevera que a religião “fortifica e realça as qualidades femininas, é ela ainda que sustenta e consola todo o indivíduo nas circunstâncias mais difíceis da vida, a bússola invariável que lhe indica os seus deveres e o conduz ao exato cumprimento deles”. Com o mesmo sentido moralizador antes referido, Nísia considera a importância do papel religioso na vida do ser humano.

Falando-se em possíveis críticas a Nísia, Constância Lima Duarte (1997) coloca-se em sua defesa, argumentando que, tendo Nísia vivido num momento histórico de verdadeiro obscurantismo em relação aos direitos femininos, “seus vacilos, contradições e certas posturas que hoje interpretaríamos como ingênuas e pueris, afiguram-se menores diante do aspecto pioneiro de sua obra”.

No que tange a uma de suas principais produções, “Direito das mulheres e injustiça dos homens”, Nísia Floresta demonstra seu pioneirismo na luta em defesa dos direitos femininos, e tece considerações muito pertinentes sobre a desigualdade entre os gêneros.

É também necessário enfatizar a atualidade do texto de Nísia que, na primeira metade do século XIX, já apontava para a problemática do gênero, mesmo que o termo ainda não houvesse sido articulado; problemática essa que continua presente de forma muito enfática na atual sociedade brasileira, e em todo o mundo. Enquanto houver a necessidade de apontar a brutalidade dos sistemas patriarcais, que têm a desigualdade de gênero como coluna vertebral, será exigido que se repita o óbvio: que mulheres e homens são iguais, que devem ter efetivamente garantidos seus direitos e que lhes sejam dadas em pé de igualdade as devidas oportunidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cleide Rita Silvério de; DIAS, Elaine Teresinha Dal Mas. Nísia Floresta: o conhecimento como fonte de emancipação e a formação da cidadania feminina. **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**, Tunja-Colombia, vol. 13, 2009.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 49, n. 17, p.151-172, dez. 2003.

_____, Constância Lima. Nísia Floresta Brasileira Augusta: pioneira do feminismo brasileiro - séc. XIX. **Revista Mulheres e Literatura**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1997.

_____, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Editora Massangana, 2010. 168 p. (Coleção Educadores).



_____, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra.** Natal: Ed. Universitária, 1995. 365 p.

FERNANDES, Rizolete. **Tecelás – Tejedoras.** Mossoró: Sarau das Letras; Salamanca: Trilce Ediciones, 2017.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens.** São Paulo, Cortez, 1989.

LIMA, Stélio Toquato. O indianismo e o problema da identidade nacional em *A lágrima de um Caeté*, de Nísia Floresta.

ANTARES: letras e humanidades, v. 5, n. 9, p. 68-82, jun. 2013.

MARIZ, Zélia Maria Bezerra. **Nísia Floresta Brasileira Augusta.** Natal: Ed. Universitária, 1982. 56 p.

LEONAM CUNHA é areia-branquense. Poeta e escritor. Graduado em Direito pela UFRN, atualmente faz doutorado em Salamanca. Publicou três livros de poemas: *Gênese* (2012), *Dissonante* (2014), e *Condutor de Tempestades* (2016).



UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES:

NAVE DA PALAVRA

Carlos Roberto de Miranda Gomes

Na sequência das pesquisas sobre as entidades culturais do Estado, apresento ao conhecimento dos leitores, em breves palavras, a história do nascimento da União Brasileira de Escritores, seção do Rio Grande do Norte, adotada a sigla UBE-RN.

A sua idealização decorreu da criação da União Brasileira de Escritores no Rio de Janeiro, em 1958, por iniciativa de intelectuais como Jorge Amado e o potiguar Peregrino Júnior, resultante de um trabalho de fusão de outras entidades do gênero como Sociedade Paulista de Escritores e da Associação Brasileira de Escritores, que congregou em seus quadros figuras exponenciais da cultura brasileira como Afonso Schmidt, Raimundo Menezes, Fábio Lucas e Ricardo Ramos. No ano seguinte, Fagundes de Menezes, escritor também potiguar radicado no Rio de Janeiro, veio a Natal com a missão específica de negociar e fundar a UBE/RN.

Desse fato nasceu a nossa Entidade potiguar, pela receptividade de intelectuais em evidência no longínquo ano de 1959, os quais, após sucessivas reuniões decidiram fundá-la no dia 14 de agosto de 1959, sendo a quarta instituição cultural mais antiga do Rio Grande do Norte, tendo por cabeça o jornalista, escritor e magistrado Edgar Barbosa durante a Semana de Estudos Euclidianos, promovida em Natal com o apoio de diversas instituições.

O evento aconteceu oficialmente nas dependências do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, que vem sendo o espaço inicial de muitas instituições culturais do Estado, embora ainda não enxergado devidamente pelas autoridades constituídas, sobrevivendo das doações dos seus associados e esporádicos convênios para os seus programas.



Nessa histórica reunião estavam presentes, também, figuras notáveis da vida cultural da cidade, como o escritor Umberto Peregrino, Aldo Fernandes, Alvamar Furtado, Grimaldi Ribeiro, Dióscoro Vale, Raimundo Nonato da Silva e Manoel Rodrigues de Melo.

Como toda entidade recém-criada, foi formada uma Diretoria provisória, por aclamação dos fundadores, para o trabalho burocrático de sua organização, recaindo sobre os escritores: Raimundo Nonato da Silva – Presidente; Manoel Rodrigues de Melo, Vice-Presidente e Afonso Laurentino Ramos – Secretário, que com desvelo e eficiência prepararam o Estatuto e organizou o processo eleitoral em 14 de novembro de 1959, três meses depois, sendo eleita a primeira Diretoria permanente para o biênio 1960/1961, assim composta:

Raimundo Nonato da Silva, Presidente;

Paulo Pinheiros de Viveiros, 1º Vice-Presidente;

Manoel Rodrigues de Melo, 2º Vice-Presidente;

José Saturnino de Brito, 3º Vice-Presidente;

Afonso Laurentino Ramos, Secretário Geral;

Berilo Wanderley, 1º Secretário;

Leonardo Bezerra, 2º Secretário;

Antídio de Azevedo, 1º Tesoureiro;

Jaime dos G. Wanderley, 2º Tesoureiro.

Por sua vez, o Conselho Fiscal foi escolhido nas pessoas de Luís da Câmara Cascudo, Edgar Barbosa, Alvamar Furtado, Esmeraldo Siqueira e Américo de Oliveira Costa. Naquele 1959 a UBE-RN tinha como seus Vogais os seguintes escritores – Antônio Soares Filho, Vingt-un-Rosado, Jurandir Barroso, Zila Mamede e Veríssimo de Melo.



Criada a entidade, foi feito um Comunicado em 19 de novembro do mesmo ano, endereçado ao Presidente da UBE nacional, escritor Peregrino Júnior, onde o nosso Presidente da UBE-RN, deu conta da eleição da 1ª Diretoria da Entidade, bem como solicitou a filiação da UBE-RN à UBE nacional, com sede no Rio de Janeiro. Em 21.01.1960 foi fundada uma subseção da UBE/RN em Mossoró, constituída dos escritores Jaime Hipólito Dantas, João Batista Rodrigues, Vingt-uN Rosado e Manoel Leonardo Nogueira.

Pelo Estatuto então elaborado existiam três tipos de sócios: 1. Sócios Efetivos (fundadores e efetivos). 2. Sócios Honorários e 3. Sócios Beneméritos.

Com o passar dos anos e o falecimento de muitos dos fundadores da Confraria dos Escritores, ela ficou sem atividade, caiu no esquecimento, deixando-a acéfala de organização, em que pese a sua natureza de entidade de incontestável importância e relevo para conduzir as políticas públicas e indicações éticas dos escritores potiguares, sendo considerada como primeira fase.

Muitos anos depois, o mesmo sentimento de confraria, reunidos no salão dos Grandes Atos da Fundação José Augusto foi cercando por novos escritores como Fagundes de Menezes, D. Nivaldo Monte, Zila Mamede e outros, dando-lhe nova régua e compasso, considerada como segunda fase, iniciada no dia 16 de novembro de 1984. Ressalte-se que os dois últimos nomes já haviam participado da primeira fase da UBE-RN iniciada em 14 de agosto de 1959.

Estes deram novo impulso à Entidade até um determinado tempo, voltando a paralisar suas atividades de fato por falta de associados.

Motivados pelo resultado de uma pesquisa realizada nos arquivos da Academia Norte-rio-grandense de Letras pelo escritor Francisco Martins, onde foram localizados os documentos da Entidade primitiva, recortes de jornais da época, outros intelectuais se reencontraram em reunião provisória numa livraria da cidade



localizada na Av. Salgado Filho, 2850 - **A S BOOK SHOP**, com cobertura da imprensa e posteriormente em uma reunião oficial na referida Academia, consoante relatos cuidadosos do escritor Eduardo Gosson e da poetisa Jânia de Souza, foi dado o início da terceira fase da UBE-RN, iniciada em 23 de março de 2006, contando com as presenças de oito escritores: *Anna Maria Cascudo Barreto; Carlos Roberto de Miranda Gomes, Eduardo Antonio Gosson; Lívio Oliveira, Pedro Vicente da Costa Sobrinho; Nelson Patriota, Manoel Onofre de Souza Júnior e Racine Santos.*

Foi realizada uma eleição saindo eleito Presidente para a gestão 2006 a 2007 o poeta Lívio Oliveira, que reestruturou o Estatuto, com a minha colaboração [ainda em vigor] e deu os primeiros passos para a reorganização da Entidade e ainda as seguintes iniciativas:

Promoveu campanha junto à mídia escrita e radiofônica e televisiva sobre a UBE.

Propôs como pauta dois temas: 1) Campanha de Defesa do escritor Potiguar; 2) Criação de um Prêmio Literário. Em relação ao primeiro item, registram-se as seguintes propostas: a) Lívio Oliveira: “enviar ofícios para todas as livrarias do Estado, solicitando um espaço de destaque para o Autor Potiguar; a criação de um adesivo com os dizeres: “leia o Autor Potiguar e um programa na TV Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN.”

Faltando três meses para concluir o seu mandato, Lívio renunciou o seu mandato, tendo assumido em seu lugar o escritor Eduardo Gosson para complementar o mandato, logrando vitória para a gestão posterior (2008-2009).

Eduardo Gosson consolidou a reorganização da Entidade, relacionando os sócios e formando um novo Colégio Eleitoral com 90 integrantes. Após o registro da Entidade, foi eleita a Diretoria Definitiva para o período 2010-2011, na pessoa, também, de Eduardo Gosson, reeleito para a gestão 2012-2013.

Eduardo, em que pesem percalços ocorridos em sua vida pessoal, conseguiu dar um grande impulso à Entidade, com marcantes e importantes realizações, aqui resumidas:

1.1. Ações Administrativas

Registro no 2º Ofício de Notas de Natal do Estatuto da UBE-RN em 01/12/2008, obtendo a legalização da entidade em 13/04/2009, Registro o nº 7.093.

No Estatuto consta: "Artigo 5º. A UBE/RN é constituída por sete categorias de associados: precursores, fundadores, efetivos, honorários, colaboradores, eméritos e beneméritos.

§ 1º. São precursores da Associação, os que estiveram presentes à reunião histórica do dia 16 de novembro de 1984, quais sejam: Jansen Leiros, Nivaldo Monte, Fagundes de Menezes, Deífilo Gurgel, Itamar de Souza, Valério Mesquita, Veríssimo de Melo, Paulo Macedo, Marize Castro, Zila Mamede, Franco Jasiello, Reinaldo Aguiar, Eulício F. de Lacerda, Racine Santos, Marcos Maranhão, Luiz Rabelo, Edna Duarte, Luís Carlos Guimarães e Antônio Soares Filho.

§ 2º. São fundadores os que se fizeram presentes à Assembleia Geral Extraordinária realizada no dia 26 de março de 2008., a saber: Aluizio Matias dos Santos, Maria Rizolete Fernandes, Odete Ferreira Alves, Pedro Grilo Neto, Paulo Jorge Dumaresq Madureira, Maria Vilmaci Viana dos Santos, Rosa Ramos Regis da Silva, Alexandre Magnus Abrantes de Albuquerque, Naide Maria Saraiva de Gouveia, Carlos Roberto de Miranda Gomes, Eduardo Antonio Gosson, Manoel Marques da Silva Filho, Francisco Alves da Costa Sobrinho, Lívio Alves de Araujo de Oliveira. Guto Giovanni de Oliveira Castro, George Antonio de Oliveira Veras, Nelson Patriota, Gilmar Benevides Costa Soares Damasceno, Anna Maria Cascu-do Barreto, Manoel Onofre de Souza Júnior, Jurandir Navarro da Costa, Racine Santos.



Artigo 42. Este Estatuto entrará em vigor na data de sua publicação na imprensa oficial.

Aprovado na Assembleia Geral Extraordinária de 26 de março de 2008.

EDUARDO ANTONIO GOSSON
PRESIDENTE
MANOEL MARQUES DA SILVA FILHO
SECRETÁRIO-GERAL

- Na Receita Federal foi feito o registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (**CNPJ 11.034.721/0001-39**).
- Na Caixa Econômica (agência Ribeira) for aberta conta corrente: **Agência 0033 – OP 003 – C/C 874-0**
- Foi aumentado o número de filiados de 90 escritores, contando hoje a UBE/RN com 140 associados.
- Aprovado o pedido de Utilidade Pública Municipal (**Lei Municipal 5.935/2009**)
- Aprovado o pedido de Utilidade Pública Estadual I (**Lei Estadual nº 9.321/2010**)
- Aprovada a Resolução de criação do **Prêmio Escritor Eulício Farias de Lacerda**, sendo o seu primeiro ganhador o escritor Paulo Caldas Neto, jovem revelação da Literatura Potiguar
- Encaminhado pedido de Utilidade Pública Federal (em tramitação)
- Celebrado convênio com a Caixa Econômica Federal para pagamento da anuidade da UBE através de Boleto Bancário



1.2. Ações Organizativas

- I Encontro Potiguar de Escritores – 1º EPE (Março, 2008);
- II Encontro Potiguar de Escritores - 1º EPE (Outubro,2009);
- III Encontro Potiguar de Escritores – 3º EPE (Outubro de 2010);
- IV Encontro Potiguar de Escritores –4º EPE (Outubro de 2011);
- V Encontro Potiguar de Escritores – 5º EPE (Outubro de 2012).

1.3. Ações Políticas

- Participação da Audiência Pública na Assembleia Legislativa (19.10.2008), debatendo o Livro e a Leitura Literária, que resultou na **Lei nº 9. 169/2009** (Promoção da Leitura Literária nas Escolas Públicas);
- Aprovada a Carta de Natal (I EPE);
- Aprovada a Carta do Encontro Potiguar de Escritores (IV EPE);
- Aprovada a Carta do Encontro Potiguar de Escritores (V EPE)
- Desenvolvida a Campanha em defesa da biblioteca pública Câmara Cascudo
- Idealizada, em parceria com o Tribunal de Justiça, a **Campanha de Valorização do Autor Potiguar (2010)**

1.4. Ações de Comunicação

- criação de um site para a entidade (**www.ubern.org.br**) que está em rede desde 02 de dezembro de 2009;
- criação de um blog para a UBE, sob a responsabilidade da escritora Lucia Helena, diretora de divulgação da entidade:

blogdaubern.blogspot.com.br na INTERNET desde novembro de 2011;

-Plano Editorial da UBE/RN (editados 15 livros), através de um selo criado com o nome de - **Nave da Palavra**. Dentro de cinco coleções de Autores Potiguares, tivemos: **Coleção Antonio Pinto de Medeiros (poesia)**, com os livros: “Ressaca”, de Águeda Maria Mousinho Zerôncio; Entre o Azul e o Infinito, de Eduardo Gosson; A Torre Azul, de Horácio Paiva de Oliveira e Balata, de Maria Rizotele Fernandes; **Coleção Bartolomeu Correia de Melo (prosa)**: Alguma Prata da Casa, de Manoel Onofre de Souza Júnior, A Praia de Pipa dos meus Avós, de Ormuz Barbalho Simonetti, O Velho Imigrante, de Carlos Roberto de Miranda Gomes, No Ventre do Mundo, de Paulo de Macedo Caldas Neto, Nos Contornos do Rio Potengi, de Manuel Marques Filho e Obra completa de Eulício Faria de Lacerda, **Coleção Enélio Petrovich (memória e história)**: História do Poder Judiciário do RN, 2ª edição de Eduardo Antonio Gosson, Patronos Potiguares, de George Veras e Manoel Jácome de Lima, **Coleção Deífilo Guregal (Ensaio)**: Do Céu ao Picadeiro: o riso no teatro de Ariano Suassuna, de Paulo de Macedo Caldas Neto, Uns Potiguares, de Nelson Patriota e **Coleção Nati Cortez (infanto-juvenil)**: O Marimbondo Amoroso, da referida escritora .

-Encaminhado pleito para a recriação do jornal **O Galo** (no momento em busca de captação de recursos. Projeto aprovado na lei Djalma Maranhão);

- criação da **Revista do Escritor Potiguar**.

Nem todos os dados são precisos, mercê das sucessivas mudanças de sede da UBE-RN e desatualização do seu *site*, ficando sem localização o seu acervo integral para se obter os dados efetivamente registrados na sua história, algumas vezes levando os pesquisadores a equívocos involuntários.

Em novembro de 2013 saiu vencedora na eleição a Chapa “A União Faz a Força”, tendo como novo Presidente da Entidade o escritor, poeta, professor e filósofo Roberto Lima de Souza, para a gestão 2014-2015, bastante profícua e com eventos de importância cultural.

Na eleição que se seguiu, voltou ao comando da UBE-RN o escritor Eduardo Gosson até 2019, que ao término do mandato teve como sua sucessora a escritora Tereza Custódio de Queirós, com a seguinte Diretoria:

Diretoria Executiva

Presidente:

1º Vice-Presidente: Jânia Souza

2º Vice-Presidente: Aluizio Mathias

Secretário-Geral: Eduardo Gosson

1º Secretário: Andreia Braz

2º secretário: Ana Cláudia Trigueiro

1º Tesoureiro: Marcos Campos

2º Tesoureiro: Mardone França

Diretor de Divulgação: Aluizio Azevedo

Diretor de Representação Regional: José Ivam Pinheiro

Diretor Jurídico: Carlos Roberto de Miranda Gomes

Conselho Fiscal

Clemilson Sena

Clécia Santos

Damião Gomes

Junior Dalberto

Valério Mesquita

Conselho Consultivo

Araceli Sobreira

Diulinda Garcia

Geralda Efigênia

Gilvânia Machado

Ivaíta Souza

João Andrade

José de Castro

Lívio Alves Oliveira

Roberto Lima de Souza

UBERN | CRONOLOGIA DOS PRESIDENTES

1º - Presidente Raimundo Nonato da Silva - Biênio 1959-1960

2º Presidente Franco Maria Jasiello - Biênio 1984-1985

3º Presidente Racine Santos - Biênio 1986-1987

4º Presidente Lívio Oliveira - Biênio: 2006 – 2007

5º Presidente Eduardo Gosson - Biênios: 2008-2009/2010-2011/2012-2013/2016-2017/2018-2019

6º Presidente Roberto Lima de Souza - Biênio: 2014-2015

7º Presidente Tereza Custódio - Biênio: 2020 - 2021

Os associados esperam uma excelente gestão, haja vista a força recebida pelos associados em sua primeira reunião administrativa, já neste ano de 2020, contando com a colaboração de Eduardo Gosson cuja idade completada (60 anos), corresponde à própria idade da UBE-RN.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é advogado, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da ANRL e de outras instituições culturais.

COMO SE FAZ UM SANTO? (II)

Cônego José Mário de Medeiros

Culto dos Mártires.

Nos três primeiros séculos da Igreja, o culto aos que viveram o martírio considerando-os santos e sendo celebrados liturgicamente no “dies natalis” dia em que morreram para o mundo e nasceram para o céu. O culto se dá em suas sepulturas ou capelas construídas em sua honra, aonde vem peregrinações e trazem a história do martírio e relíquias para expandir o seu culto. Termina com a perseguição de Diocleciano no ano de 312, uma das mais agressivas do Império Romano.

O primeiro mártir é Santo Estevão.

O documento de Marcião é o primeiro que dá razão do que faziam os cristãos com seus santos mártires. Com a cerimônia litúrgica no lugar da sepultura presidida pelo bispo se considerava oficialmente santo a um mártir.

O que importa aqui é a certeza do martírio.

Culto dos Confessores.

Com o Edito de Milão, ou a Paz Constantiniana em 313 dando fim às perseguições, nasce um novo critério: Ser mártir, sem derrear sangue.

Dá-se origem ao nome Confessor, isto é, uma pessoa que por seus atos é equiparada a um mártir e que por seus milagres é considerado santo.

O mais importante aqui é a VOX POPULI, pois era o povo que o confirmava. Sem dúvida já estão presentes aqui os três elementos: Inventio, elevatio e translatio. Já não é necessário derramar o sangue para ser considerado mártir ou santo. As virtudes e boas obras acompanhadas dos milagres dão ocasião para que a vox Populi os considere santos e o bispo que com a cerimônia litúrgica e a translatio, oficialize alguém como santo para ser venerado. Um testemunho escrito é o de São Cipriano em suas cartas a Fortunato ou São Gregório de Tours em Vitae Patrum.

A Canonização Episcopal.

Data da Idade Média, final do Império romano e florescimento da vida penitencial. É denominado assim este período pelo reconhecimento da santidade, pela conseqüente concessão do culto do candidato aos altares. Surgem, sobretudo, por abusos na religiosidade popular.

O Decreto de Frankfurt de 794 evitando a veneração de falsos mártires, assim se expressa:

- 1) Fama pública de santidade ou milagre
- 2) Apresentação ao bispo, Sínodo Diocesano, o Ordinário ad vida religiosa, enfatizando no candidato os milagres que lhe são atribuídos.
- 3) Aprovação: elevatio, translatio e um Decreto. Isto é, quando seus restos mortais são depositados num lugar especial para seu culto onde se celebra liturgicamente o dies natalis e isso se faz mediante um decreto.

Aqui se assinala a intervenção do imperador Carlos Magno com o Decreto “Capitular” onde afirma que o bispo é o único que pode garantir uma pessoa como santa.

É o Concílio de Frankfurt onde se diz que só sejam venerados na Igreja aqueles que tenham vivido o martírio e ou a vida virtuosa, examinando todo documentário sobre a pessoa, seu sofrimento e o mérito de sua vida. E isto só acontece com a confirmação episcopal com um Decreto. O ponto fixo do culto permanece no corpo do santo depositado num altar próprio ou Igreja para ser honrado.

A Canonização Papal.

- a) Gregório IX no ano 1234, com Decretalia (05/09/1234) em cinco livros.

Sua primeira canonização foi a de São Francisco de Assis.

Sem a licença do Papa não está permitido venerar a um como Santo.

Em 06/07/1170 – Alexandre III (1159 – 1181) – Decreto Audivimus – De agora em diante a Canonização será exclusivamente feita pelo Papa através de uma Bula. **SÓ O PAPA PODE CANONIZAR** (Palavra usada pela primeira vez pelo Papa).

- b) Sisto V (1585 – 1590) – Sistematização da Cúria Romana com 15 Congregações. Constituição Apostólica Immensa Oeterni Dei em 20/01/1588. Ali apareceu a Congregação dos Sacros Ritos – Competência sobre as canonizações.

O Papa Bento XIV (1740 – 1758), sistematiza a legislação e o proceder jurídico nos processos de beatificação e canonização, sendo bispo de Bolonha, em sua obra em 5 volumes. De servorum Dei beatificatione et canonizatione. Introdúz o conceito de heroicidade das virtudes.

O Papa Paulo VI, com a encíclica Sanctitas Clarior (1969) estabelece um só processo em âmbito diocesano e o bispo deve pedir o Nihil obstat à Congregação.

Divide a Congregação do Pro Sacris ritibus et caeremoniis, em duas: A do Culto Divino e dos Sacramentos e a das Causas dos Santos.

O Papa João Paulo II com a Encíclica Divinus Perfectionis Magister de 25/01/1983 estabelece a atual legislação da Igreja nos processos de beatificação e canonização dos Servos de Deus.

Temos ainda Normae Servandae de 07/02/1983 e a Sanctorum Mater, uma instrução de Bento XVI de 22/02/2007.

6 – O que é um processo diocesano ou eparquial?

É um processo dirigido pelo bispo competente com o fim de recolher provas pro ou contra a canonização de um Servo de Deus morto em conceito de santidade.

7 – Quem é a pessoa competente de um processo?

Para as virtudes ou o martírio é o bispo do território onde morreu o Servo de Deus. Para o milagre, é o bispo do território onde sucedeu o fato prodigioso (por direito, onde se encontram as provas).

8 – Qual é o objeto de um processo de canonização?

Recolher as provas documentárias e testemunhais a favor ou contra e atingir a certeza moral sobre a verdade e a justiça.

9 – Qual é o fundamento teológico de uma causa de canonização?

Fumus ou fama de santidade ou de martírio. Esta deve ser:

- a) Autêntica;
- b) Difundida;
- c) Não criada com arte humana;
- d) Espontânea e
- e) Sempre crescente entre uma significativa porção do povo de Deus.

10 – Que é a “fama de sinais”?

É o resultado da ação do Espírito Santo nos corações do povo de Deus e deve ser: em vida, na morte e depois da morte, sempre crescendo.

11 – Que é uma causa de canonização?

É um processo de discernimento da Igreja.

12 – Para que servem os santos?

Para a imitação: pela fama de santidade (confessores) ou então pela fama do martírio (mártires)

Para obtenção de graças. Pela sua intercessão.

13 – Qual é o objeto de uma investigação ou processo?

I – Para um servo de Deus ou Confessor: sobre a vida, as virtudes heroicas e a fama de santidade e dos sinais.

II – Para um servo de Deus pressuposto Mártir: sobre a vida, o martírio, a fama do martírio e dos sinais.

III – Sobre o milagre em si.

14 – Quais são os pressupostos de uma investigação ou processo diocesano?

I – É um autêntico processo conduzido pelas normas jurídicas estabelecidas e a praxe da Congregação das Causas dos Santos.

II – Quod non est scriptum in actis non est in mundo.

III – Todo o processo tem um princípio e um fim num tempo determinado: A primeira sessão ou sessão de abertura (onde se fazem os juramentos) e a última sessão ou sessão de clausura (com os juramentos e o fim definitivo do processo).

IV – A figura jurídica do Auditor que é o bispo competente é o proprietário do material processual e é ele quem determina o lugar onde se desenvolve o processo, conserva no arquivo da Cúria os atos originais ou Arquétipo. É o responsável pelo envio a Roma de todo o material (das cópias: transunto e cópia pública). Pede que tudo quanto for enviado à Congregação deve ser fiel ao conservado no arquivo diocesano.

V – Isto pressupõe que, enquanto fechado, selado e enviado à Congregação, ninguém mete a mão desde a celebração da última sessão, até seu envio à Congregação.

15 – Qual é a estrutura jurídica de todo processo?

I – O bispo competente

II – O ator – postulador – súplice libelo.

III – A constituição do tribunal: Nomeação dos oficiais.

IV – A sessão de abertura: Juramento dos oficiais.

V – O recolhimento das provas documentárias e testemunhais.

VI – A publicação dos atos com decreto.

VII – A sessão de clausura.

Breve síntese dos 36 números de “Normae servandae”

A – Normas sobre as virtudes heroicas e sobre o martírio

1º - Fase preliminar do processo

2º - Recolhimento das provas documentárias

a) Escritos editados

b) Escritos inéditos

c) Todos os outros documentos relativos à causa

3º - Recolhimento das provas testemunhais

4º - Clausura do processo e envio das atas a Roma.

B – As normas sobre o milagre

1º - Fase inicial ou preliminar do processo

O bispo competente, ator, postulador, súplice libelo, constituição do Tribunal.

2º - Recolhimento das provas documentais pelo postulador, parecer preliminar de um perito capacitado-especializado.

3º - Recolhimento das provas testemunhais: testemunhas oculares, pontos ab inspectione

4º - Clausura do processo e envio das atas à Congregação.

16 – Qual é a fase preliminar do processo (inchiesta) diocesano e quais são os elementos que se devem considerar para solicitar a abertura da Causa?

1º - Fumus boni iuris: é a primeira tarefa do postulador, verificar a fama de santidade (virtudes), o de martírio e a fama dos sinais

2º - Clarificar as partes: ator, postulador e vice postulador

3º - O bispo competente em sua jurisdição

4º Apresentação do libelo do postulador depois de cinco anos ou antes de trinta anos

5º - Natureza da causa segundo as provas:

Recente, tendo testemunhas de visu

Antiga, quando as provas são só através de fontes escritas

6º -Objeto do processo (inchiesta) diocesano:

a) Sobre a vida, as virtudes heroicas, a fama de santidade e dos sinais.

b) Sobre o martírio. A fama do martírio e seus sinais.

7º - Consulta

a) O bispo competente consulta o episcopado nacional ou regional

- b) Com a Santa Sé, solicitando o Nihil obstat
- c) Informa aos fiéis, com um edito.

17 – Como se prepara o processo (inchesta) diocesano?

1º - Com súplice libelo apresentado pelo postulador, acrescentando:

- a) Uma biografia com valor histórico ou uma cuidadosa relação cronológica
- b) Todos os escritos publicados do servo de Deus ou declaração escrita da não existência dos mesmos
- c) Elenco de todos os testemunhos
 - nas causas recentes: todas as testemunhas pró e contra a causa
 - nas causas antigas: elenco das testemunhas sobre a continuação da fama de santidade e dos sinais

2º - O bispo pede parecer da Conferência Episcopal ou Regional

Edito do Bispo – pedido à Santa Sé do nihil obstat

3º - Constituição do tribunal:

- a) Nomeação dos oficiais do processo (inchiesta): Delegado Episcopal; promotor de justiça, notário (notários adjuntos)
- b) Juramento: Primeira sessão ou sessão de abertura.

18 – Quem fica com o recolhimento das provas documentais?

1º - Os escritos editados: recolhidos pelo postulador e entregues ao bispo para os votos dos censores teólogos sobre a fé e os bons costumes. Estes são chamados a testemunhar.

2º A comissão histórica: busca e recolhimento dos peritos em história e arquivística: Escritos inéditos, não publicados. Documentos relacionados com a causa. Preparação in solidum da relação dos peritos.

3º Processo (inchiesta) rogatorial.

19 – Como se recolhem as provas testemunhais?

1º - A preparação do interrogatório por parte do Postulador de Justiça

2º - A escuta dos testemunhos: “para que não se percam as provas”

3º - A escuta dos testemunhos convocados (indotti) e ex officio.

a) 1º grau: De visu ou testemunhas oculares

b) 2º grau: De auditu a videntibus

c) 3º grau: De auditu ab audientibus

4º - Testemunhos segundo a natureza da Causa

- Para uma causa recente:

a) As testemunhas assinaladas pelo postulador

b) As testemunhas ex officio

- Outros, especialmente aqueles contra a causa

- Os peritos em história e arquivística (Comissão histórica criada por Pio XI)

- Para uma causa antiga:

a) Ao menos oito testemunhos qualificados, indicados pelo postulador e ao menos dois testemunhos ex officio sobre a continuidade da fama de santidade e dos sinais.

b) Os peritos em história e arquivística (Comissão histórica criada por Pio XI)

5º - Os que não podem ser testemunhas:

- O sacerdote confessor do servo de Deus

- Os confessores e diretores espirituais habituais

- O postulador e o vice-postulador estando atuando na sua função como tal

- Os oficiais no mesmo caso dos anteriores

6º - O que é necessário para a validade dos testemunhos:

- Confirmação do que foi dito com juramento

- Indicação da fonte de onde conhece o servo de Deus

- Confirmação da declaração por parte do notário

- Autenticação de um notório para os documentos e as declarações escritas

20 – Quais são os elementos da clausura do processo (inchiesta)?

1º - Publicação das atas com Decreto

2º - Declaração sobre o não culto: visita ao túmulo, à casa, etc.

Inclui: a) o relatório (verbale) ou ata

b) a publicação da Declaração sobre a observância dos Decretos de Urbano VIII(1623 – 1644)

3º - Preparação para o envio das atas da causa à Congregação, isto é:

I - A cópia conforme ao original (arquétipo) em duplo exemplar

II - Mais uma cópia dos escritos editados e

III - Os Votos dos Censores Teólogos

- a) Das atas originais (arquétipo) se faz uma fotocópia (transunto)
- b) Faz-se a “Collatio et Auscultatio” das atas originais (arquétipo), com a fotocópia delas (transunto)
- c) Colocação do selo e a assinatura do notário
- d) Depois da Collatio et Auscultatio, se faz uma fotocópia da primeira fotocópia das atas originais, selada e assinada pelo notário: Cópia Pública.
- e) Se for necessário, se faz a tradução das atas para que se dupliquem o Arquétipo, Transunto e a Cópia Pública. Línguas oficiais: Latim, português, francês, italiano, espanhol e inglês.
- f) Última sessão de clausura.

21 – Como se enviam as atas à Congregação?

1º - O Transunto e a Cópia Pública, além de uma cópia dos escritos editados com o voto dos censores teólogos (fechados e selados) e ou a declaração escrita de sua inexistência

2º Num envelope separado do Transunto e a Cópia Pública, o instrumento de clausura e o conjunto de atas de quem dirige a investigação (inchiesta), isto é: do Promotor de Justiça e o Perito Médico ou Técnico

22 – Quais são as normas em geral para se levar em conta o Processo do Milagre?

1º - Fase preliminar da Pesquisa (inchiesta): O bispo competente; o ator; o postulador; o súplice libelo.

A Constituição do Tribunal

2º - Recolhimento das provas documentárias: fichas do paciente, etc...

Parecer preliminar de um perito

3º - Recolhimento das provas testemunhais: Peritos ab inspectione

4º - Clausura da pesquisa (inchiesta) e o envio das atas a Roma.

JOSÉ MARIO DE MEDEIROS é sacerdote católico e escritor, autor de “Topônimos da Terra Santa”, “Dom Marcolino por ele mesmo” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

ARTES POPULARES PRESENTES NO MUSEU DO SERTÃO

Benedito Vasconcelos Mendes

Entendemos como arte popular, artesanato ou arte utilitária, aquela que é produzida pelos artesãos, ou seja, aquela que resulta da exteriorização do talento ao natural de seu executor, sem o refinamento da técnica, diferentemente da arte erudita, que é o resultado do talento enriquecido pelo estudo teórico da técnica. A arte popular é mais utilitária do que estética. Sua motivação é mais voltada para o econômico ou para a utilidade, do que para a beleza. A mente do artesão é, teoricamente, menos preparada para a criação artística do que a mente do artista erudito. O artista da arte erudita é mais criativo, mostra sua obra com estilo próprio e, para isso, necessita estudar muito a teoria da técnica de sua arte. Ele cria e interpreta a beleza ao seu modo, ao seu estilo. O artesão reproduz a obra por repetição, imitando um objeto ou um elemento da natureza, como uma planta, um animal, uma paisagem ou mesmo uma obra de arte já feita. Muitas vezes, a peça de artesanato é produzida por analfabetos ou por pessoas de pouco estudo, sem o aprofundamento técnico necessário para a produção de uma obra de arte erudita. Na região semiárida nordestina predomina a arte popular, pois nesta área seca e pobre do Nordeste quase não se encontram artistas dedicados às artes plásticas, como pintura, desenho, gravura e escultura. No sertão quente e seco do Nordeste, poucos foram os pintores e escultores que se destacaram a nível nacional, pelo valor artístico de suas obras de arte. No Nordeste seco, os artistas populares (artesãos) são muito mais numerosos do que os artistas produtores de arte erudita.

O conceito de beleza do povo sertanejo é diferente dos que habitam o restante do Brasil. Ele é mais voltado para a utilidade

ou para o econômico do que para o deleite da estética. Quando o sertanejo observa uma bela árvore frondosa e florida, sua mente é estimulada a olhar aquele vegetal com mais interesse nos valores econômicos do que na beleza que ele possui. A observação sobre a quantidade e a qualidade das toras de madeira, que podem ser retiradas daquela árvore, predomina sobre os atrativos da beleza arquitetônica da copa. A densidade da folhagem, a harmonia dos ramos, a forma e o colorido das folhas, flores e frutos passam despercebidos pelo homem rural, pois sua mente está sempre ocupada com as preocupações diárias da sobrevivência nesta região sujeita às secas catastróficas. Uma outra observação é que o sertanejo não vê beleza em nada magro. O cavalo, o boi, a cabra, o cachorro, e até a própria mulher, só são bonitos a seus olhos se estiverem gordos. O que ele acha mais belo no sertão é o tempo chuvoso, a paisagem verde e viçosa, com muito pasto e gado gordo.

No acervo do Museu do Sertão existem expressivas e ricas coleções de peças artesanais, ou seja, de obras de arte popular ou utilitária. As principais coleções lá existentes são: 1. coleção de louças de barro (potes, jarras, porrões, potinho de coalhada, filtro de água, fogareiros, quartinhas (moringas), panelas, alguidares, penicos, chaleiras, farinheiras, pratos, caco de torrar café com rapadura, panelões de fazer sabão caseiro e outras louças); 2. coleção de cestaria de cipó e de palha de carnaúba (abano, urupema, uru, surrão, esteira, cesto de cipó com aselha e cesto de cipó com alça); 3. coleção de utensílios de madeira (gamelas redondas, gamelas ovais, cochos, colheres-depau, palhetas de mexer doce, tábua de carne, batedor de nata, pilãozinho de tempero, pilão vertical e pilão deitado de uma, duas ou três bocas); 4. artefatos diversos (forma de chapéu de palha de carnaúba, palmatória escolar, balança de madeira de pesar algodão, caixão de guardar farinha e caixão de guardar rapadura); 5. máquinas e equipamentos (moinho de pau, engenho de pau, bolandeiras, prensas de casa de farinha, prensas de cera de carnaúba, prensas de queijo, pipas, dornas, ancoretas, tinas e roladeiras de transportar água); 6. móveis (mesas, cadeiras

de mesa, cadeiras de balanço, espreguiçadeiras, guarda-louças, cristaleiras, bufês, guarda-roupas, cabides etc); 7. artesanatos de couro (sela, silhão, corona, manta, alforje, mochila de milhar cavalo, cabresto, gibão, perneira, guarda-peito, guarda-pés, luvas, alpercatas e outros).

A engenharia empírica, transmitida pela tradição oral, somava-se ao talento do artesão na elaboração de objetos, utensílios domésticos, apetrechos de trabalho, implementos agrícolas, equipamentos e máquinas das agroindústrias do passado. Os carapinas, marceneiros, santeiros, tanoeiros, ferreiros, flandeiros, cuteleiros, armeiros, seleiros, cesteiros, louceiras, pedreiros, sapateiros, costureiras, bordadeiras, rendeiras, labirinteiras, crocheteiras, fiandeiras, tecelãs e outros artífices eram os que exercitavam as artes e os ofícios no sertão. Eram conhecidos como artistas e suas obras representavam a arte sertaneja. Existiam também os oficiais de serviços, à semelhança do mestre-escola, barbeiro, bodegueiro e profissionais da área da saúde (parteira, enfermeiro, tiradentes, encanadores de braço, curandeiro e raizeiro). Como vimos, a arte sertaneja é mais representada pelos artefatos utilizados pela população do que pelas artes plásticas (esculturas, pinturas, desenhos e gravuras).

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor, autor de “As artes na civilização da seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.

Natal não reacenderá os anos românticos que viveu para ser o único polo de turismo cultural da II Guerra Mundial no Brasil, e assim ser vendida como um destino singular, se não for capaz de reabrir as portas do Grande Hotel. Nada simboliza tanto, é tão forte e tão vivo. Desde a atmosfera moderna do seu traçado curvo abraçando a velha Ribeira, onde nasceu a vida contemporânea de uma cidade do mundo desde os mapas coloniais. Das travessias marítimas e aéreas, à II Guerra Mundial, centro comercial, industrial e de serviços. História que o jornalista e acadêmico Cassiano Arruda Câmara conta num texto que lembra o passado, ele como testemunha do seu esplendor econômico, político e social, e propõe um caminho para o futuro. (VS).

NOS ESCOMBROS DO REIS MAGOS SURGE A BASE PARA CONSTRUIR A VELHA NOVA NATAL*

Cassiano Arruda Câmara

Agora, que o destino dos escombros do Hotel dos Reis Magos está selado, em matéria de hotel do Governo em Natal, parece ter chegado a hora e a vez do velho Grande Hotel, construído pelo governador Rafael Fernandes, em 1939, que continua a não merecer atenção e cuidado.

O Grande Hotel tem salvação como meio de hospedagem, principalmente porque nunca foi abandonado como aconteceu com o Reis Magos, tendo recebido uma razoável manutenção desde que foi cedido para o Poder Judiciário instalar uma de suas repartições e depois de servir de depósito de documentos.

Além de ter reinado absoluto por quase 40 anos, no riquíssimo período da Segunda Guerra Mundial, quando funcionou como verdadeira sala de visitas de Natal, na época ponto estratégico no roteiro dos aliados, o Grande Hotel além de um passado rico ainda pode contribuir para o futuro desta cidade, hipótese

levantada por Vicente Serejo nas páginas desta Tribuna e que poderia preencher o vazio deixado pelo Reis Magos, pelo menos em termos midiáticos, sem se tratar de causa perdida. Pelo contrário.

PASSADO E FUTURO

Nos últimos 20 anos, o Reis Magos tornou-se uma verdadeira usina geradora de notícias (e inúmeras fake news), embora já não fosse um bem governamental, mas legítima propriedade de um grupo empresarial pernambucano, submetido, portanto, aos seus legítimos interesses. Assim mesmo não faltaram opiniões, sugestões, propostas, pitacos sobre o seu futuro, a maioria preservando sua destinação anterior, por menor que fosse a preocupação com sua viabilidade numa economia de mercado.

No momento atual, existe um clima favorável para Natal salvar a sobreposição da sua história, com a história da Segunda Guerra Mundial, que foi a grande alavanca de progresso capaz de transformar uma acanhada cidade numa verdadeira metrópole em curto espaço de tempo.

Situação modificada agora com a entrada em funcionamento de dois equipamentos que deverão se transformar em grandes atrativos turísticos: o Museu da Guerra, na Rampa, e o Centro Cultural Trampolim da Vitória, na estação de passageiros do antigo Aeroporto de Parnamirim. São equipamentos que vão exigir complementação, por determinarem a mudança do próprio direcionamento mercadológico do produto turístico. Num embalo que tem o sonho que vem se repetindo de revitalizar o bairro da Ribeira, que mantém o cenário de uma Natal muito aproximado dos anos da Guerra.

A HORA É AGORA

Nos últimos vinte anos, foram inúmeras as tentativas de se provocar a chamada revitalização da Ribeira, primeiro bairro de Natal a ter concluída sua infraestrutura urbana completa, reclamada durante anos, mas que só se completaram, quando a maioria dos investidores já havia desistido do velho bairro - o plano de drenagem que conseguiu superar o sério problema determinado pelo fato das maiores áreas estarem situadas abaixo do nível do mar, provocando sua inundação por qualquer chuva durante a maré cheia.

Em matéria de revitalização foram aplicados inúmeros estímulos ao longo de vários mandatos por diferentes prefeitos, inclusive o de renúncia fiscal que atraiu uma dúzia de projetos de edifícios, e que, depois que foram concluídos, em nada contribuiu para a tal revitalização. Edifícios residenciais estrategicamente localizados nos limites do bairro, para moradores que optaram pelo bairro de Petrópolis, sem usar os serviços (supermercado, padaria, farmácia...) usando da Ribeira só o CEP para garantir os benefícios fiscais.

Nenhuma dessas iniciativas contribuiu para criar vida nova na Ribeira decadente, sem gente na rua, movimento, espírito comunitário, identidade própria. Permaneceram os inúmeros prédios fechados, comércio decadente e algumas repartições públicas se preparando para buscar outro pouso, continuando um movimento de migração interna que se mantém há 50 anos. Enquanto aumentava sua decadência a Ribeira viveu da lembrança de quando foi o grande bairro comercial e financeiro, endereço da elite social e política.

BAIRRO DOS JOVENS

São inúmeros exemplos de como a juventude, depois de assumir a área antiga de algumas cidades, conseguiu realizar tudo aquilo que esperamos vá acontecer na Ribeira Velha de Guerra com agregação de artistas, intelectuais, começando por retribuir a preferência de algumas dessas iniciativas.

Uma ideia antiga é a transformação do Grande Hotel num Albergue de Juventude, que chegou a ganhar um anteprojeto desenvolvido pela Emproturn, nos anos 70, quando o Governo atendeu a solicitação do Judiciário para ficar com o hotel. Embora exista uma outra alternativa ainda mais interessante, que será a renovação do hotel, pelo sistema “retrofit”, mantendo as suas linhas inalteradas e modernizando a sua área de hospedagem como existe em inúmeros lugares em todo o mundo.

É possível listar um conjunto de fatores, a partir de sua localização, que assegurem o êxito desta iniciativa, que tem de se encaixar com muitas outras que estão prontas para serem deflagradas, fazendo renascer o bairro do charme.

NOVA VELHA RIBEIRA

Felizmente já existe um apreciável acervo de estudos e projetos capazes de dar essa sacudidela que Natal vem esperando já há algum tempo, começando pelo estudo desenvolvido pelo SEBRAE, que tem o mérito de tratar do problema no seu todo e de apontar inúmeras oportunidades para pequenos e micro empreendedores, puxando um movimento que vai mexer na vida de todos os natalenses.

Na sua coluna, nesta Tribuna, Vicente Serejo, que não havia conseguido ficar à margem da polêmicas do Reis Magos, publicou um artigo que poderia servir de toque de recolher de todos aqueles que têm algum interesse na história de Natal e na preservação de sua paisagem tradicional, mostrando a importância do Grande Hotel e que estavam mobilizados numa campanha de menor importância do que esta, que mesmo assim provocou muito barulho.

Como ninguém deve assumir a condição de vencedor no desfecho do Reis Magos, o Grande Hotel está aí mesmo, esperando pela força de Governantes, Desembargadores, Juizes, Procuradores, Acadêmicos, Arquitetos, Ambientalistas, Sociedade, enfim.

Força que estava comprometida com a lembrança do primeiro resort, antes mesmo da existência desta categoria. O Reis Magos era a luta por um passado não caracterizado. O Grande Hotel pode ser, também, a construção de um futuro a partir da base de um passado tão verdadeiro, quanto grandioso.

MOMENTO OPORTUNO

Está na hora de discutir o futuro do Grande Hotel (que pertence ao Governo do Estado) e se encontra cedido ao Poder Judiciário, que está para inaugurar, ainda este ano, a sua nova sede, podendo abrir mão de um prédio histórico que está servindo de depósito para parte do arquivo morto do Judiciário.

Na verdade, o Grande Hotel pode – e deve – ser parte de um processo de reintegração do bairro que serviu de berço para Natal e que tem forças para lhe dar uma nova trajetória capaz de preservar o seu passado e projetar o futuro.

Como se vê, nesta jornada não falta espaço para quem desejar demonstrar seu amor pela Natal de todos nós. Sobretudo, aproveitando um momento favorável, que pode não voltar de se repetir em razão das circunstâncias e do próprio tempo. Nessa campanha ainda existe muito lugar na janela para quem chegar primeiro.

*Artigo publicado originalmente no jornal “Tribuna do Norte”, republicado nesta revista por sugestão do acadêmico Vicente Serejo.

CASSIANO ARRUDA CÂMARA é jornalista e escritor. Autor dos livros “Hotel de Trânsito” e “Um Repórter na Roda-Viva: do tipo Móvel ao Notebook” Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

MILTON HATOUM:

JAMAIS ESCREVERIA UM ROMANCE PARA ENALTECER UM GOVERNO AUTORITÁRIO.

Thiago Jefferson Galdino

Escritor e professor, Milton Hatoum nasceu em Manaus a 19 de Agosto de 1952, mas, ainda jovem, mudou-se para São Paulo, onde vive. Autor de vários livros, sucessos de público e de crítica, entre os quais os romances “Relato de um Certo Oriente”, e “Dois Irmãos”. Hatoum é considerado um dos grandes escritores vivos do Brasil.

Em janeiro deste ano concedeu entrevista ao escritor Thiago Galdino, em que fala sobre diversos aspectos de sua vida e de sua obra literária, afora outros assuntos de grande interesse.

THIAGO GALDINO: Em “*Relato de um certo Oriente*” (Companhia das Letras, 1989), seu romance de estreia, temos como essencial a presença da imigrante libanesa Emilie, matriarca que busca dirigir o curso das personagens que a circundam, além de proteger os mistérios da família. A dedicação aos filhos homens, o governo do lar, o cuidado ao marido e a manutenção da beleza e sensualidade, no entanto, parecem determinar o espaço da mulher na concepção masculinista, restringindo o comportamento feminino na sociedade patriarcal. Assim sendo, torna-se meramente simbólico o elevado poder da protagonista?

MILTON HATOUM: A relação de Emilie com os filhos é menos ambígua do que com a narradora. Há uma assimetria nessa relação afetiva. A sociedade brasileira é patriarcal, e era muito mais nas décadas de 1940-50, época em que o romance é ambientado. Mas a contrapartida disso é a voz da narradora, uma mulher que, de algum modo, acerta as contas com o passado. Essa narradora é a matriz da linguagem, o centro da narrativa, pois ela capta as vozes

dos outros e dá forma à ficção. Ela será a porta-voz e a memória do clã. São duas presenças femininas fortes e opostas. Não por acaso, a chegada da narradora a Manaus coincide com a morte da matriarca.

TG: “*Cinzas do Norte*” (Companhia das Letras, 2005) registra os anos iniciais da ditadura militar brasileira e seu enredo retoma as memórias da cidade de Manaus. Qual o efeito esperado sobre o leitor na utilização de truncamento dos nomes de personagens como Olavo e Raimundo?

MH: Raimundo e Olavo, ou Mundo e Lavo, são nomes de origem germânica, mas muito comuns no Brasil. Raimundo é ainda mais comum no Nordeste e na Amazônia. A origem do nome Raimundo está ligada à proteção, a alguém que protege com conselhos. Já o étimo de Olavo está relacionado aos antepassados. Os nomes dos dois amigos têm um vínculo com o modo de ser de cada um. Os apelidos, principalmente o “Mundo”, é uma metáfora da viagem do personagem, de Manaus para longe: o Rio e a Europa.

TG: Com “*Órfãos do Eldorado*” (Companhia das Letras, 2008) você utiliza, por se tratar de novela, o ideal lacônico e a supressão de minúcias. A concepção deste trabalho foi desconfortante, sob o ponto de vista estrutural, por não permitir a criação de subtramas aprofundadas, comuns ao romance?

MH: A novela é um gênero que exige concisão e tensão nos conflitos, na vida e na trajetória dos personagens. O livro fez parte da coleção “Mitos”, da editora escocesa Canongate. Por contrato, eu devia entregar os manuscritos no prazo de um ano, mas a editora aceitou prorrogar por mais um. Foi o primeiro e último livro que fiz por encomenda. O maior desafio foi transformar o mito do Eldorado numa narrativa realista. O mito está na origem da literatura, e é sempre recorrente no romance moderno.

TG: Em 2009 você publica o livro de contos “*A cidade ilhada*” pela Companhia das Letras. A conceituação do gênero pode ser

sintetizada pela frase de Mário de Andrade, ao dizer que “conto é tudo que o autor assim denomine”?

MH: Acho que sim. Gêneros são convenções literárias que foram questionadas há muito tempo, mas dependem muito da expectativa do leitor. Vários leitores do livro de crônicas de “Um solitário à espreita” preferem chamar alguns textos de contos.

TG: Em “*Um solitário à espreita*” (Companhia das Letras, 2013), reunião de 96 textos rigorosamente reescritos e selecionados, existe o relato do cotidiano e a reconstrução poética da memória. O imediatismo da crônica, em sua característica regular de publicação, permite intervir socialmente sobre os leitores de maneira mais direta?

MH: Sem dúvida, principalmente se o cronista abordar questões políticas, históricas e sociais. No livro “Um solitário à espreita” a maioria das crônicas é voltada para o que você mencionou: a reconstrução poética da memória. Mas algumas focam o momento político, como é o caso de “Miséria antiga, estádios novos”, publicada antes da copa do mundo. Era uma aberração construir estádios caríssimos em cidades sem saneamento básico e com um péssimo sistema de transporte coletivo. Manaus e Cuiabá são dois exemplos. Fui muito criticado por leitores bairristas e por militantes de diferentes, e até opostos matizes ideológicos.

TG: O romance “*Dois irmãos*” (Companhia das Letras, 2000) narra os embates familiares dos gêmeos Yaqub e Omar, descendentes de libaneses que vivem em uma Manaus gradativamente caótica frente à modernidade instauradora de conflitos variados. Desde que foi lançado, o livro já foi adaptado para o teatro e quadrinhos, além de, mais recentemente, ter se tornado destaque na televisão. O jornalista e crítico de arte Silas Martí, em matéria para a Folha de São Paulo, no entanto, diz que a adaptação da obra à minissérie “deixa a impressão que o diretor se tornou vítima de seus próprios excessos”, pondo “efeito plástico acima dos ossos da narrativa, sa-

crificando ritmo e estrutura. [...] Como se do livro original vazassem para a tela só os adjetivos”...

MH: A minissérie tem os mesmos traços formais de outras obras do diretor Luis Fernando Carvalho. Quem viu “Lavoura arcaica”, “Hoje é dia de Maria” e “Capitu”, sabe que o Luis Fernando sempre opta pela desmesura, pelo transbordamento. Os gregos chamavam de *hybris*. É uma opção estética, eu diria mesmo que é o estilo do diretor. Mas há nessa desmesura um cuidado extremo com o cenário, o figurino, a direção dos atores. E o roteiro da Maria Camargo me pareceu excelente, embora o Luis Fernando tenha mudado alguma coisa. O que surpreendeu muita gente da equipe, incluindo o próprio diretor, foi a enorme audiência de uma minissérie sofisticada, transmitida às dez e meia da noite. Já há vários estudos e dissertações sobre essa adaptação e a outra, para quadrinhos.

TG: A trilogia “*O lugar mais sombrio*” será, conforme sentenciou, a sua última incursão pelo romance. É preciso reconhecer a hora de parar?

MH: Eu disse isso numa longa entrevista para uma revista da Folha. Mas se o santo baixar, ou o demônio... É preciso ter coragem para publicar, e mais coragem para reconhecer o momento do silêncio. Pretendo terminar um livro de contos e outro de ensaios. Tenho ideias para escrever uma novela. Mas um romance, não sei. Deixo a reticência falar...

TG: Romance de formação, “*A noite da espera*” (Companhia das Letras, 2017) apresenta o desenvolvimento emocional do seu protagonista e rememora a repressão militar na capital federal, sem, contudo, se tornar narrativa estritamente política. A literatura deve desprender-se do discurso ideológico?

MH: Sim, porque o discurso ideológico tem uma finalidade, ele conduz a uma determinada posição política. O romance deve indagar e convidar à reflexão, sem dar respostas. Claro que há um compromisso ético. Jamais escreveria um romance para enaltecer

um governo autoritário. Na verdade, o ambiente dos romances “A noite da espera” e “Pontos de fuga” é opressivo. Mas não há teses nem “discursos” contra a ditadura. Pensei numa pesquisa de vidas, em que cada personagem vê ou reflete os outros e a si mesmo. Alguns se sentem perdidos ou desorientados, nem todos são ativistas. E há uma questão central: a família, às vezes mais opressiva que o governo. Tentei narrar a trajetória e o destino de cada um. Alguma coisa fica no ar, em aberto. E não há uma trama fechada, como no “Dois irmãos” e no “Cinzas do Norte”. A estrutura é intencionalmente fragmentária.

TG: Hemingway, em entrevista concedida a revista *Paris Review*, ao ser questionado sobre até que ponto um escritor deveria se preocupar com problemas sócio-políticos de sua época, disse que “muitos dos chamados escritores engajados mudam de ideologia a toda hora...”.

MH: Muitos, talvez não. Alguns, sem dúvida. Tentei escrever sobre essa questão no ensaio “Os escritores”, que saiu no último número da revista *serrote*. Traduzi um livro de Edward Said sobre esse assunto: “Representações do intelectual”. O autor do clássico “Orientalismo” argumenta que o intelectual deve dizer a verdade ao poder e a qualquer tipo de fascismo e autoritarismo. A gente não deve esquecer que vários governos considerados “democratas” promovem guerras, ocupações militares, praticam tortura e execuções. Hemingway combateu o fascismo na Espanha de Franco. O ideal humanista e o empenho por uma sociedade mais justa e solidária são inseparáveis dos problemas sócio-políticos.

TG: O que Martim, personagem principal de “*A noite da espera*” (Companhia das Letras, 2017), tem em comum com a juventude brasileira de hoje?

MH: O atual governo é autoritário, e destruidor em várias áreas. Mas foi eleito. Não é uma ditadura. Martim não se interessa pela política. No começo do romance, ele é um alienado. Nesse sentido,

ele espelha uma boa parte da juventude e da sociedade. Mas o personagem muda. A formação política e intelectual dele passa pela convivência com a namorada (Dinah), com a escola, com o ambiente universitário e com o pai, um apoiador da ditadura. Dinah é ao mesmo tempo uma atriz e uma ativista contra a opressão. No meu diálogo com leitores, a maioria dos mais jovens se identifica com ela, mas se interessa pelo drama de Martim: o sumiço da mãe. Nem sempre a política está no centro do conflito. Há personagens que preferem o hedonismo à política, e outros que são traidores. Os jovens não se comportavam em bloco, e isso acontece hoje.

TG: Quais fatores tornaram possível a assunção da extrema-direita ao poder no Brasil?

MH: Há muitos fatores. Desemprego altíssimo, boataria nas redes sociais, a facada no então candidato; o engajamento político de uma parte do judiciário; a demonização das esquerdas, principalmente do PT; a insegurança e a violência em todo o país; a falta de discernimento político, a miséria intelectual e moral de uma parte significativa da classe média... Há também razões mais profundas. Moro há 21 anos em São Paulo, onde é comum ver cenas de racismo, de preconceito contra negros, homossexuais, nordestinos. Os governos petistas cometeram erros graves, mas não inauguraram a corrupção no país. Votei em Fernando Haddad porque conhecia o trabalho dele como ministro da Educação e prefeito de São Paulo. Votaria em qualquer outro candidato, jamais num ignorante de extrema-direita, cujos filhos são ligados a milícias. No livro “Memórias do cárcere”, Graciliano Ramos menciona o nosso “pequeno fascismo tupiniquim”. O diminutivo é irônico, claro.

TG: Em relação à crítica aliada às estratégias do mercado editorial, podemos dizer que a resenha ocupou, progressivamente, o espaço do ensaio pautado na teoria literária?

MH: Penso que até as resenhas perderam relevância. Hoje, são as redes sociais que divulgam um livro. Os grandes ensaístas publi-

cam pouco em jornais e revistas. Sempre me interessei pela crítica universitária, que inclui ensaios, dissertações, teses. De qualquer modo, o leitor é soberano. Jorge Amado e José Lins foram muito criticados, às vezes injustamente. Mas são escritores que sempre terão leitores.

TG: Fazer literatura em tempos de comunicação fragmentária constitui-se como ato de perseverança?

MH: Sim, de obstinação quase missionária, com uma grande diferença: escritores não devem catequizar ninguém. O dogma enfraquece a literatura e as artes, e prejudica a política. Quem escreve ficção, poesia ou teatro é movido pelo desejo. No caso do romance, o livro se faz no momento da escrita. E quando você escreve, o único mundo que importa é o da memória, da imaginação, da linguagem.

TG: A ficção necessita da experiência pessoal do autor, ou a introspecção, através de viagem abstrata, fornece subsídio necessário ao fazer literário?

MH: As duas coisas são inseparáveis. A experiência de vida significa também experiência de leitura, e em ambas residem a introspecção, a sondagem interior ou o gosto pela aventura. É comum afirmar que o narrador de Jorge Luis Borges, altamente intelectualizado, é um cultor de abstrações, capaz de elaborar apenas conjeturas e paradoxos metafísicos. Mas várias narrativas dele são perplexidades reais, fundadas na história e na experiência humana, como mostrou Davi Arrigucci Jr. num belo ensaio.

TG: Entusiasta da obra de Gustave Flaubert, por qual motivo, em sua opinião, o autor atrai tanto os escritores?

MH: Flaubert superou seus antecessores porque pensou a linguagem e o estilo como protagonistas da narrativa. Nesse sentido, foi um marco no romance moderno. Nos romances e contos de Flaubert já não há um narrador intruso, que se intromete e faz juízo de

valor. Ele exclui de seus textos descrições e referências gratuitas. Essa obsessão pela linguagem exata é uma de suas marcas de estilo. Mas o estilo tem a ver também com a configuração geral da narrativa, com a ideia de articular elementos diferentes na medida exata. E nisso ele também foi um mestre. Percebi isso em profundidade quando traduzi o livro “Três contos”, em parceria com Samuel Titan. Ao traduzir um livro como esse, você vê por dentro o esforço de estilo.

TG: Você já afirmou “não se extasiar com prêmios literários” e disse não ter “vocação para ser imortal”, referindo-se à cotação do seu nome para academias de letras. As referidas casas de cultura, consideradas por alguns como sendo o panteão dos vivos, é uma tentativa de permanência?

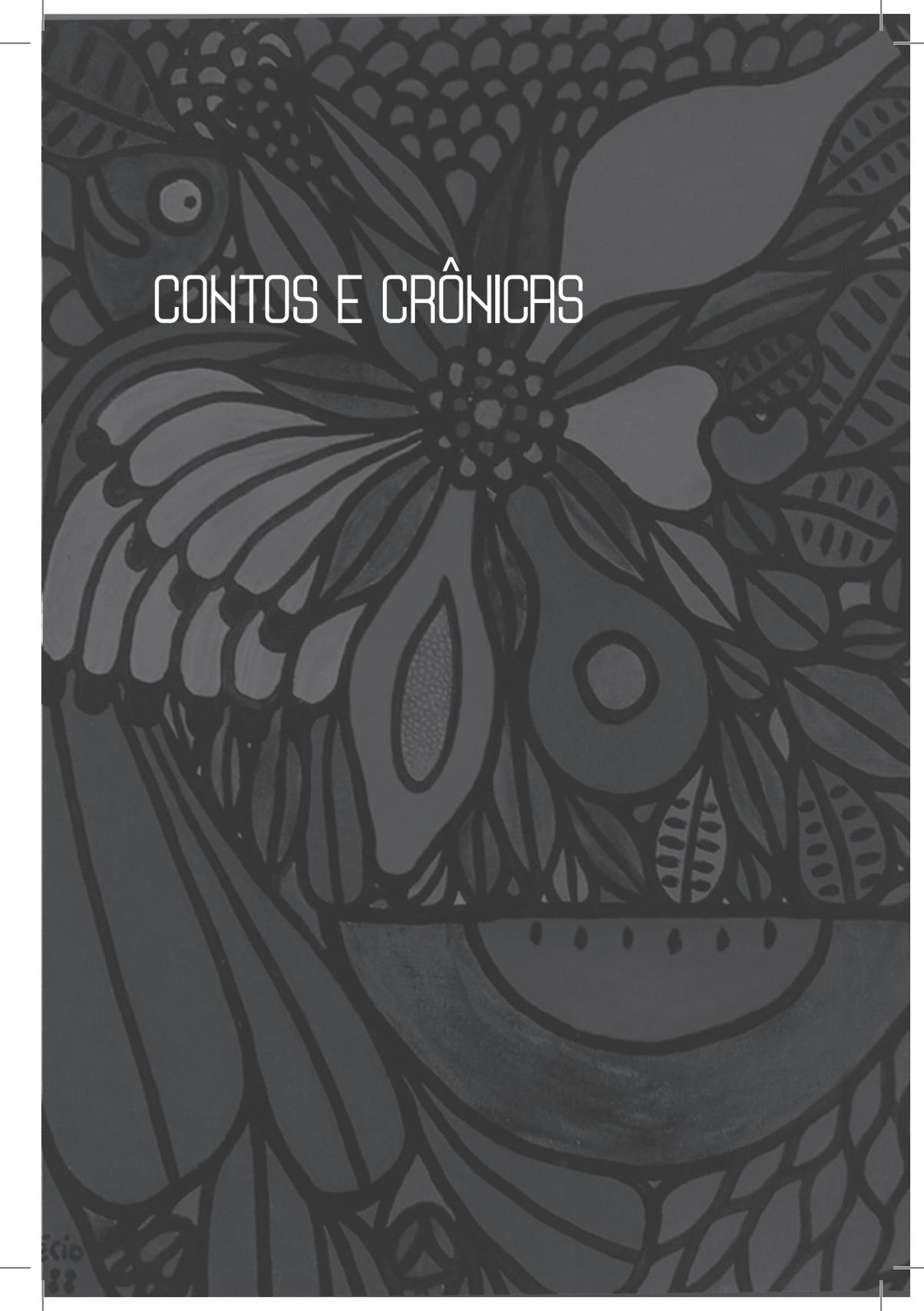
MH: Mas o que permanece, se tanto, é a obra. O panteão dos vivos que me interessa é formado de leitores, de preferência leitores de qualidade. Em todas as Academias de Letras há romancistas, poetas e ensaístas talentosos. Já dei uma palestra na ABL, admiro a obra de vários intelectuais e escritores da Casa de Machado. Mas sou apenas um pobre mortal, cuja única ambição é escrever mais uns poucos livros e ler muitos.

TG: É recorrente a sua crítica em relação ao descaso com a memória urbana de Manaus por parte da administração pública. O que acontecerá com o Conjunto Arquitetônico de Lúcio Costa no Amazonas, composto por cinco casas projetadas para o poeta Thiago de Mello?

MH: Há um empenho do IPHAN, da família do Thiago e da sociedade civil para que essas obras projetadas por Lúcio Costa sejam preservadas. Salvo engano, são os únicos projetos do Lúcio na Amazônia. São projetos aparentemente simples e belos. Há nelas uma harmonia, um diálogo com a natureza, com os elementos da região. Há mais de trinta anos critico a falta de planejamento urbano em Manaus, uma cidade sem arborização, sem calçadas, sem infraestrutura, com pouquíssimos parques. Mas governadores,

prefeitos e seus secretários não parecem preocupados com essas questões. E, claro, desprezam críticas e sugestões. Isto vale para Manaus e outras cidades. Mas a Manaus de hoje é uma calamidade. Até a década de 1960 foi uma bela cidade, que mantinha uma harmonia com a natureza. A falta de planejamento, a ganância e a ignorância fizeram de Manaus uma cidade hostil. Essa é a cidade revisitada pelo Nortista, personagem do “Pontos de fuga”. A outra Manaus, que era promessa de um projeto civilizador, não existe mais. A política urbana é mais uma das tantas catástrofes do Brasil.

THIAGO JEFFERSON GALDINO (Mossoró, RN, 1993) é cronista e contista. Autor dos livros “Suspeitas de um Mistério” e “Novos Contos Potiguares”. Colabora em jornais, revistas e portais literários. É sócio efetivo do Instituto Cultural do Oeste Potiguar – ICOP.



CONTOS E CRÔNICAS



QUANDO A LUZ DOS OLHOS MEUS

Japeri Araujo

Ninguém sabe de onde viera aquela criatura. Diferentemente do ceguinho dos besouros mangangás que aparecera num redemoinho que sacudiu a poeira das ruas de Flores do Seridó, aquele homem no mínimo estranho, apareceu assim, do nada. Não haviam nuvens no céu, nem muito vento vindo das encostas da serra. Estava tudo comum, normal. As mesmas rodinhas de conversas do povo que se ocupava da vida alheia sob a copa das algarobeiras, e das velhas fuxiqueiras no patamar da igreja ainda com o missal apertado no peito e os véus de rendas nas cabeças. O homem estranho apenas apareceu e andou prá lá e prá cá subindo e descendo a rua. Parece que procurava alguma coisa ou algum pouso.

O estranho nele é o que carregava nas costas. Um meninote muito magro que devia ter uns 12 anos, vestido de calções de um branco sujo e camisa esmolambada. Tudo muito pobre. O menino parecia ser cego. Seus olhos sempre revirados para cima e a boca aberta, mas a aparência era de que ele dirigia o homem que o carregava. O homenzinho era bem mirrado e parece que sua carga era antiga, pois já caminhava curvado, mesmo sendo um fardo de pouco peso. O de maior estranhar foi vê-lo entrar na casa paroquial e sumir da vista de todos até o outro dia.

Os mais curiosos passaram a investigar daqui e dali, perguntando às zeladoras da igreja e as empregadas da casa do padre mas pouco ou nada se conseguiu da história do infeliz até por misturarem verdades com mentiras e suposições.

Parece que ele era parente do padre e o menino que ele carregava prá cima e prá baixo era filho do pecado da mãe do padre que abrigando seminaristas em férias em sua casa, acabara se envolvendo com um deles e daí engravidara. O fruto do pecado

nascera todo aleijado. Não falava, não andava e era completamente cego. Mesmo com suas deficiências, diziam que o menino era muito inteligente. O padraço andava com ele, no lugar onde moravam, amarrado às suas costas e por movimentos das pernas e dos braços, dirigia-o para onde queria ir. De vez em quando, emitia um som meio rouco seguido de espasmos como se tivesse acometido do mal sagrado, a gota coral, o que obrigava seu carregador a transmitir a todos o que ele estava antevendo. Dizem que eram profecias, que uma grande seca ainda iria acabar com o sertão e que um dia tudo aquilo iria virar mar. No dia de São José profetizava inverno ou seca e anunciava a proximidade da vinda de Cristo para o juízo final. Quando a mãe morreu, o padraço tomou seu fardo pelo mato para entregá-lo ao irmão que sempre o renegara. O padre não aceitava o filho do pecado da mãe, mas com sua morte, não havia outro jeito.

Nunca o povo do lugar viu o homenzinho sem sua estranha carga. Se ele ia à feira, o menino estava lá em suas costas, montado. Algumas vezes amarrado para não sofrer uma queda. Muitos não tinham coragem de se aproximar daquele despautério. Outros, principalmente mulheres chegavam bem perto e observavam com admiração o menino. Algumas até achavam-no bonito.

- Parece um anjinho.

E admiravam seus cabelos encaracolados e louros como cabelos de milho. Aquele presepe durou quase um ano. Diziam que o menino dormia amarrado nas costas do padraço, mas muitas mulheres juravam que quando iam cedo prá igreja, o menino estava dormindo amarrado nas costas de uma grande imagem do padroeiro.

Um dia, notaram que o homem andava com sua carga pela rua desorientado. Segurava-se nas paredes das casas, quase caía nos buracos da rua e um estranho cheiro acompanhava sua passagem. Uns diziam que era cheiro de podridão de carne humana, mas outros diziam que era perfume de jasmim.

Foi quando o professor Damião, cruzando o caminho com o penitente e sua carga, observou bem e notou que o menino estava morto. O padrasto carregava-o nas costas como um boneco inanimado. Não balbuciava mais. De sua boca não escorria baba, mas seu rosto estava estranhamente roxo. Logo a notícia tomou conta do lugar e o delegado teve que ir na igreja falar com o padre.

Mesmo reticente, não dando nenhuma informação sobre o menino e sua sina, o vigário chamou o padrasto e examinando o menino constatou sua morte. Com o delegado, desamarrou-o das costas do infeliz e ficaram impressionados ao observarem que o padrasto era cego e que na verdade, o menino guiava-o pelos caminhos, mesmo com os olhos revirados, olhando pro futuro.

IAPERI ARAUJO é médico, escritor e artista plástico. Contista, tem publicado na revista da ANRL alguns textos, sempre valorizando a narrativa popular. É membro da ANRL ocupando a cadeira 23. Presidente do Conselho Estadual de Cultura.

O BARCO DA CASA SANTA

Humberto Hermenegildo

O menino marchou por longas estradas apertadas, quando o sol mostrava as plantas verdes no meio da manhã. Era um tempo de chuvas finas. Cada lajedo, cada cachoeira quase seca, cada galinha de pereiro a cacarejar nos galhos.

Procurava o barco que avistara na pedra proibida, porque outros mundos queriam falar com ele. Eu sou daqui, disse no sonho o marinheiro. Uma coisa chamegou debaixo das folhas secas – carreirinha em choute para desvio do perigo. E espetou o pé no xiquexique, mas era pequeno e fino o espinho. Grossa, a borracha da sandália. A pedra proibida, onde é?

*

Havia um caminhão de lata...

Ele, na estradinha de barro. O barreirinho da chuva de ontem, a piaba da barrosa água. Mundo molhado, boleia morna, enxuta. Na direção, o vento.

Aquelas serras ao redor, as nuvens, passarinhos na corrente do ar. Ele ia asa, ao céu. Ele ia, asa rente ao crespo chão.

E riacho madrugava entre serrotes enterrados na serra. Deles, só se viam os lombos, as cacundas, resto de enterrado à beira do espinhaço imenso...

Quis subir naquele cabeço de serrote tão baixinho. Passou, contudo, ao largo e perto do xixixi do rabo de um bicho sacolejando folhas.

Não se esquece aquele vapor de vida que se ergue ao pé da serra.

Feliz feliz feliz.

*

Quando levantou a vista, lá estava o lugar. Fora ele transportado para as sagradas pedras? O barquinho e seu remo procuravam o mar. As ondas, antigamente, deixaram ali aquele barco? E a baleia que perseguiram, morreu no meio das pedras do riacho? O menino navegava sem moldura que o prendesse no quadro e viu o guerreiro de cocar na cabeça, viu uma luta medonha! Viu uma dança que encenavam em cima de uma roda desenhada no chão do terreno.

A pá, remo do barco, era um movimento parado e sobre ela passou a lagartixa. Teria, o barco, pendido na saudade da água e se mexido um pouco na rocha? Sem se desgrudar do desenho heroico, ele foi descobrindo as periferias onde dançavam os índios – devem ser índios, dizia ele, apesar de saber que estava na Casa Santa. Cadê os padres, interrogou-se.

Os braços das figuras apontavam para cima, em luta ou nas brincadeiras. Com paus e flechas, tudo em batalhas eternas. Duas das figuras estavam bem ligadas e uma delas estendia para cima uma coisa dura – não era perna nem era braço, ele sabia o que era, mas não podia dizer nem podia olhar, porém viu que a mulher tinha um cabelo enorme!

Nas partes mais baixas das alturas, as plantações de milho. Cachorros saíam com os índios para a caça. As varas espetavam peixes do poço. Teria pensado em ser índio?

O barco teria mudado um pouco de lugar?

A claridade foi diminuindo e a serra, a se acalmar, anunciava o entardecer. Ele já cochilava sobre a pedra, o barco passeava longe, longe. As águas salgadas salpicavam o rosto do marinheiro das favelas, não, do marinheiro do mororó e do cardeiro, tudo junto!

Saíram comissões nas quatro direções do mato, à procura do menino perdido. O sobe e desce de ladeiras foi grande e, no alpendre, a avó esperava sentada, com o terço na mão. Embaixo do tamborete, a ligeira de dar pisa. Menino frechado.

– Tércio!

A voz chegou de um lugar distante. No entreabrir dos olhos, ele viu saindo da rocha a mão, estendida, do gigante do barco. Queria mergulhar naquele mar, queria o rumo do barquinho.

HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO é poeta e escritor, professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de diversos livros, dentre eles, “Rastejo” (romance) e “Argueirinha” (poemas).

SENHORA MORTE

Clauder Arcanjo

“Começa pela morte para terminar na morte, e sabemos que as palavras ou os sons, modelados na massa da morte, são, dentre todas as coisas, as que menos a temem.”

(Ismail Kadaré, em *A Ponte dos Três Arcos*)

“Voltarei semana seguinte, a coisa está muito confusa. Encarregaram-me de um, mas, quando chego aqui, encontro uma porção de casos para dar conta. Não, sinceramente, não. Vou-me embora, agora! E nem o que vim fazer, confesso, eu resolverei.” Pensou e, antes de sair, voando, disparou:

— Uma bagunça! Isto aqui está tal e qual o Inferno!

&&&

— Já de volta? E a sua missão?

Antes de responder, sentou-se; precisava respirar um pouco (se é que lhe era dado tal direito naquele céu tão azul). Com pouco, resolveu encarar os fatos.

— Sim, estou de volta e... não consegui cumprir com a minha obrigação.

O velho, de barbas longas e vestes brancas, coíou a barba branca; e, sem tergiversar, nem alterar o tom de voz, em sotaque melífluo (se é que se pode dizer que naquelas alturas cabia o tom das abelhas), ordenou, manso e altaneiro:

— Volte. Aguardaremos você. Aqui não temos pressa, porém não cabe descumpirmos as ordens... superiores.

&&&

Desceu; melhor, voou em direção ao local onde já estivera. Discretamente, rezou para que encontrasse desta feita o local mais propício. Em tudo — acreditava e jurava perante os anjos e arcanjos — cabe o mínimo de decência para que se exerça o que nos foi designado.

Ledo engano, o prédio enorme e branco estava ainda mais apinhado e bagunçado. Ninguém se entendia. Corriam pelos corredores, emitiam papéis trocados, enfiavam pastas sobre alguns que se encontravam deitados, colocavam tubos nos narizes e nos braços de outros, sem falar nos que eram isolados numa sala repleta de equipamentos e fios. Além dos cristos que jaziam nus sobre pedras frias, com uma espécie de identificação pendurada junto ao pé direito.

Olhou, olhou e não se orientou. Aquele misto de pressa e sandice a atabalhou por completo. Com pouco, não sabia mais o que viera fazer; o juízo circunvagava e... não dava por nada. Quase desmaiou quando viu uma família inteira a um canto, sem atenção alguma. “À espera de quê?” Quis chamar por Deus, contudo, lembrou... “Deixa pra lá!”, falou cá consigo.

Quando, refeita do susto, enfiou-se por entre os amontoados, percebeu que a gritaria tomava foros de desespero.

— Ai, ai, meu Pai!...

— Não aguento mais. Permita Deus que eu me vá.

— Mamãe, mamãe, Deus se esqueceu da gente?!...

— Ô, meu Deus, não me abandones.

— Tirem-me daqui. Afastem-se de mim!

Tropeçou sobre os corpos de alguns, escapou por pouco de ser atropelada por uma cama sobre rodas que, em desabalada carreira, saía de dentro de uma camionete e entrara prédio adentro para uma sala onde o acesso era restrito.

Cansada e perdida, ela desistiu e se foi. “Pelo amor de Deus! Isto é um Inferno!”

&&&

— De volta? E aí?

Sem delongas, ela cruzou os braços, pálidos e finos, e exigiu-lhe:

— Quero falar com o Senhor!

— Mas, minha senhora... Os compromissos são muitos. Há pouco estava a receber um grupo oriundo da China e...

— Entendo, mas a minha condição é bem diferente, nada se compara ao que eu vi. Nada, nada...

Ela elevou os braços aos Céus, mais em sinal de agonia do que de aleluia. O rosto turvado, as mãos crispadas e os lábios trêmulos convenceram-lhe da suprema gravidade do caso.

— Espere um momento. Irei ver o que posso fazer.

Ela ficou, com sua veste diáfana e o seu pensamento ainda revolto, à espera. Ao redor, uma paz celestial a rivalizar com seu espírito.

No exato tempo, ela ouviu uma voz:

— Minha filha, o que tanto a aflige?

Ajoelhou-se e, entre lágrimas, confessou:

— Meu Pai! Meu Pai! Desisto da minha profissão. Afaste de mim este cálice!

Como eucaristia, o Rei levou a mão direita na direção da cabeça da filha aflita, ao tempo em que lhe perguntava:

— Como uma fiel tão cumpridora das minhas ordens quer nos deixar? A messe é grande e são poucos os escolhi...

Um grito quebrou a calma no entorno.

— Fui nomeada, designada e, a mim, outorgadas tantas missões. Eu sei, eu sei. Sempre cumpri com zelo, e prontidão, as minhas responsabilidades, Senhor. Para cá, conduzi milhões. Mas, desta feita, vi-me impossibilitada de acompanhar até aqui o eleito.

— Por que não, filha minha?

— Explico. Por que um, se são tantos? Por que um, se o caso é afeito a centenas, milhares? Como cobrir de graças a um; abençoá-lo, elevá-lo, enfim, conduzi-lo ao Teu reino, enquanto os demais jazem no inferno da Terra?...

— Eles a temem? — Perscrutou-lhe o Senhor.

— Não. Eles são a própria Morte. Nasceram, viveram, cresceram comigo. E quem já morreu não me teme. Sim, não me temem! Meu Pai, eu desisto, eu desisto...

Um chorar convulso cortou-lhe o verbo. E o silêncio, milagrosa catarse, se intrometeu entre a Senhora Morte e o Senhor do Universo.

Naquele dia, assim registram as Escrituras, o Reino de Deus mergulhou na escuridão, às vésperas do Apocalipse.

CLAUDER ARCANJO é poeta, escritor, editor e Engenheiro Civil. Autor de “Licânia”, “Novenário de Espinhos” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e outras instituições culturais.

FÚRIA E SANGUE

Edson Soares

Trecho do romance de não-ficção sobre o massacre em Santo Antônio dos Barreiros (inédito).

1

Neguinho vestiu uma calça jeans azul e uma camisa camuflada do exército. Depois enfiou na cabeça um boné preto com um M estilizado, pôs um alforje cheio de balas a tiracolo, jogou um colete blindado por sobre o peito, pendurou uma faca dentada de pesca no cós e armou-se com uma pistola automática Taurus 765. Pôs na cintura também um revólver Rossi calibre 38, devidamente equipado com silenciador. Em um dos bolsos da calça separou uma munição especial: uma cápsula prateada, como aquela que o Zorro costumava usar. Também pôs no bernal um tablete com cerca de meio quilo de maconha e um saquinho com algumas gramas de cocaína.

Transcorria o mês de maio, fazia frio e as nuvens preparavam uma chuva fina para descarregar sobre as casas mais ou menos mal-ajambradas de Santo Antônio dos Barreiros, distrito de cinco mil habitantes que fica no município potiguar de São Gonçalo do Amarante e que alguns desavisados teimam em chamar de cidade. Não, Santo Antônio dos Barreiros não era cidade (e ainda não é no momento em que escrevo esta reportagem), embora uma boa parcela de seus moradores deseje a emancipação ardentemente. É bem verdade que o lugarejo mudou de nome para Santo Antônio do Potengi logo após o ocorrido que se contará aqui, mas ele permanece um distrito de São Gonçalo, cercado pelas chaminés das fábricas de tijolo e telha, por fazendas de camarão, granjas de hortifrutigranjeiros, plantações de bananeiras e manguezais do grande rio Potengi.

Quando saiu da casa onde morava, naquela quarta-feira, 21 de maio de 1997, bem no finalzinho da tarde, ele mentalizou o nome de duas dezenas de pessoas e planejou a lista daqueles que deveriam morrer.

Leo, um moreno forte, rosto redondo e sorriso simpático, amigo de farras de Neguinho, bebia cachaça com mortadela no local conhecido como o Cruzeiro, em companhia de outros rapazes. Neguinho aproximou-se do grupo e foi convidado a tomar uma dose. Aceitou o convite e riu um riso lhano, mostrando o grampo que tinha em um dos dentes superiores. Era perceptível, pelo riso, que já estava bem alterado.

Após beber a pinga pura e mastigar uma ponta de mortadela, ele olhou para Leo e falou com sua voz mansa:

– Ei, Lindinha, hoje vou fazer uma viagem maluca.

Lindinha era o apelido carinhoso com que Neguinho chamava Leo. O motivo ou o significado de tal codinome era coisa somente deles. Não cabia a mais ninguém conhecer tal segredo.

–Uma viagem? – Leo se surpreendeu com o ar tétrico na fala do amigo. Também não deixou de estranhar a fantasia de Rambo que ele usava naquela noite. Só faltava mesmo a fita vermelha no cabelo. Se bem que Leo sabia que o Neguinho já andava meio pinéu há algum tempo. Pelo menos desde que o filhinho dele de quatro anos fora atropelado por um carro à frente da porta de casa, dois anos antes.

–Vou levar só as pessoas que eu gosto – Neguinho sentenciou. – E as que eu odeio também.

– Pra onde? – Leo ousou perguntar, fingindo um riso.

–Depois tu vai saber pra onde – ele disse, riu e tomou outra dose. Em seguida enfiou a mão no bolso e tirou daí um saquinho com pó. Fez umas fileiras, deu duas ou três cafungadas, compartilhou com os demais, abriu outro sorriso franco e partiu.

No dia seguinte, quando Leo acordou bem cedo, a cabeça girando por conta da ressaca da cachaça com mortadela, a mãe foi logo lhe dizendo:

–Vem ver o que teu amigo tá fazendo aí na rua.

–Meu amigo? Quem?

–Neguinho tá endemoninhado atirando em todo mundo – a mãe disse em tom dramático. – As ruas tão tomadas de policiais, todos procurando por ele. Capaz de vir até aqui!

–Sou só amigo de Neguinho. Não estava com ele. Portanto não tenho nada a ver com isso.

Leo só teve noção do tamanho da *viagem maluca que Neguinho fizera* quando saiu de casa para pegar o sobrinho e a sobrinha na escola, a pedido da mãe. Eram 7h30 da manhã. As ruas do distrito estavam em pandemônio. Os moradores corriam desesperados como formigas doidivas. O bafafá lembrava aquelas cenas de filmes apocalípticos que Hollywood costuma vomitar nas telas dos cinemas. Um crente poderia bem dizer que as sete taças da ira de Deus estavam desaguando sobre o lugar. Não era nada disso. Era apenas o plano de Neguinho sendo posto em prática.

Leo desceu por uma ruazinha estreita em direção à escola onde deveria encontrar os sobrinhos. De longe já era possível ouvir os gritos de terror das crianças e dos professores. No meio do caminho, encontrou-se com Neném, que trabalhava como mensageiro do posto da Telern. Neném era um rapaz branco, alto, magro, dono de um rosto expressivo, olhos vívidos e de lábios bem grossos. Apesar de só ter dezoito anos, já era casado e tinha três filhos. Ganhava a vida indo para lá e para cá, de casa em casa, levando e trazendo os recados de quem ligava para o posto da operadora de telefonia fixa.

O mensageiro costumava chamar Leo de Indiana. Quando os dois se encontraram naquela manhã, cumprimentaram-se apressadamente.

–E aí, Indiana, tá indo pra onde?

–Buscar meus sobrinhos na escola.

–Tá sabendo da confusão?

–Tão dizendo que é Neguinho. Verdade?

–Ele acaba de atirar em dois policiais – Neném disse. – Parece que matou um sargento.

–Jesus! – Leo exclamou e sentiu um calafrio a subir pela espinha.

Trocaram mais duas ou três frases banais sobre o caso e se afastaram. Leo seguiu em busca da escola e Neném em direção ao posto de telefonia.

Poucos segundos depois, um Fiat Palio vermelho surgiu inesperadamente na rua e passou em alta velocidade por Leo. Suas pernas tremeram. Leo percebeu que era Neguinho ao volante. Por isso fechou os olhos e temeu pelo pior. O carro, todavia, não parou. Leo suspirou aliviado e apressou o passo. Apesar da íntima relação de amizade com Neguinho, começou a considerar, naquele momento, que o companheiro de farras *estaria mesmo possuído pelo demônio*, como bem os moradores andavam falando pelas esquinas e calçadas.

Em dado instante, Leo volveu o olhar para o final da ruazinha. Pressentiu que o veículo estava retornando. Para seu desespero, não era pressentimento. O carro vinha mesmo de ré em direção a Neném.

Neguinho freou o veículo, botou a cabeça pela janela e começou a falar com Neném. Leo não conseguiu escutar o que eles diziam, porque apressou ainda mais o passo para chegar logo à escola.

Repentinamente soaram tiros. Não era, todavia, aquele tipo de tiro cinematográfico que a gente escuta nos cinemas. Não, não era assim. Era um som abafado, seco, sem alarde, mais parecido

com um soco forte num saco de pancadas. Talvez por isso Leo tenha achado que não era nada grave.

Quando retornou da escola, trazendo pelo braço os sobrinhos, Leo viu a multidão de curiosos em torno do corpo de Neném que estava estendido no calçamento. O jovem mensageiro havia caído de olhos abertos – talvez surpreendido com a reação do atirador. Um popular apiedou-se e cobriu o rosto do morto com uma faixa de tecido.

2

Neném foi a última vítima da lista de Neguinho. Para trás, o matador já havia deixado uma trilha de sangue e outros treze corpos, todos alvejados na cabeça.

O episódio de Santo Antônio dos Barreiros, ocorrido entre os dias 21 e 22 de maio de 1997, ocupa a sexta posição da *List of Rampage Killers*. Os atos de barbárie cometidos por Genildo (o verdadeiro nome de Neguinho) ultrapassaram as fronteiras do estado do Rio Grande do Norte e foram noticiados por dezenas de jornais e revistas no restante do Brasil e no mundo. As manchetes (algumas na época ainda desconstruídas, imprecisas, errôneas) tentavam traduzir a real dimensão da tragédia:

FOLHA DE SÃO PAULO, SP, BRASIL (23/05/97): HO-MEM ASSASSINA 14 E É MORTO NO RN. PARA MÃE, MATADOR ESTAVA PERTURBADO.

THE VINDICATOR, OHIO, EUA (23/05/97): FORMER SOLDIER KILLS 15 IN RAMPAGE.

TELEGRAPH HERALD, IOWA, EUA (24/05/97): RAMPAGE LEAVES 16 DEAD.

REVISTA VEJA, SP, BRASI (28/05/97): RASTRO DE SANGUE.

REVISTA ISTOÉ, SP, BRASIL (28/05/1997): FÚRIA E SANGUE.

REVISTA MANCHETE, RJ, BRASIL (MAIO DE 97): MATOU 15 PARA LAVAR A HONRA.

FOLHA DE SÃO PAULO, SP, BRASIL (24/05/97): ASSASSINO PLANEJAVA MATAR MAIS DEZ. FAMA DE HOMOSSEXUAL SURTIU EM BRIGA.

FOLHA DE SÃO PAULO, SP, BRASIL (26/05/97): FALÊNCIA PODE TER DETONADO CHACINA NO RN.

FOLHA DE SÃO PAULO, SP, BRASIL (24/05/97): MATADOR JÁ HAVIA COMPRADO PRÓPRIO CAIXÃO.

FOLHA DE SÃO PAULO, SP, BRASIL (27/05/97): MATADOR QUERIA SER COMPARADO A RAMBO.

THE GADSDEN TIMES, ALABAMA, EUA (24/05/97): FORMER BRAZILIAN SOLDIER KILLS 15 IN SHOOTING SPREE.

SAN JOSE MERCURY NEWS, CALIFÓRNIA, EUA (24/05/97): BRAZIL KILLING-SPREE ACCOMPLICE CONFESSES.

Neguinho precisou de cerca de doze horas, duas armas, algumas dezenas de balas, uns cigarros de maconha, umas carreiras de cocaína e muito sangue frio para fazer tudo isso: matou 14 pessoas, feriu uma e mobilizou 120 policiais em seu encalço. Terminou morto, sem direito a velório, sem choro e sem vela, jogado numa vala comum como indigente em um cemitério da periferia de Natal. O túmulo sequer possui uma placa de identificação e quase ninguém sabe onde fica. Mesmo assim, ele saiu do extremo anonimato em que vivia para registrar seu nome na história como um dos mais cruéis *spree killer* de todos os tempos, figurando ao lado de Francisco Paula Gonzales (43 mortos), David Augustus Burke (42 mortos), Campo Elías Delgado Morales (29 mortos), George Pierre Hennard

(23 mortos), James Oliver Huberty (21 mortos) e também entre outros famosos matadores do restante da lista: Jiverly Antares Wong (13 mortos, 4 feridos, Binghamton, New York), Howard Barton Unruh (13 mortos, 3 feridos, Camden, New Jersey), James Eagan Holmes (12 mortos, 62 feridos, Aurora, Colorado), Juan de Jesús Lozano Velásquez (11 mortos, 7 feridos, Bogotá, Colômbia) e James Edward Pough (11 mortos, 6 feridos, Jacksonville, Florida). Isso só para ficar entre os primeiros colocados.

Matador, assassino, perturbado, demoníaco, louco. Furioso, frio, drogado, gay enrustido, impiedoso, calculista: esses predicativos acompanharão para sempre o nome de Genildo França. Assim ele decidiu quando saiu de casa – vestido de Rambo, pronto para matar – naquela tarde de maio. Assim ele marcou a ferro e fogo sua biografia com os atos que praticou naquela noite-madrugada. Ele tinha o livre arbítrio e decidiu exercê-lo da maneira errada. Apagou todo seu histórico de homem respeitador, companheiro leal, amigo do peito e bom pai, para reescrever tudo com tintas de sangue.

EDSON SOARES é jornalista, escritor e produtor cultural, autor de vários livros, entre os quais, “Os últimos passos do enforcado”; é cineasta, diretor do filme “Nova Amsterdã”, além de outros trabalhos.

A NOITE VESTE LILÁS

Rui Lopes

O premir do indicador no gatilho deflagra o projétil que atinge o alvo, de pleno. Na têmepra esquerda o sangue jorra enraizando pela ossatura da face, onde olhos injetados reviram-se na direção do abismo abaixo, emoldurado que fica, pelos pés descalços presos à soleira da janela - numa imagem última. O corpo morto afrouxa, e pende para frente arrancando pelas mãos em garras a proteção da janela, e despenca no va zio. O monturo de um velho casarão em ruínas ampara a queda, num som cavo . Ratazanas em saltos desencontrados fogem em debandada.

O homem sustando a arma, rente à janela, relanceia para baixo e vê apenas a escuridão tarjada de luzes que entremostam as paredes do casarão. Jovens bebericam num barzinho de esquina, indiferentes à voz e ao violão de um hábil artista.

“Só uma coisa me entristece, o beijo de amor que eu não roubei, a jura secreta que eu não fiz, a briga de amor que eu não causei...”

Alguém gargalha. Insistentes buzinas de um carro que na encruzilhada freia, ante a chegada do sinal vermelho. O homem volta-se para o interior do apartamento, e contempla a mobília minimalista, suavemente tocada por uma luz violácea que enche todo o ambiente, ressaltando-se uma silhueta feminina deitada, recostada a meio corpo no espaldar da cama, cobertor à altura dos seios. Seus braços em cruz escudam-se contra o colo. A perna direita retraída dentro do cobertor, qual uma muralha.

O homem passa as costas da mão contra o queixo de uma barba de dois dias, tão espessa que lhe fura os dedos. Saíra tão apressado que não poderia se dar ao trabalho de

fazê-la. Por um lapso administrativo, fora dispensado de seu expediente àquela noite, e tivera que retornar para casa. Para fazer uma surpresa à mulher que tanto ama, não telefonou.

Duas taças rebrilham sobre a mesa em torno de uma garrafa de vinho. De uma, poucos goles foram tomados. A outra, vazia. Reconheceu os salgadinhos que comprara na última feira semanal, em sobras num cestinho de vime. Seu pé toca em algo no chão. Sim, uma camisa polo; ele jamais usaria uma. Recurva-se e agarra-a, numa rápida análise, no que lhe deixa a luz que a toca. De uma cor indefinida entre o laranja e o vermelho, exalando um perfume amadeirado; ah, sim, esse ele usaria. Fustiga a, curioso, com o cano da arma procurando a etiqueta na nuca. Marca de grife. Um volume sob o sapato o faz soerguer o pé. Uma meia, atirada ali à revelia, é chutada para o lado. Vai à janela e lança a camisa de encontro ao vácuo da noite. O violão num solo rascante ponteia Fagner.

“Só uma palavra me devora, aquela que meu coração não diz, só o que me cega, e o que me faz infeliz, é o brilho do olhar que eu não senti”.

Três buzinas, agora distantes. As gargalhadas da juventude, espalhafatosas. O sinal, agora verde, saltita no semáforo. Uma brisa morna o faz voltar-se mais uma vez para o interior do apartamento. Ao fundo, protegida por uma cortina rosada, um berço embala “a coisa mais linda desse mundo”, guarnecida por um ursinho de pelúcia à cabeceira. Discretamente, repõe uma moldura prateada que se encontrava, numa estante, virada contra a parede. Na foto ele, ela e Camilinha, montada em seu pescoço, sorriem abraçados e felizes.

A mulher, assustadiça, desprende os lábios ressecados, mas é o homem quem esboça um meio sorriso, reticente, amigo, talvez de triunfo. Ela, morena, mimetizada com a penumbra, cabelos acastanhados, e âmbar nos olhos como só ele sabe sentir-lhes o matiz e o brilho. Não há nada de mal que uma mulher

faça que mereça quem lhe encoste a mão. “Mulher não se bate nem com uma flor!” _ já dizia sua avó. O mal vem sempre de fora, e precisa ser extirpado, a qualquer custo. Qualquer. E o amor ... esse o assustava como se um fantasma perscrutador, embaraçava-o como um enigma, um mistério. Era sempre um mistério a ser desvendado, de quando em vez, um enigma a ser devassado. Pelo bem ou pelo mal – um anjo - aquela era a mulher que tanto procurara. E ela, ali estava, como de hábito, à sua espera. Sem opção outra, queria penetrar naquelas trevas, novamente, e iria, grata luz que o encaminhava, grata ânsia que o tomava pela mão e o fazia avançar um passo de cada vez; uma eternidade a cada passo.

Ela reclina a cabeça para o lado. Larga o cobertor que retinha contra o colo, e deixa o braço pender de encontro à cama, entregue. Corpo posto para dois. Trazida pela brisa, a letra contundente de Cecília Meireles.

“...Quando a gente tenta, de toda maneira, dele se importar, sentimento ilhado, sonho amargurado vai se revelar...”

Ele cerra os dentes, e engole intenções verbais com saliva, para que, talvez, nenhuma palavra lhe escape da boca. Nenhuma mesmo, sequer um sussurro. Quando num frisson flagra-se silabando” _ Te amo!”.

Ele comprime a arma contra a coxa, em leves oscilações. Cano contra a parede, é deposta na mesinha-de-cabeceira, deixando-se banhar através da luz violácea que brota do abajur translúcido. Os dedos da mão esquerda tamborilam no ar. A outra desliza à altura do joelho, hesitante a princípio; ato contínuo, numa crescente decisão rompendo o tácito silêncio- o ruído agonizante de um zíper.

RUI LOPES é escritor, roteirista e diretor de cinema. Roteirizou, dirigiu e produziu os filmes: “Cabra de Peia”, “Minha Bolsa Mágica”, além de outros trabalhos na área.

FAZENDA HORIZONTE

Tereza Custódio



Foto de Tereza Custódio – 2005

A casa-grande da Fazenda Horizonte tem sido um lugar de refúgio para minhas leituras e escritas. Sempre que ali retorno, apesar de o calor maltratar impiedosamente a minha pele – a temperatura ultrapassa os 40 graus centígrados, derretendo os miolos dos seres acostumados com a brisa do litoral – releio com olhos de encantamento uma crônica fixada em um quadro emoldurado na parede da sala de estar. O texto foi publicado em 28 de agosto de 1959, no jornal *A República*, pelo escritor e historiador potiguar Luís da Câmara Cascudo (1898-1986).

Câmara Cascudo descreve Gregório Ferreira de Melo (1872-1944), que nasceu e criou-se na Fazenda Horizonte, localizada em Campo Grande, na microrregião do médio-oeste potiguar, a uns 300 km da capital. Vale lembrar que o município de Campo Grande teve seu nome alterado para Augusto Severo, em 1903, em homenagem ao inventor do dirigível Pax e, em 1991, voltou a receber

sua antiga denominação. Ali predominou, por décadas, o plantio do algodão arbóreo e atualmente cultiva-se o milho, o feijão e o capim que servem de apoio à pecuária.

Mas voltemos à crônica de Câmara Cascudo que faz referência a Gregório Ferreira de Melo como um comerciante próspero, regente de banda de música, cronista nato e crítico literário. Um leitor assíduo de almanaques, revistas e livros com excesso de verve. Um intelectual requintado com olhos de turquesas azuis em busca de descobrir o novo. Câmara Cascudo o considera um homem à frente de seu tempo e um dos mais inteligentes e curiosos que encontrou na sua vida.

Câmara Cascudo também descreve a casa-grande senhorial da Fazenda Horizonte como iluminada pelas alegrias de um bando de moças vivas, espirituosas, que cantavam, dançavam e encantavam. A casa-grande, construída no final do século XIX, com paredes de sessenta centímetros de largura, cumeeira alta, sótão amadeirado, oratório, fogão a lenha, sem alpendre frontal, tem o estilo das antigas casas da região do Minho de Portugal. Essa volta ao passado remete-me ao quarto de dormir das donzelas, que era desprovido de janela para evitar olhares furtivos ao seu interior e possíveis fugas das moças casadoiras.

Quando Gregório estava com oito anos, seu pai, José Ferreira de Melo (1832-1881), proprietário da Fazenda Horizonte e irmão da avó do historiador Luís de Câmara Cascudo, suicidou-se. A mãe de Gregório, Luiza Mirilanda de Brito Melo (1838-1920), ainda amamentava o caçula Antônio, quando vestiu luto fechado pela morte do marido, acompanhada das filhas: Cândida, Petrila, Ubalda, Ana e Sancha Mimososa.

Em 1912, Antônio Ferreira de Melo (1879-1944), aos 33 anos, já casado com Maria Teodora de Brito Melo (Dona Marieta, 1890-1983), adquiriu a fazenda. Em 1985, a Fazenda Horizonte foi comprada dos herdeiros pelo atual proprietário, Sebastião Ferreira de Melo de Faria Caldas (1948), bisneto de José Ferreira de Melo.

José Ferreira de Melo foi sepultado na Fazenda Horizonte, em 1881. Na época, a igreja católica não permitia o sepultamento de suicidas em campos santos. No túmulo, localizado a dois quilômetros da casa-grande da fazenda, há uma placa de bronze com os seguintes dizeres:

*“Jaz aqui José Ferreira
Que este mundo desprezou
E a 25 de março
Pra outra vida passou”.*

Na Fazenda Horizonte, tenho ouvido relatos corriqueiros que fogem ao controle da lógica e fazem parte do imaginário popular da região. Casos sobrenaturais indecifráveis, rangido de portas, balanços de cadeira vazia no sótão e aparições de almas penadas, aguçam minha imaginação. Confesso que até hoje nunca ouvi rangidos de cadeiras a balançar, tampouco vi a tal menina loira descendo as escadas do sótão da casa-grande.

Encantam-me, histórias de mistérios como *O Cemitério e Sacos de Ossos*, de Stephen King, *Histórias de Fantasma*, de Charles Dickens, *Contos de Fantasmas*, de Daniel Defoe, *O Fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde, *O Corvo* e *Histórias Extraordinárias*, de Edgar Allan Poe, *A Menina Submersa*, de Caitlin Kiernan, entre outros.

Tião (Sebastião Ferreira de Melo de Faria Caldas) e eu, em nossas idas e vindas ao Horizonte, vamos mantendo vivas as lembranças dos antepassados que habitaram a casa-grande da fazenda.

TEREZA CUSTÓDIO é escritora e professora aposentada do IFRN. Atual Presidente da UBE-RN. Autora de “O Bálsamo” e outros livros.

CRÔNICAS DA FLORESTA NEGRA (01)

Antonio Nahud

Durante três meses, em 2005, viajei de trem e carona, sem pouso certo. Semanas na Alemanha, Itália e Áustria, principalmente na Floresta Negra germânica e na Toscana.

Escrevi o que vi, senti e imaginei, resultando no livro inédito “Crônicas da Floresta Negra”. Terminei por perdê-lo. Esta semana encontrei uma cópia em uma velha pasta. Uma belíssima surpresa.

São seis crônicas, uma dezena de poemas e um único ensaio: “Investigação de um Poeta Acima de Qualquer Suspeita: Rilke no Castelo de Duíno”. Pretendo publicá-los .

Confira a primeira.

RELÂMPAGOS RASGANDO a NOITE

Cada um de nós é vencido apenas pelo destino que não soube dominar. Não há derrota que não tenha um significado e não represente também uma culpa.

STEFAN ZWEIG

(Viena, Áustria. 1881 - 1942)

Nunca se deve lamentar o que passou, repito, convicto, ao atravessar a clareira no alto da montanha, sob um céu de chumbo iluminado subitamente por trovões, relâmpagos e raios. A pertinência de viver intensamente, sem nostalgia sofrida, exige técnica e persistência. Lúcido, desfruto os últimos dias na Floresta Negra. Diante dos olhos confusos, a inexistência, o desatino. Os repetidos rasgos de luz na noite esmagam a razão, abrindo insustentáveis precipícios

n'alma. Diminuo os passos, acalmado pela chuva gélida, atento ao enigma. Trilho uma estrada úmida, salpicada por ramos espinhosos de framboesas maduras, em direção à selva de faias.

Na entrada da mata, em uma tenda, dois nórdicos grandalhões, saudáveis como lendários vikings, preparam o Tchai (chá de gengibre, cardamomo, canela, cravo-da-índia, anis e algumas ervas secretas), invocando sensações alegóricas e emanando um forte odor de madeira aromática. Aceito uma xícara de chá. Insone no diálogo interior voluptuoso, mergulho em uma inexplicável e secreta metamorfose. Cada vez mais fundo. Procuo manter-me firme, não me desviando o mínimo que seja do destino estabelecido, pois sei que neste instante sou capaz de rastejar feito um perigoso réptil ou voar como um ágil falcão.

Caminho entre árvores gigantescas, pisando em folhas mortas, ao encontro da barraca violeta camuflada no reino vegetal. A tempestade repentina vai-se. Catando galhos para a fogueira, recordo o menino que fui pernoitando em uma fazenda de cacau. As chamas emolduram a memória poética. Alma livre, nada me pertence. A vida além da imaginação. Não piso em terra firme. As palavras fogem para longe, mal são ditas se desconstroem. Chovem desejos infundáveis, desconhecidos, assustadores. Chove o amor imortal.

Distante da Bahia de Todos os Santos, na Floresta Negra, na terra dos Nibelungos, sul da Alemanha, florescendo no espírito de vales e montanhas de contos de fadas. Personifico um homem-lobo, um selvagem, o Knulp de Hermann Hesse. Nu, sem energia elétrica, água potável, televisão, celular, computador, automóvel e outros méritos fonte da indolência. Que alívio! Que triunfo de viver! À vista, somos pessoas de quase cinquenta países, percebendo uma Torre de Babel às avessas, pois parecem entender-se perfeitamente. Mais de duas mil figuras participam desta vivência comunitária com toque da Sherwood de Robin Hood.

Freaks, hippies, alternativos, malucos, artistas, religiosos, ativistas sociais e ambientais. Fugitivos do urbano injusto, do mer-

cenário, fraternalmente em comunhão com a natureza. Repartimos o pão com desconhecidos, comendo juntos com singeleza. Em outros tempos, agrupamentos com conceitos parecidos foram acusados de heresia, perseguidos e massacrados. Entre eles, os Cátaros, da Irmandade do Livre Espírito, na Idade Média. Ouço essa história da boca do italiano Gabriele. Ele e sua esposa veneziana, Ada, estão numa barraca próxima. Costumamos compartilhar a fogueira, alimentos, leituras e conversas. Pouco antes de dormir, ele toca flauta, quase sempre Mozart.

Na noite passada, Gabriele me contou que esteve recentemente na Polinésia, no vale luxuriante da Ilha de Maui, entre dois vulcões. Inicialmente não sabia a que ponto essa viagem seria importante para ele. Lá conheceu Kahuna Alamea, xamã de poderes extraordinários, uma mulher pequenina, vestida de branco, que irradiava sabedoria, calor e uma bondade milagrosa. “Pode acreditar em mim, nunca mais conseguirei esquecer-la!”, disse-me, continuando: “Kahuna significa Guardiã dos Segredos”. Na sua partida percebeu o chamamento mágico ao receber dela um presente valioso: o Talismã da Chama Sagrada. “Você vê, meu prezado Gabriele, a Chama Sagrada é o Sétimo Raio dos Arcanjos. Ele repara os destinos em perigo”, ouviu de Kahuna.

Segurou o talismã com cuidado. No momento em que nele tocou, o rosto de Deus apareceu claramente. Um sorriso radiante de felicidade iluminou o seu rosto. Símbolos de sorte e de proteção circularam lentamente à sua volta. O Talismã da Chama Sagrada está ligado à Memória Astral, à Biblioteca do Céu, onde cada alma e cada acontecimento estão registrados. Não somente o passado e o presente de cada pessoa estão nela escritos, como cada pessoa pode nela encontrar as suas possibilidades futuras e os destinos possíveis.

Ele tem o poder de curar feridas secretas e de programar o destino. Corta as conexões nefastas, transformando as energias negativas em positivas, o Azar em Sorte, o Mal em Bem. Gabriele continuou falando no silêncio da noite. Ele acreditava no que

dizia. Estava convencido. Sem curiosidade diferenciada, embora o caso fosse mágico e belamente narrado, decidi ir dormir. “Chegou o momento de uma virada no destino e passar à ofensiva!”, foi a última frase dele que ouvi. Ao acordar no amanhecer chuvoso a barraca do casal tinha desaparecido. Provavelmente nunca mais voltarei a ver os belos Gabriele e Ada, mas foi um encanto os dias e noites passados com eles. E a flauta faz falta.

O sistema organizacional da comunidade itinerante, nestes meses de gélido verão germânico, funciona através de colaboração voluntária, gente disposta revezando-se na tenda da cozinha, servindo refeições, lavando tachos, preparando fogueiras e ensinando o que sabe fazer melhor. Não se come carne, não se bebe álcool. O haxixe é tolerado. Fumo tabaco Golden Virginia e tomo café para combater o frio. Dezenas de circenses amadores animam a festa pagã: acrobatas, palhaços, saltimbancos, malabaristas, dançarinos, cuspidores de fogo, pernas-de-pau e contorcionistas. Na nervura dos troncos, na terra, no voo, borboletas, abelhas, caracóis, formigas, besouros, grilos, aranhas, joaninhas, lacraias e incontáveis insetos não identificados.

Pássaros inesperados. Flores-do-campo de diversas cores e tamanhos. Girassóis, roseiras silvestres, cardos. Paisagem de beleza exata, um deleite para os olhos. A harmonia local deita por terra ambições materiais, despertando ações solidárias. Justamente o que mais faz falta neste milênio tribal de fanatismo tatuado, valores ultrapassados, epidemias de depressão, corrupção e violência. Gozando o bem-estar, no doce sopro da noite, submeto-me a preságios. Acima de tudo, ao ser tocado pela cumplicidade dos invisíveis, a esperança renasce. Um ligeiro arrepio percorre-me. O que está para além da escuridão, da noite azulada absoluta?. Evitando reflexões obscuras, presto homenagem a joia do pensamento dócil escrevendo versos.

01

Estou sentado na mata com o caderno de apontamentos.

Anoitece sobre as vigilantes árvores

e brilha o mistério enquanto contemplo e escrevo

À volta derrama-se a escuridão de sombras e nostalgia.

Percebo a partida e o regresso, a morte e a vida.

Dentro de mim borbulha o mais puro sortilégio!

02

Quando alguém vai, como eu, na aventura de viver

tudo é possível, paisagens tornam-se vigorosas

algo soterrado brota em estranha compulsão

algo libertado e mitológico viaja no oculto

03

Creio no homem solitário,

ao mesmo tempo homem e anti-homem.

É complexo acostumar-nos a nós mesmos.

É complexo desacostumar-nos de nós mesmos.

As chamas da fogueira acentuam o paraíso. Pedras, relva, folhas e troncos iluminados cintilam. De uma fresta na copa das árvores, surgem estrelas. A existência inquestionável, imutável.

Guardarei na memória a dança das árvores ao vento. Movo-me em sossego, na maior discrição. Tudo conhecido, tudo inteiramente novo. Como um relâmpago rasgando a noite, comungo o sentimento de navegar ainda mais longe nas águas do simbólico. Em mim, distante da imaturidade, descubro plenitude modelada. Relaxo, deitando a carne desnuda no chão de terra batida, ao lado da fogueira, confiando no destino. O mais leve movimento faz-me perder a razão e sonhar. Uma lição para não esquecer.

Alem

ANTONIO NAHUD é jornalista e escritor. Autor de “Suave é o Coração Enamorado” e outros livros.

PERSEGUIÇÃO

Francisco Sobreira

Achou que era ela. Ela passara não muito perto de onde ele estava, vira só um lado do rosto, mas os soltos, longos, lindos cabelos pretos só podiam pertencer a ela - os mesmos uma vez amarrotados por um vento impertinente, quando ela fazia uma matéria para a televisão. Além disso, fazia-se acompanhar de uma senhora, muito provável a tia querida, que conhecia de fotos.

Foi no seu encalço, mal ela desaparecera. Muita gente, uma pequena multidão, enquanto se infiltrava por entre as pessoas, com licença, desculpe, não pôde deixar de pensar o que todos faziam ali e o que era aquele “ali”; rápido pela cabeça passou-lhe a ideia absurda de que estivesse em um sonho.

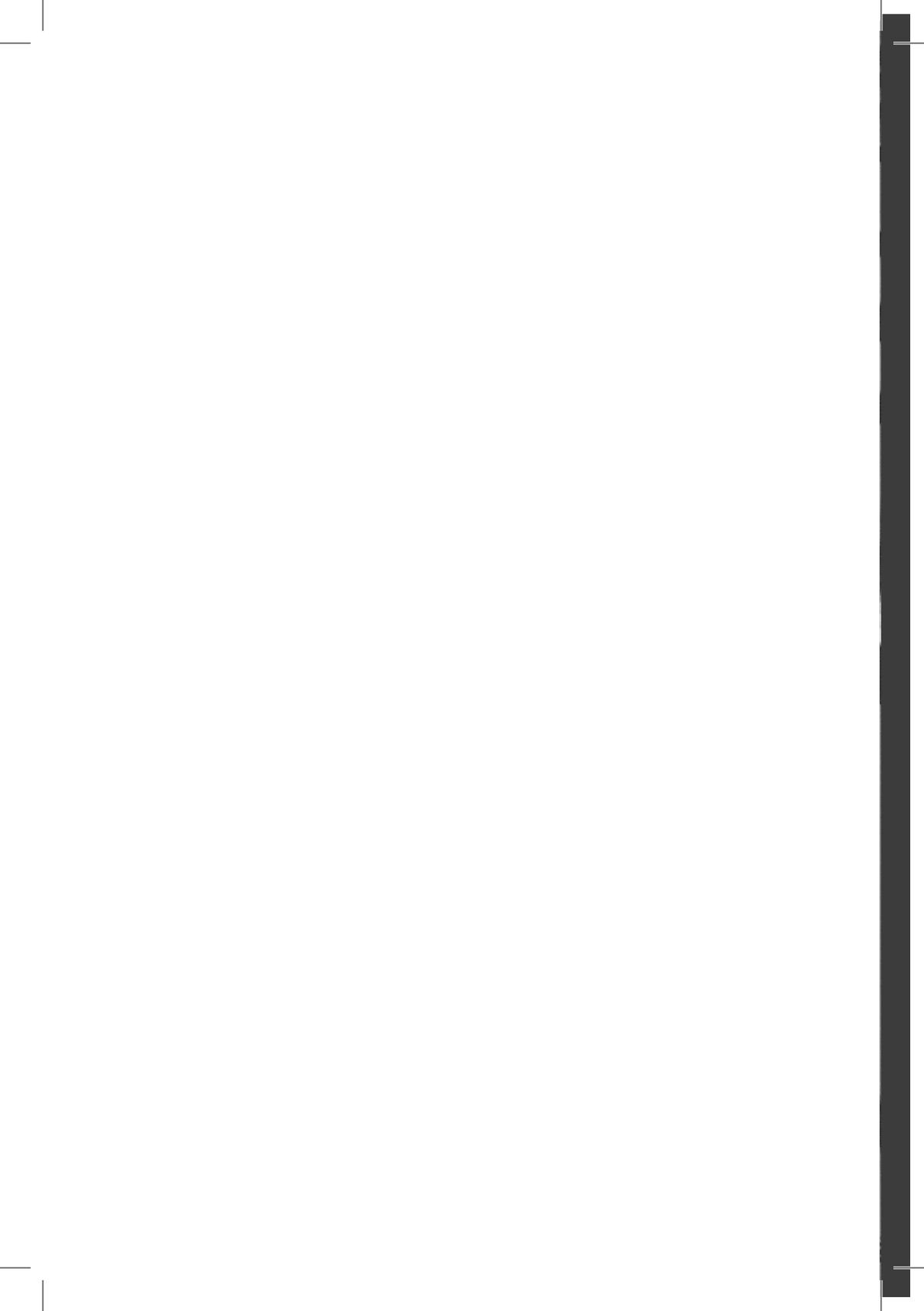
Com dificuldade, ultrapassava uns e outros, que pareciam se multiplicar, havia muito mais gente do que imaginara. Maior, no entanto, a esperança de reencontrá-la, tanto tempo transcorrido do breve contato entre eles. Uma tarde muita bem guardada na memória (no coração!).

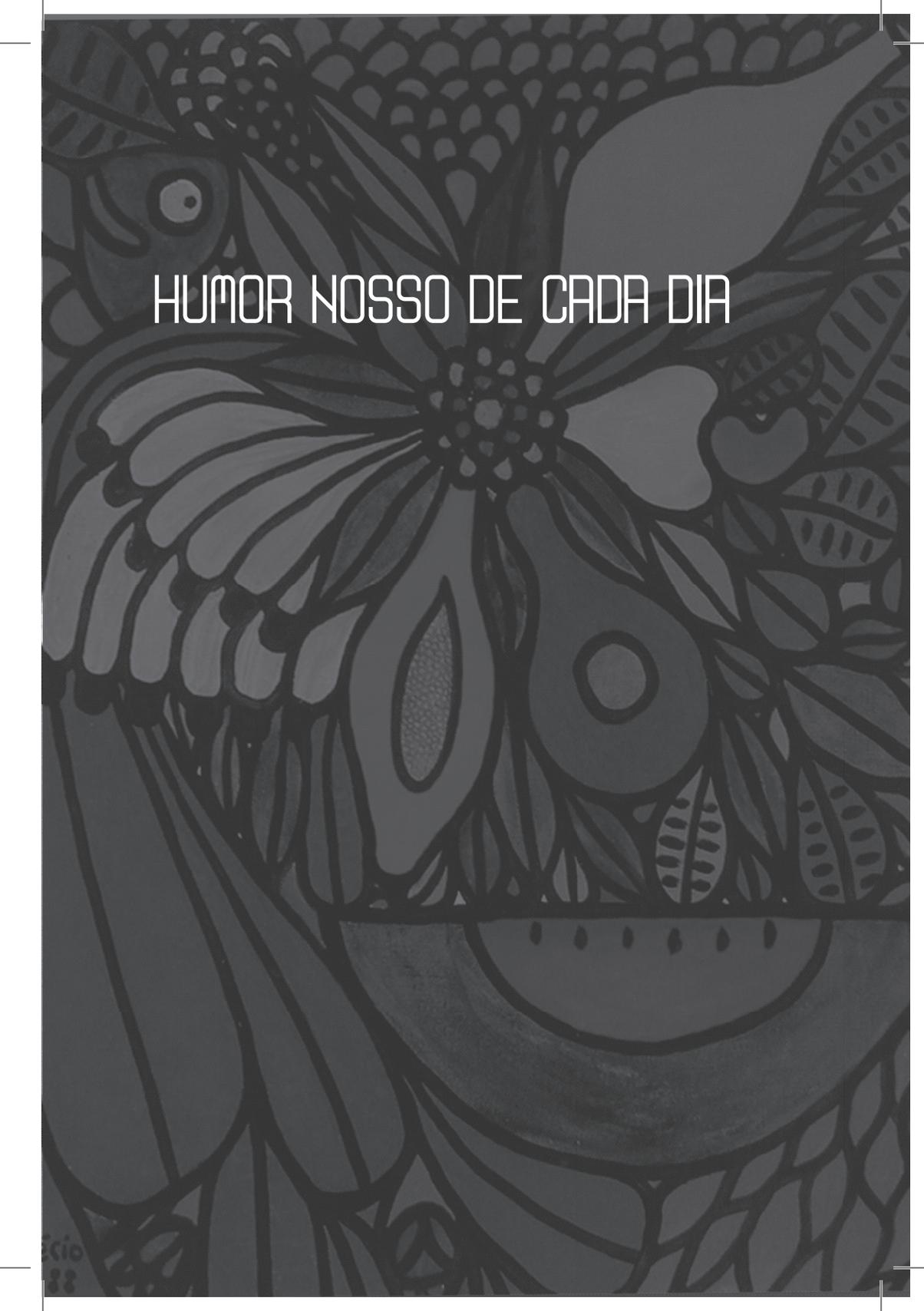
A moça bonita e simpática que lhe aparecia toda noite na tevê, agora à sua frente, os dois trocando palavras e sorrisos (num momento, por causa de uma brincadeira tola que fizera, ela rindo, algo encabulada, tocou-lhe o braço com a palma da mão, feito o que as mulheres costumam proceder em tais ocasiões). Tamanha a disposição para encontrá-la, chega antevia o reencontro, dali a pouco: ele chamando pelo seu nome (o tom de voz atrairia a atenção das pessoas próximas), ela o olhando, sem o reconhecer, ele se identificando, ela dizendo oba (a voz alta); e os dois se abraçariam, se beijariam nas faces, retomariam o papo interrompido daquela tarde. Apresentaria a tia (sim, a tia, tinha que ser a tia). Assim movido pelo ímpeto desse ansiado reencontro, atravessava aqueles

corpos que o separavam dela. E avançava e avançava e avançava - ah! tão longa e cheia de obstáculos a caminhada para chegar à mulher amada. E avançava...

Na cama, ainda não inteiramente desperto, naquele estágio que vivenciamos a cada manhã em que se renasce - um irmão uma vez o chamara de lusco-fusco - concluía, com um certo ar de desilusão, que, nem mesmo em um sonho, era-lhe concedida a graça de rever a moça bonita e simpática, os cabelos soltos, pretos, lindos.

FRANCISCO SOBREIRA é escritor. Autor de “A Morte Trágica de Alain Delon” (1972), “A Noite Mágica” (1979), “Não Enterrarei os Meus Mortos” (1980), “A Venda Retirada” (1999), “Infância do Coração” (2002), etc.





HUMOR NOSSO DE CADA DIA



MEMÓRIA POPULAR IV

Valério Mesquita

01) Quantas figuras, desconhecidas ainda, do folclore político e social não existem perdidas por esse Rio Grande do Norte afora? Uma delas é Bolo-Bolo de Caicó. Pelo apelido não resta dúvidas que fosse um exímio criador de casos e causos. Seu Chico de Caicó era um velho respeitável que levava a vida a sério e não admitia brincadeiras. Certa manhã, em pleno centro da cidade, aguardava a hora de retornar à zona rural, onde residia, quando, propositadamente, foi abordado por um brincalhão: “Seu Chico, que horas são?”. “Dez e meia, filho”, responde o velho. “Eita, faltam trinta minutos para o senhor dar o c...”. Num arranco, seu Chico partiu para pegar o zombador que se escafedeu em desabalada carreira. Lá, na frente, deu uma trombada logo em quem? Quem? Quem? Bolo-Bolo. Ao ouvir de seu Chico o motivo da carreira, Bolo-Bolo saiu-se com esse repente: “Mas, Chico, que pressa é essa, se ainda falta meia hora?”.

02) Caicó, mais uma vez em cena. Era o ano de 1976, quando a campanha municipal corria frouxa mas furibunda para não dizer perigosa. Pelo lado do PDS Irami Araújo era o candidato sofrido, marcado pela agressividade dos seus adversários. A coisa chegou a tal ponto que o vereador Antônio Bernardino ligou diretamente para o senador Dinarte Mariz a fim de mandar reforços para o policiamento da cidade. Dia seguinte chegou uma tropa de choque da PM que foi logo mandando brasa e dissolvendo reuniões políticas tanto de gregos quanto de troianos. O próprio vereador Bernardino, quando apartava uma briga, levou uma traulitada “tão democrática” e segura nos testículos que foi se queixar ao staff político: “Irami, que erro cometemos por ter chamado essa tropa de choque! Levei agora um chute no meu baixo ventre que acho até que atingiu a potência!!”.

03) Em Caicó, nos bons tempos em que Álvaro Dias e Vivaldo Costa eram correligionários, Renato Dias, irmão do então deputado estadual Álvaro Dias, discursava inflamado na praça pública elogiando o Papa. “Vivaldo”, proclamava Renato, “é um político que defende com unhas e dentes os interesses da nossa região. E quando se trata de defender Caicó ele tem vontade de mamar em onça!”. Ao seu lado, Vivaldo cochichou: “Menos Renato, menos. Em onça pequena sim, mas onça grande eu tenho é medo!”.

04) Na penosa travessia dos caminhos do sertão potiguar há sempre tempo para especulações no mercado de importações. Em Baixa do Meio, lugarejo próximo a Macau, o secretário de articulação política do governo José Maria Melo mostrava-se atento à paisagem. Logo apontou ao companheiro Newton Azevedo então presidente da CAERN, a fachada de uma lojinha com os dizeres: “Vende-se Importados”. Newton riu e jogou toda a sua fama de estradeiro de longo curso nesse comentário: “Conheço essas lojinhas do interior. De artigo importado só têm mesmo pão francês, cavaco chinês, bolacha japonesa, periquito australiano, melão espanhol, melão japonês, molho inglês inharé... etc, etc”.

05) Falar sobre o Atheneu dos idos 50 e 60 é caminhar numa procissão de lembranças. “Seu Babau, quantas declinações existem no Latim?”. “Sei não, professor”. “Sente, zero. Nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo.” Era o cônego Luiz Wanderley arguindo Raimundo Torquato, apelidado de Babu, mas o padre já declinava no “acusativo”: “Babau”. Vascaíno fanático, só havia um jeito da turma se livrar da terrível chamada oral de latim da segunda-feira: elogiar o Vasco e comentar a sua vitória. No caso de derrota: *delenda est Babau!*

06) Em fins de semana prolongados, o então governador Dinarte Mariz, dava uma esticadinha à Serra Negra e Caicó, mas sem perder o contacto com seus auxiliares. Certa feita, assinava alguns documentos e um palpiteiro mais chegado insinuou: “Você acha que seus secretários mesmo recebendo esses papéis hoje, irão se

empenhar, diante de um feriadão desse?”. Dinarte, sem mudar de vista, respondeu: “Eu não sou dono de ninguém. Secretário meu, faz tudo o que quer, só não faz o que eu não quero”.

07) Em plena Natal, em manhã de trânsito congestionado, o saudoso amigo septuagenário Aduino Medeiros procurava estacionar o seu veículo no Center Onze, onde funciona uma agência bancária, Petrópolis. De repente, viu uma vaga para deficiente desocupada. Não contou duas vezes. Manobrou e estacionou. Quando saltou e se dirigiu ao prédio, o vigilante advertiu: “Hei, psiu, é proibido colocar o carro aí. A vaga é só para deficiente físico!”. Aduino, não se perturbou. “Eu sou um deficiente”, rebateu. O funcionário examinou-o da cabeça aos pés. “Não vejo coisa nenhuma”. Aduino emendou sem perder a circunspeção: “É que eu não levanto mais”. E foi entrando. O rapaz tirou o boné, coçou a cabeça e o deixou ir. Para nós, algo novo e sem concessão de liminar, havia acontecido.

08) Passada a campanha vitoriosa do então deputado Flávio Rocha, seu pai, o vitorioso empresário Nevaldo Rocha, encontrava-se com alguns amigos mais chegados dos tempos do sertão de Caraúbas e um ousou perguntar: “Nevaldo, a imprensa especula demais. Às vezes para mais, às vezes para menos. Mas nos diga se é verdade que você gastou quarenta milhões para eleger seu menino a deputado federal?!”. O velho capitão de empresas, olhando para as nuvens, metralhou com extrema ironia: “Se eu soubesse que era tão pouco assim, teria elegido dois!!”. A platéia curiosa logo se desfez.

09) O doutor Tarcísio Maia, sem controvérsias, era o que se podia chamar pulso de ferro e coração brando. Fluía a campanha do filho José e ninguém melhor que o pai para costurar os apoios. Feito isso de cima para baixo, chegava-se ao patamar menor. Tarcísio, preocupado com a oração que “é dando que se recebe”, confidenciava a um amigo: “Amanhã começa a fase pior da campanha. Vamos dar início às conversações, petições e petitórios dos vereadores e prefeitos”. Para o governador, verdadeiras “pulgas

de córs”. Um costurava e o outro dava o nó. Até hoje, nesse cenário, nenhuma novidade no front.

10) O monsenhor Walfredo Gurgel, desde o tempo do Colégio Diocesano de Caicó, já fumava bastante. Tempos depois em campanha para o governo do estado, ele sempre encontrava uma brecha para pitar. Garibaldi Filho, que já xeretava a política, sempre que possível, postava-se ao lado do padre como que captando as mensagens e aprendendo o caminho das pedras. Certa noite, comício no Alecrim, os candidatos se engalfinhavam pelo microfone. De repente, veio aquela vontade que só o fumante sabe avaliar. O futuro governador pôs o cigarro na mão esquerda, procurou o isqueiro nos bolsos e não o encontrando, olhou para o rapazola Gari e pediu: “Meu filho, você tem fogo?”. O jovem, fingindo não entender, respondeu timidamente: “Que é isso governador?! Fogo eu tenho. Só que nunca fumei”. Risos ao derredor.

11) Djalma Maranhão era de poucas palavras. Em horas de descontração fazia colocações que provocavam risos aos circunstantes. Porém, não achava graça facilmente. Detestava bajuladores. Certa vez, lhe apresentaram um advogado por demais pegajoso. Em pouco tempo de conversa, o moço “já se sentia em casa”. Maranhão, cara dura por natureza, não estava gostando nada disso. “Prefeito”, disse o causídico, “precisamos levar uma conversa mais informal. Eu vou até à sua residência. Eu sei onde é sua casa. Você não mora ali na Rua Jundiá? Sua casa não é de frente a uma padaria?”. Djalma olhou fixo para o chato sujeito e acentuou: “Não, rapaz. A padaria é que fica de frente à minha casa. Mas, não vá. Com certeza, eu não vou estar em casa. Não importa a hora”.

12) A Assembleia Legislativa em sessão solene rendia homenagem ao líder pemedebista Ulisses Guimarães. Os oradores sempre, no mesmo diapasão, enalteciam o inesquecível político, vítima de desastre aéreo. Convidado de honra, postava-se ali o então senador Lavoisier, que, baixinho, comentava com dois amigos, segundo as más línguas “que estava no helicóptero sinistro, uma

moça” que seria absurdamente um caso de Ulisses. Em dado momento, um orador sublinhou com destaque: “O doutor Ulisses morreu cheio de amor pela pátria!”. Lavô misturando “as conversas”, ao seu estilo, em voz audível murmurou: “Por amor a pátria e outros amores! O senador morreu feliz!”. Ao derredor, desabrocharam discretos e contidos sorrisos.

13) Cego Aderaldo era um repentista de primeira linha. Dentro de casa, encontrava certa dificuldade para se locomover em virtude de manter uma pequena creche com onze crianças adotivas. Contava com o repentista José Alves Sobrinho, que o aconselhou a se casar ou arranjar uma mulher para tomar conta da creche e assim se dedicar mais à cantoria. O poeta ouviu o conselho e versejou: “Eu já pensei nisso, não nego! / Mas em batata quente eu não pego! / Pois já vi muita gente com vista / Levando chifre quanto mais eu que sou pobre e cego”.

14) Padre Júlio Bezerra caminhava cerca de dez quilômetros no lombo de um jumento, para celebrar missa na freguesia do município de Assu. Certa feita, ao passar debaixo de uma frondosa oiticica foi surpreendido pela voz de uma criança. Era uma mocinha de mais ou menos doze anos. Ela havia subido num galho e falava em voz alta: “Abênção”, padre...”. O bom vigário olhou para cima, e, respondeu: “Deus te abençoe... Desce daí menina!”. Metendo a mão no bolso, emendou: “Pegue dois mil réis! Mandé sua mãe comprar uns panos para fazer uma calcinha pra você! Quem já viu isso!”. A menina contou a mãe o acontecido, e esta, esperta, esperou a volta do vigário. Na chegada do padre, a velha em posição estratégica pediu: “”Abênção” seu padre...”. O vigário olhou para cima, e, horrorizado disse: “Deus te abençoe... Desce daí mulher! Tome um conto de réis, compre uma gilete, raspe esse bicho feio...”.

15) Voltando ao interior, chega-me a história de Luís, empregado do misto de São Tomé. Para os que não sabem, misto era um caminhão de duas boléias que imperava no transporte de

feirantes lá pelos idos de 1950 e 1960. D. Maria, tia de Levi, ex-bancário natalense, hoje radicado em São Tomé, possuía um terreno ao lado de sua casa, que oferecia banho aos caminhoneiros e feirantes calcinados pela poeira e sol escaldante dos tempos de seca e falta d'água. Chegado de viagem, Luís foi procurar o banho. D. Maria, porém, advertiu que “a água estava escassa”. Luís insistiu. “Só se for economizando muito”, resumiu D. Maria. Ao cabo de alguns minutos, observando por perto que não ouvia o barulho da água derramada pela cuia, preocupou-se e bateu à porta do banheiro. “Seu Luís, ô seu Luís, tá acontecendo alguma coisa? Não tá tomando banho, não?”. Uma voz tranquila veio lá de dentro: “A senhora não falou pra não gastar a água? Tou tomando banho dentro do tanque...”.

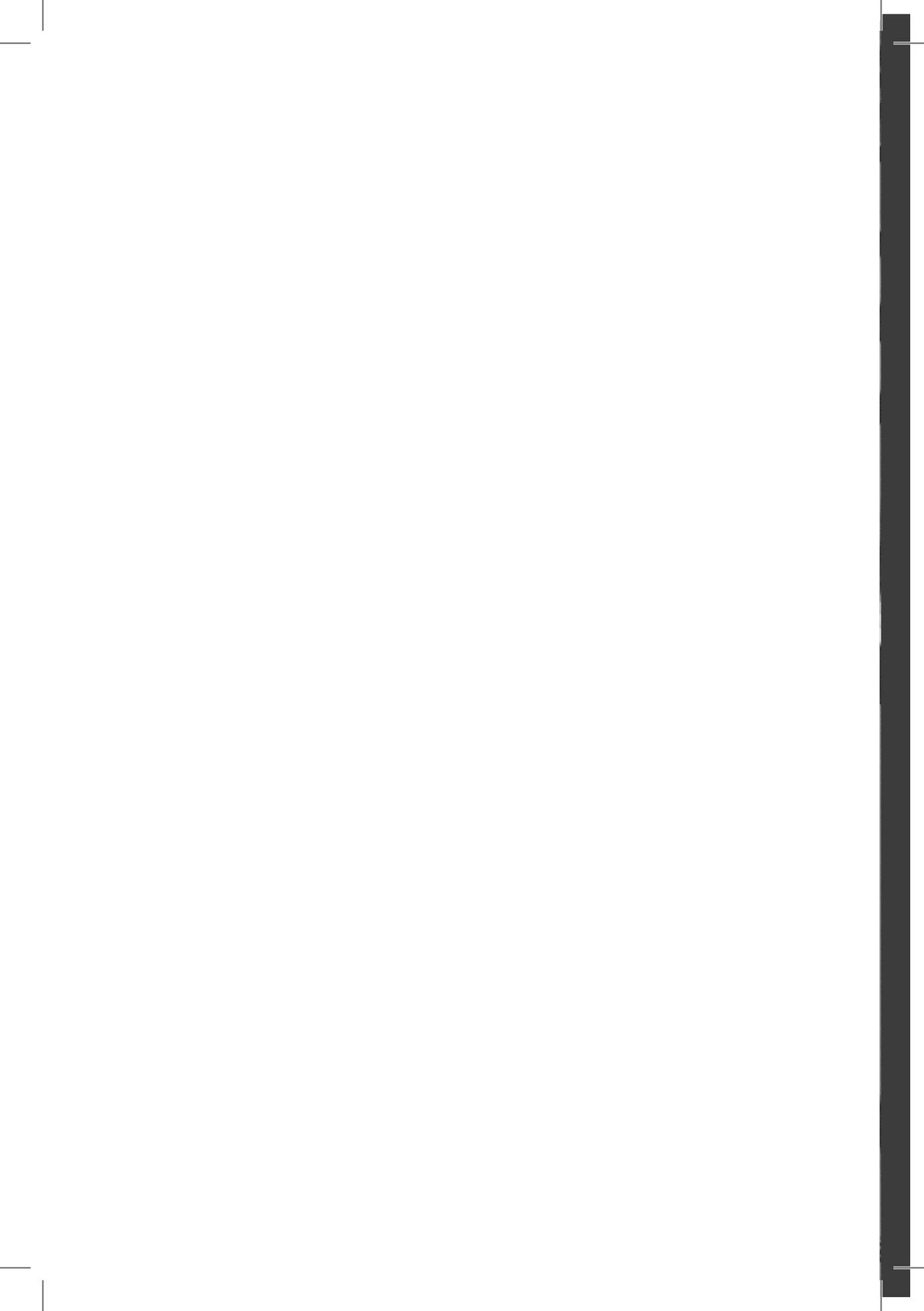
16) No tempo em que Tibau era praia (hoje virou cidade), o dr. José Holanda, de Mossoró, consultava no alpendre o “velho lobo do mar” João de Chagas. “O que o senhor tem?”, perguntou o médico. “Doutor, eu tenho uma dor vinda dos gorgomilos do peito e responde na cruz entre uma pá e outra”. “E o que tem mais?”, indagou o médico. “Fora isso”, continuou João das Chagas, “tenho uma rural 68 e Chica Coco, uma quenga lá de Macau. Mas só vou lá por quinzena”. Para o doutor foi mais difícil achar o diagnóstico do que a rapariga de João das Chagas.

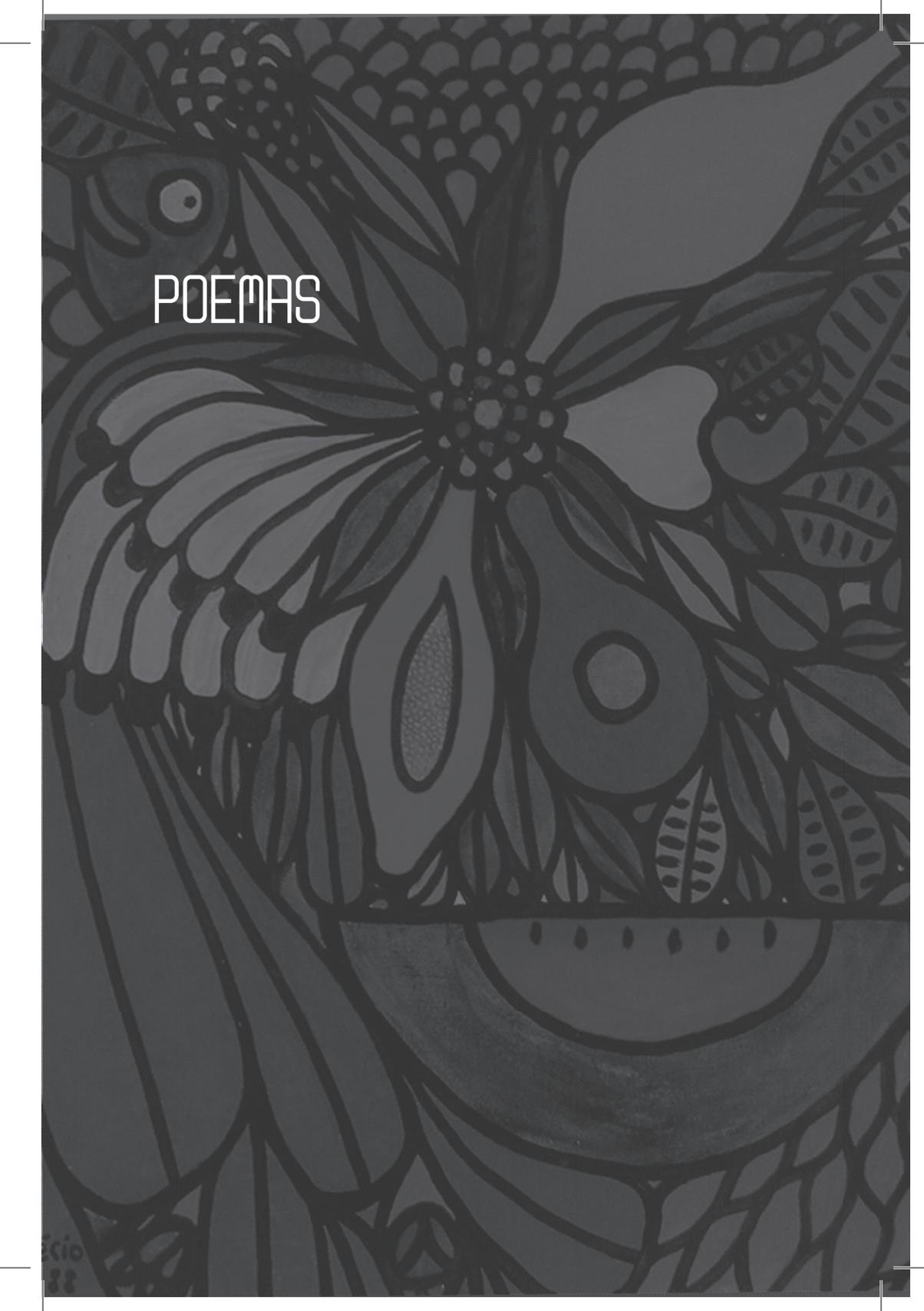
17) Neco Dantas, sujeito moralista, bigodão de meter medo, tinha um defeito quando bebia: não se controlava, bebericando, e dormia onde estivesse. Certo dia, alguns amigos encontraram Neco em profundo sono etílico, em uma rua esquisita. Resolveram, então, aprontar uma com ele. Quebraram alguns ovos, enxovalhando a calça do ébrio, principalmente na braguilha e nos fundilhos. Neco Dantas ao acordar, passou a mão no molhado e não gostou. Saiu bravo pelas ruas, procurando quem “fez aquilo”. Ao chegar à barbearia, alguém o saudou: “E aí Neco, tudo bem?”. Brabo, demais respondeu: “Eu queria saber...”. Um freguês que lia um jornal, interrompeu: “Olha aqui essa manchete! Pegaram um bêbado à noite, e fizeram “tudo com ele”!”. Neco Dantas, ouvindo

isso, baixou o facho: “Vixe Maria. Notícia ruim anda ligeiro. Vou já pra casa!!”.

18) O sargento Lolô, célebre personagem de um crime ocorrido em Natal, lá pelos idos dos anos cinquenta, participava do júri que definiria sua culpabilidade. Sala cheia, calor, fumaça profusa dos fumantes, tensos e aflitos. O réu, sabendo que o seu destino estava selado, soltou um poderoso flato que chamou a atenção dos circunstantes. Para responder aos olhares dos curiosos justificou-se: “Eu fico preso, mas você sai.”

VALÉRIO MESQUITA é escritor e advogado, autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.





POEMAS



TRÊS POEMAS DE JARBAS MARTINS

BREVE ROMANCE DA MUSA COMPROMETIDA

Estava como reclusa
em uma noite de festa
quando rocei sua blusa
por uma flagrante fresta.
Meu olhar com o seu se cruza

e – como incêndio em floresta –
uma luz se fez difusa.
O deus Cupido me empresta
uma seteira, onde inclusa
vinha a tesão que se apresta

a nomeá-la minha Musa.
Mas a cortar uma aresta
o destino nos acusa.
O anel no dedo atesta
que só nos resta a recusa.

CANHOTEIRO

Ao meu irmão Jairo, torcedor do São Paulo Futebol Clube e admirador de Canhoto.

Em um primeiro tempo ele driblou
Coroatá, uma trave e o campo ausente.
Driblou o Maranhão, berço insolente,
de revoltos lençóis que o atirou

num minifúndio de inocência e grama.
Belzebu, seu grão-mestre, o adestrou
no azucrinado ritmo de um Tambor
de Mina. E maestro o fez do próprio drama.

Tirou o time. Em São Paulo um templo
erigiu o farsante ao seu não senso.
Fazia coisas de tihoso. Exemplo:

driblava nos limites de um lenço.
Driblou seu obscuro nome e a glória,
ignorou as leis, o mercado e a história.

UMA VERSÃO

De Carl Sandburg

Fog

The fog comes
on little cat feet

It sits looking
over harbour and city
and silent haunches
moves on.

xxxx

Névoa

Vem a névoa
em breve pisar de gata.

Queda-se olhando
o porto e a cidade
sentada em silêncios e
esgueirando-se em seguida.

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Contracanto” e outros livros.

QUATRO SONETOS DAS QUATRO ESTAÇÕES²⁰

Roberto Lima

Soneto da Primavera:

O FLAMBOYANT DA ESTRADA

Faz linda tarde, amor, quase um verão risonho,
E ambos, sorrindo ao sol da tarde avermelhada,
Vamos ao longe, enquanto eu para ti componho,
Uma canção de amor do coração brotada.

Faz linda tarde, amor... E eu fico, como em sonho,
A contemplar silente o flamboyant da estrada,
Que tão florido surge ao meu olhar tristonho
Por te saber partir ao fim da caminhada...

E o flamboyant repousa as suas vestes finas
Por sobre um muro triste, esfacelado, em ruínas,
A distender soberbo uma explosão de flores...

- Bem se assemelha a mim aquele velho muro,
Meu coração se parte enquanto eu te procuro,
E tu me abraças rindo a me cobrir de amores...

Natal, 1966

20 1-Do livro “Sonetos das 4 quatro Estações” (inédito)

Soneto do Verão:

AZUL

Um vasto azul no céu se fez naquele dia,
Cada vez mais profundo, intenso azul sem par;
Porém, no denso mar, bem mais azul havia,
Mais azul do que o céu pudesse comportar.

E assim, ó minha amada, enquanto parecia
Vir todo o azul do céu nas águas mergulhar,
Eu logo emaginei que assim também seria
O nosso amor tal como aquele azulejar...

À tarde, o azul fugia, aos poucos, serenando...
Talvez, ficasse eu triste ao vê-lo se apagando,
Não soubesse em que céu pudesse se encontrar...

À noite, o azul se foi sem se saber pra onde...
Mas eu sei que o meu céu, dentro de ti, se esconde
Quando mergulho o azul desse teu doce mar...

Natal, 13 de dezembro de 1981

Soneto do outono:

FÉ

“Fé ou razão” não é nenhum dilema.
Não há, entre uma e outra, uma exclusão.
“Fé e razão” também não é problema,
Pois não existe aí contradição.

Pergunte-se à razão, por entimema,
“Por que a fé?” e à fé, “Por que razão?”
Qualquer resposta é simplesmente tema
De profunda e sutil meditação...

Há razão para a fé, mesmo sem tê-la,
Como há fé pra razão mesmo sem vê-la
Na consciência reta, iluminada...

Mas, sem fé, não se vê a eternidade,
Vive-se apenas na efemeridade
Como algo pouco mais que o próprio nada...

Búzios, 9 de fevereiro de 2020

Soneto do Inverno:

CENA DO INVERNO

Terra molhada, céu acinzentado
Chuva bem farta desde as cabeceiras...
A plantação promete, no roçado,
Milhos, feijão, maxixes, macaxeiras...

Tudo que é vivo cresce a todo lado,
Há bezerros glutões, vacas leiteiras...
Há promessas também de amor guardado
No seio das mulheres parideiras.

E as cachoeiras, gargalhar das águas,
Lavam feridas no esquecer das mágoas
Depois de longa e seca solidão...

Ao longe, o riacho, enchendo o verde prado,
Cobre os vestígios de haver chão rachado,
Toda a alegria torna pro sertão...

Natal, fevereiro de 2020

ROBERTO LIMA é poeta, escritor e compositor. Professor aposentado da UFRN. Autor de “As Dimensões do Espaço Íntimo”, “O Quinto Anjo” e outros Livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e UBE/RN.

O SUSSURRO DO OUTRO EM SI

Elder Heronildes

“Querer ser velho depois de novo é não querer ser novo depois de velho”
Sussurrava para si, quem não era uma coisa, nem outra.
Nem queria, em verdade, ser.
Fingir que era, não era.
O sim, numa situação insólita, seria incompreensível, pois não
pode ser quem nunca quis, nunca foi e nunca será.
Pesar-lhe era o tormento.
Sem dó e sem piedade, também.
Estreitava-se cada vez mais.
Não podia esconder, estava às claras.
Sentindo ou sem sentir,
não podia esconder.
O clarão dimensionava sua dor,
Pensando na velhice que voltava
sem a juventude, que fugia.
A saída era uma só, abominava-a.
Perdia-se e afundava-se com ela
Embora na certeza, a sua certeza.
Alguém traçara-lhe o caminho,
sem volta.
Ia sem querer ir.
O destino se lhe apontava,
Sem admitir volta.
A noite, por isso, seria sua ida infinita,
Na totalidade do ser.
Na juventude ou na velhice
nunca alcançadas.

Com elas ou sem elas, ia,
Sem volta, continuava sussurrando.
Sem volta.
Querendo ou não querendo
Ser velho depois de novo,
nem querendo ser novo depois de velho.
E no final, nunca sendo.
Continuava sussurrando, inerte
E sem pensar.
Não era velho nem novo.
Nunca será, nunca será
Nada impede ser o fim.
Continuava o sussurro
Nunca será nunca será nunca será

ELDER HERONILDES é escritor e advogado, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras (AMOL) e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

BRUMA

Chumbo Pinheiro

Não te ouvimos Mariana!
Teu ventre aberto e público:
Pauta das mídias.
Mariana, quem sentiu tua dor, senão teus filhos?
Ah, Mariana!
Porque não abrimos nossos olhos?
Estávamos como hipnotizados
diante das telas espetaculares
e fantásticas de luzes de led
nas quais assistíamos a tragédia.
Tragédia! De todas as tragédias:
humana, ambiental, financeira...!
Veio a bruma. A bruma é leve é brisa.
Veio Brumadinho.
Tão suave e doce. Silenciosa Bruma.
A montanha, a bruma, o rio.
Uma gotinha de chuva faz transbordar um rio.
Mônadas! Mônadas.
A tempestade pode nascer da brisa.
E a bruma já não é tão doce.
Ferida Brumadinho anunciada.
Derrubando vidas os bolsos de ferro
Teu seio Bruma habita-se agora
com os corpos, memórias e histórias.
Tua dor Brumadinho só não é maior
que as mãos solidárias dos salva-vidas,
ainda que, a vida tenha sido interrompida.

Resta a dignidade, ainda que triste.
Brumadinho de tantos brasileiros,
chamaremos em voz alta; e o teu nome
será maior que este vale de lágrimas e ferro.

CHUMBO PINHEIRO é o pseudônimo de Luís Pereira da Silva. Licenciado e bacharel em História e bacharel em Ciências Sociais pela UFRN. Autor do livro “O silêncio que habita”, entre outros.

O ARTISTA DA CAPA

Aécio Emerenciano nasceu em Ceara-Mirim, RN, a 22 de junho de 1935. A terra dos canaviais, como é conhecida aquela cidade, com a sua natureza exuberante, está presente em sua obra pictórica, notadamente, frutos e flores, intensamente sugestivos. Sua pintura, no dizer de Doriam Gray Caldas, é “uma festa pura aos sentidos, uma proposta para a diversidade, numa surpresa para o olho menos acostumado à inventiva dos jovens” (Artes Plásticas do Rio Grande do Norte, 1989).

Formado em Direito, Aécio chegou a ser chefe de Gabinete do Governador Aluizio Alves. Em 2009, para comemorar os 50 anos de arte, publicou “A Natureza Viva de Aécio Emerenciano”, com mais de 40 amostras de seu trabalho com painéis, murais e quadros.

Dentre os seus trabalhos destaca-se um grande painel existente no Museu da II Guerra Mundial, antigo aeroporto Augusto Severo, em Parnamirim.

Aécio Emerenciano faleceu em 30 de setembro de 2019

QUADRO DE ACADEMICOS 2020

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Cláuder Arcanjo.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado (vaga).
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário de Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandy Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto, Ivan Lira de Carvalho (eleito).
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga. (eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
em março de 2020

www.offsetgrafica.com.br